

ANTÓNIO GÓMEZ RUFO

# A NOITE DO TAMARINDO

*Tradução de Maria Teresa Martins*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



*Devemos ter cuidado com os sonhos  
porque são sereias para a alma.  
Cantam, chamam-nos, seguimo-las  
e jamais voltamos.*

GUSTAVE FLAUBERT

*A cada dia que passa bastam-lhe  
os seus temores, não há por que  
antecipar os de amanhã.*

CHARLES PÉGUY



## PRIMEIRO MOVIMENTO



Naquela noite chovia sobre a cidade. Há pelo menos duas horas que as ruas se tinham silenciado e o resplendor inútil dos candeeiros iluminava os silêncios com um bafo anilado que pousava calmamente sobre a calçada nova e a superfície do asfalto.

O alvoroço da água a cair, à meia-noite, conferia a Viena o aspecto de uma cidade deserta, como no final de uma guerra que se tenha perdido; uma cidade desolada e temerosa onde a culpa continuava a incomodar depois de três gerações e a velha memória apagava sorrisos com a severidade de um requiem. A espaços, como se fossem espasmos, violentas rajadas de vento de Oeste aumentavam a sensação de frio e alguns relâmpagos, mascarados por entre as nuvens, iluminavam os céus sobre o horizonte. Outubro acabava de começar, mas o ar já se fazia sentir na cara e nas mãos como se os dias estivessem a passar pela metade do Inverno, sem dissimulação.

Cautelosos, silenciosos e furtivos, três homens saíram apressados de um Skoda checo estacionado minutos antes na Karlsplatz na esquina com a Karlsgasse, precisamente em frente do flanco direito da Karlskirche, a majestosa igreja erigida em honra de São Carlos Borromeu. Iam vestidos com um fato de neopreno, iguais aos que são usados pelos mergulhadores, mas com o capuz recortado, e tinham coberto a cabeça com gorros pretos de nylon sem brilho. Calçavam sapatilhas desportivas também pretas e os três moviam-se com serenidade e agilidade, demonstrando conhecer com

absoluta precisão o que tinham de fazer. Momentos antes tinham sincronizado os seus relógios para as doze em ponto.

O grego Nikos foi o primeiro a sair do carro. Depois dele saíram o austríaco Wilhelm e o italiano sem nome. Ajustaram o gorro para se protegerem da chuva e foram buscar os respectivos sacos à bagageira. Ao fechar o capô, o italiano levantou a cabeça para o céu por momentos. Nikos também olhou para o alto.

— Maldita seja! Tinha de ser esta noite! — resmungou o grego com a boca quase fechada e torcida, desenhando um exagerado gesto de desagrado. — Agora só falta que um raio nos caia em cima.

— Silêncio! — O italiano voltou-se para ele, irado. — Quero silêncio absoluto! Entendido?

— Mas...

— Cala-te! E depois não sei do que te queixas, grego: uns quantos trovões até vinham a calhar para não sermos só nós a fazer barulho.

Os três homens, transportando cada um deles um saco preto na mão, correram até à parede lateral da Karlskirche e ficaram junto ao muro de pedra. Uma vez ali, asseguraram-se de que ninguém os tinha visto a cruzar a rua e prepararam-se para avançar com toda a rapidez pela taipa até chegarem à fachada principal da igreja. Um primeiro raio iluminou a abóbada do templo: era de estilo romano, com mais de setenta metros de altura; e o clarão do céu afogou-se no lago contíguo no qual se reflectiam os perfis do edifício sacro. Instantes depois um novo relâmpago e o primeiro trovão sacudiram a noite com força. O ribombar tinha começado.

— Odeio as trovoadas! — amaldiçoou o grego.

— Cala-te! — o italiano levou um dedo aos lábios e logo indicou com a mão que o seguissem.

Sem deixar a parede chegaram ao frontispício da igreja. O italiano olhou para um lado e para o outro e ordenou-lhes que parassem. À direita erguia-se a Universidade Técnica, fechada e fantasmal a essas horas; e por detrás estendia-se o parque que rodeava o pequeno lago. Todas as ruas próximas continuaram desertas até que, ao fim de alguns segundos, uma furgoneta branca passou lentamente pela Gusshausstrasse com os limpa-pára-brisas a lutar contra a água que naquele momento caía com a intensidade de um aguaceiro de Verão. Com medo de serem descobertos colaram-se à parede como sombras pondo-se a correr e refugiando-se debaixo do átrio de uma das torres quadradas. Era impossível que o condutor daquele veículo tivesse reparado neles, pensou o italiano. Quando a furgoneta branca se perdeu pelo fim da rua, sem parar, o italiano deu ordem de prosseguirem.

— E depois, em Janeiro, o calor vai sufocar-nos...

— Cala-te, porra!

Muito devagar, procurando a protecção do arco da torre e o abrigo dos encaixes e saliências do edifício, foram-se aproximando da imponente coluna da direita. Outro raio iluminou durante alguns instantes a fachada da igreja. De onde tinham parado, a visão daquelas colunas tão parecidas com as que Trajano ergueu em Roma, assim como a torre austríaca na qual antes se tinham resguardado e a mesma entrada grega, que imitava a do Pártenon, revelavam-se impressionantes. Os três homens permaneceram a observá-las por um instante, sobressaltados ou talvez apenas rendidos à curiosidade; mas o italiano sem nome reagiu de imediato, percorreu o último percurso do seu trajecto e deteve-se aos pés da coluna.

— Aqui — ordenou num sussurro. — Venham para aqui.

Nikos e Wilhelm chegaram ao pé dele e olharam para cima. A coluna, coroada por uma peculiar sacada dourada e uma terminação de zimbório com o tecto abobadado, parecia elevar-se até às portas do céu, onde as nuvens se abraçavam. De seguida voltaram-se para o italiano, confusos.

— De certeza que é aqui? — o grego franziu os olhos.

— Sim! — respondeu o italiano, quase ofendido. — Aí dentro, no interior desta coluna, existe uma escada em caracol que ascende até à parte mais alta. E aí é precisamente onde nós vamos.

O grego levantou os ombros, cabeceou de um lado para o outro e coçou a nuca por debaixo do gorro. De seguida afastou-se alguns passos do grupo e deteve-se a rebuscar pelas laterais da base quadrangular, apalpando a pedra cada vez mais intrigado.

— Pode saber-se que merda estás a fazer, Nikos? — perguntou o italiano, chegando ao pé dele.

— À procura da entrada...

— A porta de acesso está dentro da igreja, porra! — o italiano levantou a voz, entediado. Em seguida resfolegou paciente, voltou-se para o austríaco e assinalou a entrada do templo com o dedo indicador em riste. — Vamos, Wilhelm, força o portão.

O louro assentiu. Os três homens correram até às portas, subindo de dois em dois os doze degraus da escadaria que conduzia até elas, chapinhando na água retida na superfície dos degraus. O italiano e o grego esconderam-se no abrigo das colunas enquanto o impassível austríaco poisou o seu saco no chão com toda a calma, abriu o fecho e retirou uma gazua dobrada que desdobrou, fixou e aparafusou, antes de começar a manusear a grande fechadura com a precisão de um mestre relojoeiro. Wilhelm verificou o interior do mecanismo conscienciosamente até encontrar o ponto de apoio. Depois, com a mesma gazua, fez pressão para cima e para baixo e girou o trinco, extraiu o gancho do olho da fechadura e empurrou com

suavidade a porta, que sem nenhum queixume se moveu o suficiente para que um corpo pudesse entrar pela abertura.

Os três homens deslizaram como doninhas na nave ovalada. Uma vez no interior, o italiano empurrou outra vez a porta até a unir com os gonzos, sem a fechar completamente. As dobradiças também não gemeram desta vez.

Naquele local sagrado cheirava a cera pura e a incenso velho. A escuridão do interior do templo era densa e inquietante; o peso da sua grandiosidade era sentida quase dolorosamente, e os três homens sentiram na cabeça a pressão do grande vazio que ascendia até à cúpula. Controlando-se, e apalpando, o italiano rebuscou no seu saco, retirou uma lanterna e iluminou o seu lado esquerdo para desvendar a entrada da escadaria em caracol da coluna exterior. Por ali devia estar. Aproximou-se com muito cuidado para não fazer barulho e iluminou toda a parede com a lanterna, de cima a baixo. E, com efeito, uns metros mais à frente descobriu as marcas da velha porta disfarçada por detrás de um facistol adornado por velas apagadas. Não o tinham informado mal.

A porta interior que dava acesso às escadas da torre, selada há já demasiado tempo, estava localizada atrás do atril das velas e debaixo de um altar saliente com um conjunto de ícones de ornamentação sagrada. Não tinha aldraba nem cadeados. Encontrava-se tão abandonada que se tornava impossível de decidir para que lado se abria ou por onde convinha fazer alavanca para que saltasse. Inclusive, era possível que não se tratasse de uma verdadeira porta mas sim de um muro dissimulado com um revestimento que a imitasse. O italiano sem nome não arredou pé.

— É aqui. Traz a alavanca, Nikos.

O grego abriu o fecho do seu saco, retirou a barra de ferro e entregou-a ao austríaco. Wilhelm procurou à volta dos limites da porta com a ponta da tranca um ponto de apoio, mas não o encontrou. Então raspou as bordas dos gonzos, que estavam cobertas de cimento e de anos, e traçou uma pequena volta. Voltou-se para o italiano para lhe perguntar com o olhar se deveria continuar a perfurar.

— Continua — aprovou, e ao mesmo tempo reafirmou com a cabeça. — Faz a fenda um pouco mais profunda, vê lá se consegues fazer saltar essa maldita porta.

O austríaco raspou com força até que completou a volta que delimitava uma das laterais da portinhola. Depois retirou um martelo do seu saco e novamente com os olhos pediu autorização ao italiano para dar uma pancada seca na alavanca num ponto intermédio, calculado ao calhas. Este deteve-o com um gesto da mão, correu até à porta da igreja, entreabriu-a apenas alguns centímetros, olhou o céu e esperou que se produzisse a

descarga de um novo relâmpago. Quando o céu se encheu de luz contou mentalmente os segundos decorridos até ao momento mais ensurdecedor do trovão: um, dois, três, quatro... , nove segundos. Ao abrir-se o céu com outro raio, voltou a contar. Ao chegar a quatro, indicou ao austríaco que se preparasse. E ao chegar a oito, ordenou:

— Agora! O ruído seco da martelada confundiu-se com o exagero do ribombar do novo trovão. A pancada foi tão vigorosa que a alavanca entrou mais de um palmo no interior da volta, com a facilidade de uma faca a cortar manteiga.

— Está oco! — surpreendeu-se o grego.

O austríaco assentiu com a cabeça, corroborando as palavras do seu companheiro.

— Bom — disse o italiano. — Tenta fazê-la saltar. Os dois homens apoiaram-se sobre a alavanca e sem necessidade de fazer um grande esforço, a porta abriu-se entre os protestos das dobradiças oxidadas e desprendimentos de pintura, lascas de gesso e escombros de cimento. Como se trezentos anos de silêncio se tivessem derrubado sobre um tempo doloroso. O italiano sobressaltou-se com o ruído do desabamento, apagou de imediato a lanterna e procurou por entre as trevas do templo qualquer sinal que denunciasse se algum clérigo ou vigilante tivesse saído para ir ver o que estava a acontecer. Deixou passar alguns segundos com a respiração contida e os olhos arregalados contra a escuridão do vazio. Talvez tenham sido os restos da chuva, ou os nervos agarrados ao ventre, mas a sua cara e a dos seus companheiros ficaram cobertas por uma máscara de suor. O italiano recuperou o alento, voltou a acender a lanterna em direcção ao chão e, com toda a rapidez, meteu-se pela porta encostada que dava para o interior da coluna. A partir de dentro ordenou aos seus companheiros que o seguissem; depois, nas suas costas, encaixou de novo a porta e começou a subir velozmente a escada de caracol que subia sem fim à vista.

Os três homens venceram os primeiros degraus animosos e com agilidade. Mas aqueles degraus que davam voltas e mais voltas pareciam não acabar nunca. Ainda não tinham completado a primeira meia centena quando o italiano os mandou parar.

— Está bem, descansemos um pouco — balbuciou, ofegante. — Menos mal... Devemos ter subido uns dez andares, pelo menos... — o grego Nikos capitulou num degrau.

— Talvez seis andares, seis — inventou o italiano, deixando-se cair também noutro degrau. — Calculo que teremos de subir uns doze, assim é melhor ir com calma. E tu, Wilhelm, também podes sentar-te.

O austríaco encolheu os ombros, depreciativamente, para indicar que

não precisava de descansar, olhou para o italiano por um momento e continuou a subir.

— Continua, continua, que já vais parar — resmungou o italiano sem nome antes de o perder de vista escadas acima.

— Esse gajo... deve ter nascido num ginásio — ironizou o grego, com a respiração entrecortada. — E a verdade... é que eu... já não estou para escalar montanhas...

— Por cem mil euros até subirias pelas tripas esventradas da tua própria mãe... — o italiano resfolegou e fez um gesto de desdém com a mão.

— Sim, é possível. — O grego cravou os seus olhos no italiano. — O que não sei é por quanto tu o estás a fazer, *macarroni*...

— De qualquer maneira não é assunto que te diga respeito. — O italiano aceitou o repto e fixou-lhe o olhar.

— Está bem — cedeu o grego. — Mas também não nos dissestes o que vamos roubar.

— Não há necessidade de saberes, Nikos. E não voltes a chamar-me *macarroni* se quiseres conservar a pouca saúde que tens para gastares o teu dinheiro. Vamos, prossigamos! O italiano ergueu-se e continuou a subir as escadas. O grego, com um sorriso conformado nos lábios, imitou-o.

— De certeza que se trata de um quadro — murmurou, indolente. — Um Ticiano, um Brueghel..., bem sei eu. É um quadro...

Apenas o fulgor da lanterna do italiano ia abrindo o caminho abandonado através do qual ascendiam, desvendando paredes leprosas e desabitando-o de fantasmas. Não havia vestígios do austríaco Wilhelm. O grego, trepando muito colado ao homem que o precedia, pediu para descansar mais duas vezes; à terceira, o italiano assentiu. Nenhum dos dois era uma criança: o grego rondava os sessenta anos, a vida passava-lhe as suas facturas todas as manhãs e a artrose ao anoitecer; o italiano, por seu lado, não era mais jovem, e ainda que tivesse o seu cabelo abundante e ondulado pintado de louro, e as suas vestes desportivas fossem impecáveis a qualquer hora do dia ou da noite, as rugas do coração e dos pulmões não tinham *lifting* nem recomposição possíveis. Na terceira vez que Nikos pediu um minuto de descanso, o italiano condescendeu.

— Sabes? — disse o grego, deixando-se cair sem fôlego num degrau. — Esse austríaco fodido já deve ter posto os pés na Lua.

— Pois, mas sem uma lanterna, terá sorte se não se despenhar e partir a cachola — cabeceou o italiano.

— Se calhar leva uma no seu saco... Os dois homens permaneceram em silêncio extenuados num degrau, com as costas apoiadas na parede descascada, com uma respiração cansada. Passado um pouco, o grego olhou para as sapatilhas e disse:

— Houve tempos melhores... Olha para nós: acho que nem tu nem eu temos idade para estas coisas, italiano. Já deveríamos estar reformados... E para além disso, com este aspecto... Pode saber-se para que nos disfarçaste de escafandristas?

— Porque, se nos localizarem, a nossa única escapatória é o lago, porra. Ou tu tens uma ideia melhor? — Pois... — o grego sorriu, mas não se atreveu a responder o que estava a pensar: que no lago quem ia lá parar era o pai dele, porque ele não ia fazer de Cousteau pelo Danúbio e que lhe parecia uma estupidez. E teria acrescentado que quando o austriaco lhe telefonou da parte dele para lhe dizer que precisava de mais um homem para um trabalho fácil e bem remunerado, pensou, pensou muito, e teria dito que não, mas era tão bem pago... Ainda que não respondesse ao italiano, limitou-se a dizer —: Bem, bem, como tu queiras. Agora, asseguro-te que este será o último que faço, juro-te, com este negócio retiro-me... Retiro-me para sempre... Mas preocupa-me uma coisa, italiano, apenas uma... Se se trata de um quadro...

— Não se trata de um quadro, porra! — o italiano endureceu o rosto. — Não sejas chato, maldito grego.

— Porque eu sempre respeitei muito a arte, sabias? Roubei de tudo: gasoleiras, supermercados, joalharias..., inclusive bancos. Uma vez tive de roubar os planos da caixa forte de uma embaixada, e outra vez um comboio, pode ser que tenhas ouvido falar dele, em Glasgow... Aquele sim foi falado... E também matei, sim, matei...! Mas, queres que te conte uma coisa? Nunca roubei um quadro! Nunca! Chama-me romântico ou pensa que sou um louco, ou o que queiras. Mas, sabes, italiano, esse respeito pela arte herdei-o de Vassilis, do meu irmão Vassilis. Do grande Vassilis Drakopoulos! Ele era pintor, compreendes? Um grande pintor! Passou a vida a fazer esboços, a preparar telas, à procura do tema que precisava pintar. Até que por fim soube o que queria. Por isso apenas pintou um quadro em toda a vida. Apenas um! E era tão bom que rapidamente o Museu de Arte Contemporânea de Atenas o comprou. E aí continua o quadro, numa sala, belo, magnífico, a brilhar como um farol no meio de tanta mediocridade; e o meu irmão passava lá os dias, todos os dias. Disseram-me que o pobre levava os pincéis e as tintas e, quando o vigilante se descuidava, retocava uma cor, corrigia um pormenor... Nunca estava satisfeito; pensava que tinha de melhorar a sua obra. A insatisfação é a essência dos homens com talento, italiano. Até que um dia o apanharam e prenderam. Quando explicou o que fazia e porquê, deixaram-no livre, mas nunca mais permitiram a sua entrada no museu. E ele, todas as noites, via o quadro na sua imaginação, sonhava com a sua obra, trabalhava mentalmente nela, decidia as mudanças que precisava. E começou a angustiar-se perante a impossibilidade de fazer o que desejava,

exasperava-o a proibição de aproximar-se dele. O pobre Vassilis acabou os seus dias a viver nos sonhos, apenas nos seus sonhos, como um louco. Fez o que pôde: pediu autorização para trabalhar de novo no quadro, recorreu contra as negativas do museu, fez declarações à imprensa repudiando a obra tal como estava exposta... Mas não conseguiu nada. Disseram-lhe que o Museu o tinha comprado e assim queriam que permanecesse. Por isso, um domingo à noite entrou por uma porta de serviço para retocar uma linha vermelha que na sua opinião deveria ser mais grossa. Apenas para isso. Mas foi apanhado, voltaram a prendê-lo e a expulsá-lo. Não aguentou. A renúncia à sua obra provocou-lhe uma grande depressão e uns dias depois suicidou-se. Ah meu pobre Vassilis Drakopoulos! Que grande génio! Por isso nunca roubei quadros, entendes agora, italiano? Pertencem aos seus autores, não aos seus proprietários. Ainda que não os deixem terminar... — Nikos passou a mão pela cara, triste, cansado, de certeza a limpar uma lágrima que naquela penumbra o seu companheiro não viu.

— Vamos, grego — o italiano ergueu-se. — Já chega de conversa. Temos de terminar isto.

— Sim, tens razão — aceitou o grego, erguendo-se. Quando chegaram lá acima, o austríaco estava sentado no chão debaixo do arco do zimbório, esperando com os olhos meio fechados. O italiano apagou a lanterna para que a luz não fosse vista no exterior, foi para o corredor e debruçou-se pelo corrimão da sacada para verificar que ninguém se aproximava da Karlskirche. Continuava a chover, mas a trovoadada tinha amainado. O grego sentou-se também no chão junto ao austríaco, ofegante, para recuperar do último lance da escada, e esperou que o italiano decidisse o que iriam fazer. O zimbório que sustentava a pequena cúpula azul com que se coroava a coluna trajana possuía quatro portas de acesso terminadas num arco de meio ponto, cada uma delas aberta em direcção a um ponto cardeal; e o italiano decidiu dar a volta completa à charola para voltar a entrar pela porta posterior. O grego e o austríaco seguiram-no com o olhar, sem se levantarem.

— Vem aqui, Wilhelm — o italiano chamou-o, em voz baixa. O austríaco levantou-se e foi para junto do italiano sem nome. Nikos levantou-se também e seguiu-o.

— Não posso acender a lanterna — explicou o italiano —, mas aí, entre esses dois arcos, tem de haver um quadro de São Carlos Borromeu; bom, uma pintura que representa um homem da igreja gordo, purpureado...

— Eu sabia! Claro que eu sabia! Foda-se! Um quadro! — resmungou o grego, indignado.

— Tu cala-te, Nikos, por todos os diabos! — disparou o italiano, irri-

tado. E voltou a dirigir-se ao Wilhelm. — Tens de subir, desprender o quadro e baixá-lo. Depois voltas a colocá-lo no sítio.

O austríaco levantou a cabeça sem compreender como o faria. Estava demasiado alto.

— Nikos e eu erguemos-te. Vamos, tu és jovem e consegues fazê-lo. Apoia-te em nós.

O italiano e o grego formaram com as suas mãos um sólido nó sobre o qual o austríaco pôs um pé. Deram-lhe um impulso e chegou a roçar a moldura do quadro com a ponta dos dedos, mas precisava de ser alçado mais um quarto, pelo menos, para conseguir desprendê-lo. Voltou a descer.

— Isto sim é um imprevisto — lamentou-se o italiano. — Com isto não contava.

— Talvez se encontrássemos um caixote ou algo, subíamos... — disse o grego e passou os olhos pelo chão em volta. — Aqui não se vê nada, terás de acender a lanterna.

— Não. Seremos apanhados. Vou procurar... Um relâmpago, o primeiro de uma nova trovoadas, iluminou de repente o espaço, como se se tratasse de um milagre à medida ou a força do destino que tudo marca. O trovão que o acompanhou não desgostou desta vez o velho Nikos.

— Vamos, mais raios, mais! — gritou com júbilo. — Vamos procurar um pedestal!

O italiano não acreditava na sorte que os acompanhava quando um novo relâmpago colocou a descoberto, junto à porta que dava para norte, várias pilhas de tijolos, de um metro de altura, que deveriam ter ficado abandonados ali depois da obra que barrou o acesso às escadas interiores das colunas. Sem hesitações começaram a transportar os tijolos para ao pé do quadro e entre os três construíram com rapidez um suporte que permitiu ao austríaco chegar com a ponta dos pés à moldura e desprender o óleo.

Quando o seguiu nas suas mãos, o italiano não se deteve a contemplar o retrato. Deu-lhe a volta, furou com um canivete a tela de serapilheira que protegia o avesso do quadro e meteu a mão pela pequena abertura, em busca de algo. Olhava para o infinito, com os sentidos concentrados no tacto para dar com o que esperava encontrar, e ao fim de alguns segundos, ajustado ao canto inferior direito da moldura, encontrou-o.

— Aqui está — disse.

— O quê? — perguntou o grego, expectante.

— Nada que te interesse, maldito intriguista — replicou irado o italiano. — Nada!

O italiano furou um pouco mais a tela e com todo o cuidado retirou um molho de folhas de papel escritas, cosidas por um dos lados. Aproximou a página de rosto dos olhos para ver se se tratava do que tinha ido

buscar e sorriu satisfeito. Missão cumprida, pensou. De imediato guardou as folhas de papel amareladas no seu saco, correu o fecho e ordenou que se preparassem para o deixar como estava.

— De certeza que tu sabes coser, grego. Cose esta tela. E tenta que não se note muito.

— Mas, não tenho...

— No teu saco — assinalou o italiano. — Pus o necessário...

O grego abriu o saco, retirou de um estojo preto uma agulha grossa e um novelo de corda fina e preparou-se para a enfiar, em vão.

— Não vejo nada! — protestou, mal-humorado. — Não sei como queres que a possa coser se nem sequer vejo para enfiar a agulha!

— Faz, pelo amor de Deus! — o italiano esteve quase a gritar. — E deixa de protestar tanto, porra!

O austríaco afastou-se e apoiou as costas na parede, à espera que o grego acabasse de coser a tela e pudesse voltar a pendurar o quadro. A permanente discussão entre aqueles dois velhos só o incomodava porque a única coisa que lhe importava era acabar quanto antes e sair dali, mas já estava habituado a suportá-los e resignou-se, escondendo as mãos nos bolsos e virando-lhes as costas. Então olhou através da porta que ficava à sua direita e viu um novo relâmpago, desta vez mais fraco, sobre o final da Gusshausstrasse. Mas não se ouviu nenhum trovão depois dele. Era um relâmpago diferente, demasiado comprido, inexplicavelmente duradouro, e o austríaco não demorou em perceber que aquele resplendor intermitente não provinha de nenhum fenómeno meteorológico mas do lampejo das luzes de um carro da polícia que se dirigia devagar desde o final da rua para a Karlskirche.

O grego tentou várias vezes acertar com o fio até que por fim, ajudado pelo tacto dos dedos, conseguiu enfiá-lo pelo buraco da agulha. Verificou também o roto da tela e iniciou a cosedura com um ponto. E enquanto o fazia, pensou no seu irmão. Estava contente porque o trabalho não tinha consistido em roubar um quadro. Ele já estava velho, este ia ser o último trabalho da sua carreira e sentia-se orgulhoso de a ter culminado sem trair o pobre Vassilis. Sim, demasiado velho, pensou. Remexeu-se no chão para coser com mais comodidade e conseguiu com dificuldade alinhar mais alguns pontos. Velho, sim e, a partir de agora, também, iria sentir-se muito sozinho. Não tinha ninguém, não tinha podido constituir família, não tinha para onde ir. Nem sequer sabia se Vinicio Salazar se lembraria dele. Foi seu amigo, mas isso fazia já muito tempo... Talvez o melhor fosse voltar para Atenas e candidatar-se a um lugar num lar de terceira idade, ainda que, pensando bem, também não era uma boa ideia: era demasiado rebelde para isso. Que merda de vida, disse para si; demasiado velho para trabalhar

e demasiado inquieto para ingressar num lar. Para além disso, conhecia os lares, as coisas miseráveis que por lá ocorriam. A sua mãe tinha morrido num deles há poucos anos. E o que aprendeu então era que chamavam lares a cemitérios vivos que consistiam em meros parques de estacionamento para seres humanos sem futuro, sem esperança, sem razão para viver nem nada que esperar. Dali nunca iriam sair, e quando saíssem seria pior, porque o fariam num ataúde. E aqueles idosos... Uma vez quando visitou a sua mãe, a única vez que o fez, encontrou um exército de rostos mortos, de olhos cegos, de pensamentos vazios. Muitos daqueles idosos estavam transtornados, torturados pelas demências senis ou devorados pela doce ausência do Alzheimer, já sem personalidade, sem vida. A pior censura não é a das leis tirânicas; a mais perversa é a carência da memória porque impede de saber quem se é, o que se foi e o que se pode ou não pensar. Inclusive recordar quem se ama. A censura do esquecimento é a pior das torturas porque apenas se vive quando é possível recordar que se continua vivo. Mas o mais doloroso daquela gente perdida e abandonada que conheceu no lar da sua mãe foi que muitos deles se aproximaram dele procurando uma palavra, apenas uma saudação, uma desculpa para falar. Moviam-se à volta dele como se de uma amarra se tratasse para se agarrarem na tempestade dos seus esquecimentos, procuravam uma oportunidade de comunicar com o mundo exterior, ansiavam por receber um minuto de atenção, de carinho, de qualquer gesto que os fizesse sentir reconhecidos como seres humanos. Com ânsia; com urgência. Suplicantes. Andando à sua volta como crianças de um orfanato que precisavam de uma carícia, uma prova da sua existência, da sua visibilidade. Talvez o que devesse fazer, pensava o grego enquanto cosia, era usar esse último dinheiro que estava a ganhar em Viena para criar uma organização de voluntários que visitassem os idosos nas suas casas, que passassem uma tarde por semana com eles, que os ajudassem a voltar a acreditar na vida antes que chegasse o momento de a perder. Com aqueles cem mil euros poderia tentar criar uma associação, algo assim como uma ONG dessas de que tanto se fala, uma organização de assistência, visita, companhia e carinho aos idosos atenienses para que não morressem como morreu a sua mãe, sozinha e gritando por ele, como lhe disseram depois. Chamando por ele, Nikos!, Nikos!, ainda que na realidade o grito fosse destinado a qualquer um que pudesse segurar a sua mão durante aquelas terríveis horas de agonia, quando se vislumbra o único caminho que aterroriza percorrer em completa solidão. Sim, iria pegar nos seus cem mil euros, voltaria para Atenas e procuraria a forma de criar um grupo de jovens voluntários que o ajudasse a limpar, com a sua acção, uma vida dedicada a apropriar-se do alheio e, em certas ocasiões também, ainda que tivesse sido necessário, sim, necessário, a acabar

com algumas vidas que gritavam em desaparecer, escória; porque eram isso: escória e só escória.

O austríaco fez um sinal ao italiano e apontou com as sobranceiras para o exterior. Aproximou-se para ver o que chamava a sua atenção e Wilhelm indicou com um dedo o carro da polícia. O italiano correu agachado a aproximar-se da sacada e viu as luzes do carro patrulha que se dirigia para ali.

— Pelos demónios! Não pode haver um sistema de alarme! Não aqui em cima! Grego, deixa isso vamos embora daqui!

— Acabo num instante — respondeu Nikos Drakopoulos, ensimesmado nos seus pensamentos e sem saber o que acontecia lá fora.

— Nada disso! — negou o italiano. — Wilhelm, vamos deixar o quadro no seu lugar. Tal qual como estava. Ajuda-me. O italiano tirou o quadro das mãos do grego e indicou ao austríaco que subisse para o pedestal formado com os tijolos. Uma vez lá em cima, entre os dois alçaram-no e Wilhelm pendurou-o, depois de apalpar os encaixes para o deixar suspenso.

— O que está a acontecer? — perguntou o grego, inquieto.

— A bófia — respondeu o italiano. — Vamos embora daqui.

— Vamos pôr os tijolos onde os encontramos? — surpreendeu-se o grego. — Se não o fizermos, saberão que estivemos aqui, que retirámos o quadro... Vão analisá-lo e verão que tem meia racha cosida atrás. Não terão dúvidas e irão perseguir-nos. Porque saberão o que estamos a levar, não?

— Não! Ninguém sabe! E não sejas imbecil! — recriminou o italiano. — Que estivemos aqui vão saber assim que virem a porta de baixo arrombada.

— Bom, como queiras — aceitou o grego, resignado ao tratamento que recebia.

Assim que o austríaco acabou de pendurar o quadro no seu sítio, os três homens correram escadas abaixo guiados pelo feixe de luz que o italiano proporcionava com a lanterna. Não se cansaram na descida, o cansaço só se manifesta quando não existem coisas mais importantes em que pensar, e eles tencionavam alcançar a rua antes que a polícia rodeasse o edifício. Uma vez lá em baixo, não se preocuparam em fechar a porta de acesso à escada interior da coluna e, antes de se dirigirem para o exterior, com a luz da lanterna apagada, o italiano ordenou-lhes que parassem.

— Esperem — disse. — Vou ver se temos a saída livre. Abriu com cuidado uma nesga do portão principal e olhou lá para fora. Não se via ninguém.

— Está bem. Vamos sair. Mas tu, Wilhelm, tens dez segundos para voltar a colocar a fechadura como estava. Se a polícia vier, quero que verifique que as portas estão bem fechadas para que não entrem. Já que vão

descobrir tudo amanhã de manhã. Nikos e eu esperamos por ti no carro com o motor ligado.

O austríaco assentiu com a cabeça, concordando.

— Se algum alarme disparou, vão entrar de qualquer maneira para ver o que aconteceu — advertiu o grego.

— Olha, grego, já estou farto de tanta lamúria — o italiano cravou os seus olhos nos do grego e agarrou-o por um braço. — Em primeiro lugar essa coluna não tem electricidade interior, assim não vale a pena pensar em nenhum tipo de alarmes. E em segundo lugar não temos outra opção. Ou seja, se preferes ficar aqui e esperares que te prendam, por mim tudo bem, entendido? Eu vou-me embora.

— Não, sim eu...

— Pois andando!

Os dois homens foram para o exterior e colaram-se à parede para, seguindo a fachada, alcançar quanto antes o refúgio do Skoda. Percorreram o frontispício protegidos pelas colunas gregas; depois, desceram na ponta dos pés a escadaria da igreja e rapidamente se esconderam no pórtico da torre austríaca. Daquele lugar puderam observar o brilho das luzes do carro da polícia, que parecia ter parado perto do automóvel estacionado ao fundo da Karlsplatz. O italiano ficou pensativo por uns momentos, avaliando se deveriam avançar até ao carro ou esperar para ver que decisão tomariam os agentes.

— Que fazemos? — perguntou o grego, num sussurro.

— Cala-te. Estou a pensar.

O austríaco chegou ao pé deles.

— Fechada? — perguntou o italiano.

O austríaco assentiu com a cabeça.

— Também não podemos deixar que nos vejam assim — o grego negou, movendo a cabeça de um lado para o outro. — Se nos apanham, não sei como vamos explicar o que estamos a fazer, de madrugada e de baixo de chuva, vestidos com esta roupa de mergulho...

— Wilhelm — o italiano voltou-se para o austríaco —: Rodeia essa sebe com cuidado e aproxima-te para ver o que estão a fazer. Acho que estão junto ao carro e só nos faltava que chamassem o reboque para o levar. Desta vez o grego tinha razão. Não me imagino a passear a esta hora pelas ruas de Viena com este aspecto. E tem muito cuidado para não te apanharem...

Não foi preciso que o austríaco cumprisse a ordem. De repente, o carro da polícia pôs-se a andar e, muito devagar, continuou a sua ronda até se afastar dali.

— Uma inspecção. Tratava-se apenas de uma simples inspecção — resfolegou o italiano, aliviado. — Caminho livre. Vamos sair daqui.

Sem parar percorreram de novo a fachada da direita da igreja, cruzaram rapidamente a rua Karl e chegaram ao pé do Skoda. Uma vez no seu interior, apressaram-se a mudar de roupa e, sem acender os faróis do carro, deram meia volta e afastaram-se do lugar cruzando a Karlsplatz. A operação tinha terminado.

Permaneceram um bom bocado em silêncio enquanto penetravam pelas estreitas ruas do centro de Viena, virando à direita ou à esquerda de forma indefinida, sem rumo. O italiano conduzia, sem afastar a vista do caminho; ao seu lado viajava o austríaco, indiferente, e o grego recostou-se no banco de trás com os olhos meio fechados. O italiano não sabia muito bem para onde conduzia: cruzou o Danúbio duas vezes e outras duas o canal; reconheceu o Estádio Ernst-Happel e passou uma ou duas vezes junto ao Messezentrum e ao Donautrum. Depois de um longo circuito, andando sem pressa, deixou à sua direita o Zoo Schöbrunn. Não tinha pressa de chegar a nenhum lado e pensou que aquele périplo pela cidade ajudá-los-ia a recuperar a calma. Ainda assim tinha algumas coisas em que pensar.

No assento de trás, silencioso e exausto, Nikos tinha fechado por fim os olhos. Voltava a pensar no seu irmão; e na sua mãe. E em como se sentia sozinho. A ideia de criar uma organização para acompanhar os idosos parecia-lhe agora uma insensatez. O que devia fazer com aquele dinheiro era instalar-se em alguma cidade grande e risonha, por exemplo em Paris, e iniciar uma nova vida num lugar onde ninguém o conhecesse. Poderia fazer-se passar por um polícia reformado convertido num boémio habitual dos cafés de Saint Germain-des-Près. Conheceria uma francesa, uma mulher de idade, que o tomasse a seu cargo. E ele enchê-la-ia de carinhos e beijos curtos em troca desta cozinhar sopas quentes e passar a ferro as suas camisas. Teria de pensar nele, disse para si. Tempo havia de sobra. Agora o importante era que o italiano cumprisse a sua promessa e lhe desse quanto antes a sua parte da pilhagem, o pagamento por roubar..., por roubar... Mas o que é que tinham roubado?

— O que é que roubámos, italiano?

O italiano observou-o pelo espelho retrovisor, lançando-lhe um olhar gelado.

— O mapa do tesouro, não me fodas! — A sua resposta foi seca como uma facada. — E a ti que te importa?

— Bom, na realidade não muito. Mas não gosto de trabalhar sem saber o que tenho entre mãos... Nunca o fiz.

— Há sempre uma primeira vez para tudo. — O italiano voltou-se para o austríaco. — Onde te deixo, Wilhelm?

— Assim que me deres a minha parte, na Estação Sul — respondeu, depois de pigarrear.

— Muito bem! — surpreendeu-se o italiano. — Começava a pensar que eras mudo...

— Mudo não, profissional. — O austríaco não se voltou para o olhar. Tinha o olhar fixo em frente, na solidão das ruas pelas quais o carro avançava. Apenas se virou para contemplar a fachada da Escola Espanhola de Equitação e verificar por onde ia. Depois não moveu um músculo da cara ao acrescentar —: Ao chegar ordenaste-nos absoluto silêncio, lembras-te? E eu cumpro sempre o que me mandam fazer. Nunca te esqueças.

— Deverias aprender, grego — o italiano olhou-o outra vez através do espelho retrovisor. — Dou-te agora a tua parte, Wilhelm. Depois, não nos voltaremos a ver. Nenhum dos três. Foi um prazer trabalhar convosco, mas isto terminou. É melhor assim: nunca saberão qual foi o objectivo do vosso trabalho, mas conformem-se em saber que há uma pessoa que vos estará muito agradecida.

O italiano deteve o carro num beco, precisamente em frente da Estação Sul. Saiu do carro, abriu o capô posterior, levantou o tapete pequeno que dissimulava a roda suplente e retirou um pacote envolvido por um plástico preto e selado com fita adesiva de empacotar. De seguida repôs o tapete pequeno no seu sítio, fechou o capô e regressou junto à janela do automóvel.

— Vem comigo, Wilhelm.

O austríaco saiu do carro e seguiu-o. O italiano levou-o até um saguão próximo, forçou a fechadura com rapidez e entrou. Wilhelm fez o mesmo. Já no interior, deu-lhe o pacote.

— Conta se quiseses — disse-lhe. — São cem mil euros em notas de quinhentos, cem e cinquenta. Usadas e sem numeração correlativa.

O austríaco segurou-o na palma da mão e olhou-o nos olhos.

— De certeza?

— Conta-o se não acreditas — repetiu o italiano.

— Sim. Acho que vou fazer isso; a ver se bate certo...

O austríaco começou a descolar a fita adesiva e a separar o plástico preto. O italiano, ofegando, deu uma volta sobre si mesmo e pareceu pôr as mãos na cintura, sobre as suas ancas. Mas, na realidade, utilizou o movimento para retirar a pistola com silenciador que levava metida na cintura e, rodando rapidamente, disparou sobre o austríaco três vezes, dois tiros no peito e um na cabeça. A seguir roubou-lhe o pacote que continha recortes de papel de jornal, rasgou-o, espalhou os pedaços rectangulares sobre o corpo morto e guardou a arma.

— De qualquer maneira, a matemática não era a tua especialidade...— soletrou.

Quando saiu do saguão, o grego tinha outra vez os olhos meio fechados. O italiano entrou no carro, fechou a porta e ligou o motor.

— E o austríaco? — perguntou Nikos sem abrir as pálpebras.

— Ficou ali, a contar o dinheiro. Disse-lhe que esperasse que nos fôssemos embora antes de ir para a estação. É melhor que ninguém nos veja juntos.

O italiano arrancou com o carro. Continuava a chover sobre Viena mas agora o aguaceiro já tinha passado e apenas uma chuvazinha sujava o pára-brisas do Skoda.

— E a ti, onde te deixo? — perguntou o italiano.

O grego entreabriu os olhos e respondeu:

— Pois se o Wilhelm foi para a Estação Sul, a mim deixa-me na Estação Oeste. Acho que vou para Berna...

De seguida voltou a fechar os olhos.

O italiano acomodou-se no assento e seguiu pela rua da nova estação. Deu uma vista de olhos ao grego para verificar se tinha adormecido. Sim, estava velho, pensou.

— Sabes? — disse rapidamente Nikos. — Durante toda a minha vida deitei-me com um montão de mulheres. Suponho que como tu. Via uma de que gostava e pensava: «Esta é a tal, vou amá-la.» E com muitas consegui-o, asseguro-te. Com muitas, sim. Não é que eu fosse bonito nem nada parecido, nunca fui um galã, mas já sabes: com dinheiro e um pouco de tempo consegues quase tudo o que pretendes. Assim tem sido toda a minha vida: muitas mulheres mas nenhuma mulher. Nenhuma mulher de verdade, quero dizer. E agora, na minha idade, consigo ver tudo tão claro... Por fim percebi que o que eu desejo..., o que mais quero..., não sei como expressá-lo. Imagino que a maioria dos homens deve pensar o mesmo, ou pelo menos os mais inteligentes... O que eu desejo é uma mulher que esteja estendida ao meu lado, apoiada no meu ombro, ou olhando-me com um sorriso sincero, um sorriso de verdade nos lábios, e que me diga que está feliz comigo, que se sente bem a meu lado. E que se ria; que se ria muito. O sexo e tudo o mais virá ou não virá, será melhor ou pior, mas o que eu quero é uma mulher de verdade, não importa que seja bonita ou que não seja, que seja jovem ou mais velha, idosa... O que desejo com todas as minhas forças é que esteja aí, ao meu lado, os dois nus, sem dinheiro pelo meio nem nada que não sejamos apenas nós dois. E que me diga que gosta de mim, que me quer, que..., não sei. Tenho a certeza que sabes o que quero dizer. Ouve, italiano, porque mataste o austríaco?

O italiano voltou-se com o olhar desconcertado. Voltou a pôr os olhos na calçada e disse:

— Porque me perguntas isso?

— Se vais fazer o mesmo comigo... — semicerrou outra vez os olhos —, faz já. E depressa. Odeio despedidas.

— Estás louco...

O grego não respondeu. Acomodou-se um pouco melhor no seu assento e dispôs-se a descansar. O italiano conduziu devagar pelas ruas de Viena, sem decidir o que ia fazer. De repente sentiu que duvidava, e isso irritou-o. Nunca tinha tido dúvidas.

— E se não for para ser assim, mete-te nesse porta-bagagens e dá-me o meu dinheiro, *macarroni*. Dormirei melhor — disse o grego.

— Como queiras.

O italiano aproximou o carro do passeio, deteve-o e desligou o motor. Saiu, caminhou para a parte traseira e mexeu na fechadura do capô, mas não perdeu mais tempo nisso. Completou a volta ao carro até aproximar-se por trás da janela do grego e sussurrou:

— Alguém me ensinou que a vida é um negócio que acaba sempre por romper-se... Adeus, amigo.

A silenciosa pistola ficou descarregada depois de vomitar três balas sobre a cabeça do grego, que nem sequer se moveu do seu sítio. O italiano embrulhou a pistola de novo, foi ao porta-bagagens, retirou o seu saco preto e saiu daquele lugar, caminhando devagar.

Ao cruzar o Danúbio, olhou para ambos os lados da ponte para ter a certeza que ninguém o estava a ver e lançou a arma para o rio. Depois afastou-se dali lentamente pela margem do Prater como se lhe desse preguiça começar um novo dia.

Amanhécia pouco a pouco sobre Viena daquele dia 9 de Outubro. E já tinha deixado de chover. O italiano deambulou sem rumo, com as marcas do cansaço incrustadas no rosto, pensando no que deveria fazer para ter a certeza de receber pelo seu trabalho. Confiava no senhor Salazar, desde o início; nunca lhe tinha falhado, agora não tinha por que ser diferente, e para além disso tinha cumprido a sua parte, inclusive conseguindo fazer com que ninguém, nem os seus colegas, chegassem a saber o que tinham roubado, tal como o senhor Salazar lhe tinha pedido. Mas trezentos mil euros por aqueles papéis que não pareciam grande coisa, era muito dinheiro: quase meio milhão de dólares americanos. O italiano sentia-se cansado, muito cansado; não estava habituado a passar a noite em claro e, como se isso fosse pouco, tratar, antes de tomar o pequeno-almoço, de dois cadáveres.

De repente deu-se conta que não tinha para onde ir. Tinha saído do quarto de hotel na tarde anterior, antes de se encontrar com os seus cúmplices, ninguém sabia o seu nome: tinha-se registado com o passaporte roubado a um turista inglês no aeroporto; tinha chegado a Viena num carro furtado na Eslováquia que rapidamente estaria assinalado pela polícia, à

espera de que um juiz desse ordem para levantar o cadáver do grego; e não tinha maneira de apanhar um avião nem de alugar um carro porque precisava de um documento de identificação. Caminhava sumido naquela cisma, duvidando do rumo a tomar, quando à sua frente, como um espelho, apareceu o Café da Gloriette. Nem pensou: entrou, pediu um café expresso e, enquanto o tiravam, dirigiu-se à casa de banho. Urinou, lavou energicamente as mãos, deitou água na cara, molhou a nuca e secou-se com as toalhas de papel. De seguida entrou numa cabina para abrir o saco preto e verificar os papéis roubados.

Aquilo que tinha nas mãos parecia absurdo. Não entendia muito bem o alemão, mas tratava-se de uma partitura de música, sem dúvida. Na primeira folha estava a assinatura e a rubrica de alguém que bem poderia ser o Ludwig van Beethoven, tal como o tinham informado, e umas quantas palavras que talvez pudessem ser traduzidas como «sinfonia» e «dez»; ou «dezena». Completamente absurdo. Tratar-se-ia da *Décima Sinfonia* de Beethoven? Toda a gente sabia que o músico tinha composto nove e que pouco depois tinha morrido. Se aquilo era o que o tinham encarregado de roubar, ali estava, em seu poder. Por si, o senhor Salazar acreditava que tinha conseguido uma nova sinfonia de Beethoven, a que nunca existiu, quem iria fazer negócio era ele. Quem iria acreditar que aquela descoberta tinha nos tempos de hoje alguma espécie de verosimilhança.

A partitura era composta por um bom punhado de páginas distribuídas em sete ou oito cadernos amarelados cheios de notas musicais e anotações nas margens das linhas do pentagrama. O papel, desgastado com o passar dos anos, tinha as bordas cortadas à mão e algumas manchas escuras que poderiam ser gotas de sangue, vestígios de cuspidelas ou marcas da humidade. Mas, no seu conjunto, a conservação poderia ser qualificada de magnífica. O italiano saiu da casa de banho e voltou ao balcão do bar. Bebeu o conteúdo da chávena e pediu outro café e um *croissant*. Depois um copo de água. Quando terminou o pequeno-almoço, acendeu um cigarro suave. Olhou para o telemóvel e verificou que ainda tinha bateria. Marcou o número que tinha memorizado.

— Senhor Salazar?

— Sim.

— O trabalho é *finitto*. Tenho o que me pediu.

Houve uns segundos de silêncio do outro lado. A resposta fez-se esperar.

— Eu sei. Todas as emissoras estão a dar a notícia dos estragos na igreja de São Carlos Borromeu e do assassinato de dois homens. A polícia procura um terceiro homem: que suponho que seja você.

O italiano teve dúvidas no que responder. Acabou o cigarro e atirou-o para o chão, com raiva.

— Exacto — disse por fim, com a voz rasgada. — Então saberá que preciso de sair deste país quanto antes. A não ser que a mercadoria já não lhe interesse...

— Interessa-me, interessa-me... Mas não percebo porque teve de se-mear cadáveres por toda a Viena...

— Mas foi o senhor que me disse...!

— Eu? Por favor, eu só lhe pedi discrição, discrição! A única coisa que pretendia era que ninguém chegasse a saber...! Foda-se, Senzanome, você é demasiado literal! Enfim, deixemos isso. E agora ouça-me bem: não saia de onde está. Dentro de uma hora um carro passará por aí para o levar a Milão. Encontramo-nos no hotel Park Hyatt esta tarde às sete. Na Cupola. Não, será melhor no Bar. Onde está agora?

— No Café da Gloriette, junto à entrada sul do parque do Prater...

— Está bem. Compre um jornal e faça tempo. Não olhe para ninguém; e que ninguém o veja. Um Mercedes de cor preta irá ter consigo à porta do Café dentro de uma hora. Entre nele sem fazer perguntas e desfrute da viagem. Às sete encontramo-nos em Milão.

A comunicação foi cortada. O italiano ficou a olhar para o telemóvel antes de o guardar. Talvez o matassem, pensou. Mas não podia fazer outra coisa, por agora. Sentou-se a uma mesa junto da cristaleira, abriu o fecho do seu saco por baixo de um castiçal e procurou às apalpadelas a sua outra pistola. Dissimuladamente meteu-a na cintura, junto ao rim direito.

Em qualquer caso, não ia ser fácil acabar com ele, se era isso que pretendiam...

Aquele 9 de Outubro, em Milão, também esteve nublado durante todo o dia. Quando o avião privado de Vinicio Salazar aterrou no aeroporto de Linate, pouco antes das cinco da tarde, uma chuva miudinha caía sobre a cidade com a paciência de um amanuense. Salazar aproximou-se da porta do Challenger 604 e olhou para o céu enquanto tapava o pescoço com as lapelas do casaco. De seguida desceu rapidamente as escadas do avião e entrou no Volvo que o esperava ao pé da pista. Viajava sempre assim: num dos seus aviões privados, com pelo menos dois guarda-costas e com um luxuoso carro da empresa à espera dele na pista de aterragem do aeroporto.

Se não ocorreu nenhum imprevisto, o italiano sem nome já deveria estar instalado na suite presidencial do Hyatt, fazendo tempo até que chegasse a hora do encontro combinado. Salazar gostava daquela *suite*, por isso reservava-a para os seus convidados especiais ainda que ele, fazia já uns dois anos, que não dormia nela salvo se por algum motivo excepcional tivesse que pernoitar na capital da Lombardia. Sempre que lhe era possível regressava a Madrid, a casa, e dormia junto de Belén, a sua única filha. Desde que Cayetana morreu, a sua esposa, só a tinha a ela. Nem outros filhos, nem irmãos, nem primos, nem outra espécie de parentes. Na realidade, não tinha ninguém. Nem tão pouco nenhum amigo de verdade, desses que sabem descobrir um laivo de tristeza no olhar quando se esconde na penumbra do anoitecer. O cume é sempre solitário, aprendeu. Apenas tinha a Belén. E além disso, se o que os médicos anunciavam estiver certo, também

não seria por muito tempo. Por isso regressava a casa para estar a seu lado sempre que a tirania dos negócios não o impedia; para, sempre que fosse possível, dar-lhe as boas noites com um beijo na testa antes de se ir deitar e pela manhã tomar o pequeno-almoço com ela.

Vinicio Salazar acabava de completar sessenta e quatro anos. O seu aspecto, cuidado à força de praticar uma hora diária de exercícios físicos, acompanhado pelos melhores massagistas, manicuras e fisioterapeutas pessoais, e desfrutando de vestuário à medida desenhado por Carolina Herrera, Giorgio Armani e Sarmiento, o velho alfaiate do seu pai, trabalhava impecável a qualquer hora. Alto de estatura, com o estilo de um diplomático francês, o encanto de um velho actor inglês e com um cabelo branco tão abundante como deslumbrante, mantinha a tez sempre bronzeada com três sessões semanais de raios UVA e um sorriso pequeno e pouco frequente que o tinha preservado do excesso de rugas e de sulcos fendidos na pele. Fumava pouco, apenas bebia algo como água mineral, sumo de frutas e algum copo de uísque escocês velho de vinte anos e comia esmerada e frugalmente. Apenas lhe era conhecida uma obsessão: rodear-se de jovens; e uma constante vital: a curiosidade por tudo e por todos. Estava convencido que enquanto se rodeasse de juventude e mantivesse intacta a curiosidade insaciável da primeira idade permaneceria vivo. Vinicio Salazar parecia carecer de dúvidas. Por isso, todos quantos o rodeavam sabiam que era um homem que convinha respeitar.

O seu olhar era persistente e directo; os seus lábios, finos; a sua mandíbula, poderosa. Falava pouco e num tom sempre médio. Não pedia, ordenava, ainda que o fizesse acompanhado de um “por favor” que também não deixava lugar a dúvidas sobre a obrigação de executar os seus pedidos. No seu escritório nunca sorria; fora, deixava que fossem os seus olhos despertos e luminosos os que sorrissem por ele. Por isso, a sua companhia era agradável e cómoda sempre que as boas maneiras não fossem ignoradas ou se se pretendesse irritá-lo. Aos sessenta e quatro anos tinha compreendido que o dinheiro serve para comprar um relógio, mas não o tempo, ainda que também tivesse verificado que quem não o tem pensa, equivocadamente, que uma imensa fortuna serve para tornar o homem no dono do mundo.

O grande Volvo que o levou do aeroporto de Linate, pela via Tommaso Grossi, à mesma praça do Duomo junto à Galería Vittorio Emanuele II onde se erguia o Hotel Park Hyatt, foi escoltado em todo o percurso por uma moto BMW 1100 na qual viajava um dos seus guarda-costas. O outro, Miguel, tinha-se sentado junto ao condutor do carro, sem tirar a mão da arma. Foi um trajecto lento (a essa hora Milão estava infestada do caótico tráfego que aumentava quando a chuva molhava as calçadas e amedrontava os condutores), mas o computador portátil de Salazar per-

mitiu-lhe distrair-se durante o percurso contemplando fotografias da ilha brasileira de Fernando de Noronha e enviar uma mensagem através de correio electrónico à sua secretária em Madrid para que esta reservasse quartos no melhor hotel da ilha, durante a primeira semana de Novembro. A sua filha iria cumprir trinta anos no dia 2 e desejava comemorar o aniversário com ela, como se fosse o último.

Às seis e um quarto da tarde entrou no bar do Hyatt. O Mercedes preto, no qual o italiano viajou, tinha tido tempo suficiente para percorrer os pouco mais de oitocentos quilómetros que separam Viena de Milão, assim o seu homem já lá deveria estar hospedado e à sua espera. Quando o administrador do hotel, que o esperava de pé na porta, se apressou a cumprimentá-lo e a oferecer-se para o que necessitasse, Salazar pediu-lhe que informasse o italiano da sua chegada e que o receberia no bar. Tinha sido registado com o nome de Valerio Luppo, um conhecido chefe da Camorra, com a deliberada intenção de que a sua presença não passasse despercebida, de que os seus movimentos fossem observados com curiosidade e assim impedi-lo de cair na tentação de levar a cabo alguma asneira. Era a forma que Salazar tinha de impedir que os seus subordinados se sentissem em algum momento fora de controlo.

— Há uma hora que o senhor Luppo está instalado na sua *suite*, senhor Salazar, e neste momento encontra-se no Spa — informou-o o administrador, contraindo a cara, sorridente como se se tratasse de um turista japonês. — Ocupar-me-ei pessoalmente para que lhe seja entregue de imediato a sua mensagem.

Vinício Salazar assentiu com a cabeça e respondeu com um inapreciável sorriso. Pensou que era compreensível que o italiano se estivesse a demorar no Spa: já se sente um novo-rico, disse para si. Entrou no bar e sentou-se numa daquelas poltronas de cor azulão, perante um castiçal de vidro preto adornado com um centro de flores e uma vela por acender. Lá fora, a noite tornou-se dona da cidade.

A essa hora o bar do Hyatt estava quase vazio: só um casal de turistas nórdicos bebia um cocktail de cor de sangue num recanto afastado e quatro mulheres italianas de idade, elegantemente vestidas, tiravam a palavra umas às outras enquanto bebiam, a pequenos sorvos, histórias de infidelidade alheias e uma taça de chá vermelho com uma nuvem de leite. Quando o empregado de mesa se aproximou para lhe perguntar se desejava beber alguma coisa, Salazar pediu uma garrafa de água Perrier com pedras de gelo também de água Perrier. De seguida recostou-se na poltrona, cruzou as pernas e pediu a um dos seus homens, que se aproximara, que lhe desse um Winston e lume para o acender. Ninguém se atreveu a dizer-lhe que não era permitido fumar.

Recostado na sua poltrona, percorreu o olhar através das janelas do local e entreteve-se a contemplar uma vez mais a beleza da Galeria Vittorio Emanuele II, a jóia arquitectónica que unia a praça do Duomo com o Teatro La Scala: um telhado configurado com uma arcada de vidro e aço que cobria a rua por completo e abrigava o mais importante centro comercial do mundo, onde se tinham instalado as lojas mais exclusivas, as mais modernas e solicitadas também, desde a alta-costura aos restaurantes, às livrarias e aos cafés. Furla, Prada, Louis Vuitton, Fiorucci-Fioruzzi... O restaurante Savini, um dos mais famosos de Itália; o Café Zucca; inclusive um McDonald's... Os seus escaparates também mostravam algumas lojas de marcas espanholas: Zara, Mango, Camper... E a livraria de arte Bocca, onde era possível adquirir gravuras raras e serigrafias, litografias e provas de autor dos mais afamados artistas... Todo o luxo da Europa numa rua, rendendo uma servil e delirante homenagem ao dinheiro. E ali mesmo, presidindo a tudo, o hotel Hyatt, como a proa de um Titanic ocidental ignorante da sua decadência, do seu afundamento eminente; e no seu interior, no melhor camarote, ele, Vinicio Salazar, um dos homens mais ricos desse penúltimo senado imperial, um nome que a revista *Forbes* incluía ano após ano entre as maiores fortunas do mundo. Possuía minas de urânio, uma companhia petrolífera, um satélite artificial que dava cobertura a uma vintena de canais de televisão em todo o mundo, acções nas maiores empresas de energia, duas empresas aéreas, explorações de água na América do Sul, uma ilha no Pacífico... Além de tudo isto, muito em breve iria aumentar o seu capital de forma ilimitada. Sim, Vinicio Salazar podia sentir-se satisfeito de si mesmo.

— Fico feliz por voltar a vê-lo, senhor Salazar. — O italiano entrou rapidamente no bar com a mão estendida para o homem para quem tinha feito o trabalho, afastando-o da contemplação da Galeria e dos seus pensamentos complacentes. — Na realidade, pensei que não era o senhor que viria recolher a mercadoria mas sim um dos seus empregados. Em qualquer dos casos fico muito feliz que seja o senhor, não imagina como fico contente.

— Sim, a curiosidade venceu-me. — Salazar estendeu a mão e apertou-a. De seguida convidou-o a sentar-se à sua frente, sem sorrir. — Já sabe, é o que as tentações têm... Teve uma boa viagem?

— Excelente. Tivemos sorte os dois...

O italiano sorriu enquanto dava palmadas e acariciava a pasta preta que tinha deixado sobre os seus joelhos. De imediato deu uma vista de olhos ao chão, a ambos os lados do espanhol, à procura de uma maleta ou uma pasta que contivesse o pagamento combinado. Salazar compreendeu o olhar e, levantando a mão, chamou um dos seus homens. Miguel,

o guarda-costas, aproximou-se da mesa e deixou sobre ela uma pasta de executivo.

— Vejamos o que temos para intercambiarmos — disse Salazar.

— Sem dúvida — sorriu o italiano, com os olhos iluminados. — Mas, acha prudente que aqui...? — olhou para ambos os lados da mesa.

— Naturalmente — Salazar segurou na pasta que o italiano lhe estendeu dubitativamente. — Ninguém tem a menor ideia do que você me trouxe. Em contrapartida as notas de quinhentos euros são muito populares por aqui. Se preferir, posso enviar-lhas amanhã mesmo para onde você me disser...

— Bom... — o italiano voltou a sorrir, desta vez forçando uma careta. — Também não me parece para tanto.

Vinício Salazar abriu a pasta preta e retirou os pergaminhos. Observou-os um a um, detalhadamente, enquanto afirmava com a cabeça e repetia «magnífico», «magnífico»... Por fim, comprazido, deu a sua aprovação à mercadoria antes de devolver os caderninhos à pasta. Fechou-a e disse:

— Com efeito. Trata-se do que pensava e portanto o preço não é excessivo. Tome, Senzanome. Nesta pasta estão trezentos mil euros. Desfrute-os. Não aprovo os seus métodos, já sabe disso, mas há que reconhecer que foi novamente muito eficaz. Deseja tomar alguma coisa antes de voltar às suas águas termais?

— Bom, não creio que volte lá novamente — o italiano segurou na pasta com ambas as mãos e procurou uma forma de a abrir. — Se me permite..., nunca contemplei semelhante soma... Posso?

Salazar tomou um gole de água com gás do seu copo e moveu a cabeça de cima para baixo duas vezes.

— Por favor...

O italiano girou a chave e entreabriu a pasta, o necessário para introduzir a mão e procurar no seu interior um molho de notas ao calhas, para baixo e para a direita do portefólio. Retirou um e olhou-o pormenorizadamente, passando a ponta dos seus dedos pela sua espessura, folheando-o e contando depressa.

— Perfeito — afirmou, conforme.— É sempre um prazer fazer negócios consigo, senhor Salazar. Mas, satisfaça-me uma curiosidade, se não vir inconveniente. O que é que está a comprar desta vez, realmente?

— A *Décima Sinfonia* de Beethoven — respondeu Salazar, sem se alterar.

— Ah, percebo — sorriu o italiano. — Isso faz-me passar por impertinente. Faz muito bem, senhor: o primeiro mandamento de um pro-

fissional é cumprir com os seus deveres sem fazer perguntas. Compreendendo que goze de mim.

— Não gozo, asseguro-lhe — Salazar voltou a beber um trago. — É isso, em concreto.

— Mas, bom, senhor Salazar... Toda a gente sabe que Beethoven...

— Ah, não! Não acredite numa palavra...! As pessoas não sabem de nada! — Salazar encheu o peito de ar e fechou os olhos. — Antes de Galileu sabiam que o Sol girava à volta da Terra; antes de Colombo, que a Terra era plana; antes de Bush, que os Estados Unidos eram um país de fiar — Salazar sorriu da sua própria piada. — E agora acreditam que Beethoven não compôs nenhuma sinfonia depois da Nona. Inclusive acreditam que conhecem todos os quadros de Van Gogh. Mas, sabe? Eu sinto por Van Gogh algo que não saberia explicar: olhar um dos seus quadros é convencer-se de que é possível descobrir onde as almas se escondem... Surpreendê-lo-ia se soubesse que tenho na minha colecção um Van Gogh sem estar catalogado, completamente desconhecido?

— Não sei... — balbuciou o italiano.

— Tenho, meu amigo. Tenho. E o mesmo acontece com Beethoven. Costuma-se ter por garantido que a *Décima Sinfonia* nunca foi escrita, porque a única coisa que se conhece são uns apontamentos reunidos a partir de uns cadernos dele, algo com cerca de doze minutos de música elaborados por outro músico genial, Ferdinand Ries... Mas a realidade... — Salazar bebeu outro gole, muito lentamente —, a realidade da desconhecida e nova obra do genial Beethoven está agora aqui, sobre esta mesa. Ninguém o sabe. Apenas eu e, agora, você. O que lhe parece?

O italiano negou com a cabeça.

— É absolutamente..., não sei como lhe dizer: incrível. Alguém mais deveria... Enfim, já sei que não é da minha incumbência. E de qualquer modo, nem sei por que me conta, porque me demonstra a sua confiança que..., enfim... Essa informação...

— Não tem qualquer importância, asseguro-lhe — Salazar franziu os lábios.

— Vai matar-me? — o italiano pareceu reconsiderar um instante.

— As coisas que você diz, meu amigo! Liquidá-lo? Matá-lo? Mas que tipo de linguagem é essa? As suas palavras ofender-me-iam gravemente se não fosse por você já estar morto para mim! Por isso não me importa ter esta conversa... Não se dá conta de que você é o autor do roubo e que acaba de tornar-se rico com isso? Que sentido teria divulgar..., digamos, semelhante fantasia musical? O que ganharia com isso?

— Correcto — o italiano aceitou o argumento.

— E depois você já trabalhou para mim muitas vezes e nunca tivemos

problemas, não foi? Por acreditar que amanhã à primeira hora abandonará este hotel e não voltarei a ter notícias suas nunca mais. Esta será a última vez que trabalha para mim, asseguro-lhe.

— Lamento ouvi-lo. Não irá necessitar em alguma ocasião...?

— Não, meu amigo. Nunca mais. E olhe, vou contar-lhe mais uma coisa para que esta pequena reunião seja mais ilustrativa e agradável. — Salazar acomodou-se na sua poltrona azul. — Vou dizer-lhe como soube da existência desta partitura e decidi contratar os seus serviços...

— Se não achar necessário...

— Sim, apetece-me dizê-lo, meu amigo. — O espanhol recostou-se na sua poltrona, semicerrando as pálpebras e respirando com lentidão. Falou pausada e didacticamente. — Beethoven tinha um sobrinho, chamado Karl... um autêntico sem-vergonha. Mas pode ser que agora, mais de duzentos anos depois daquela vilania, a humanidade possa obter bons frutos — Salazar engoliu um sorriso que não chegou a florescer nos seus lábios. — O assunto é que, como você saberá, o génio estava doente há dois anos, de cama, sem conseguir fazer outra coisa que não confiar naquele parente. E aquele indivíduo, o avarento sobrinho Karl, não só gastava todo o dinheiro do tio como também o obrigava a trabalhar mais, espremendo o pobre Beethoven, já surdo e moribundo. Foi desta forma que deu a conhecer a *Nona Sinfonia*, que tão bons proveitos lhe trouxe ainda que quase nada daquilo chegasse para que fosse melhor tratado. E foi desta maneira como obrigou também o tio, anunciando-lhe dívidas e misérias sem fim, a compor nos últimos dias da sua vida a *Décima Sinfonia*. E, ainda que ninguém o saiba, o mestre chegou a fazê-lo, aqui está a prova, nesta pasta que você me entregou agora... — Salazar chamou o empregado de mesa e pediu que o servisse outra vez do mesmo, convidando o italiano a tomar algo para comemorar aquele encontro. — Pois bem, o sobrinho não deu a conhecer a ninguém a obra final do tio, guardando-a só para si. Beethoven morreu poucos dias depois sem saber das intenções do bom do Karl, a quem confiava apesar de tudo porque, afinal de contas, era o único que permanecia a seu lado. E o bom do sobrinho, depois do muito participado enterro celebrado dias depois daquele 26 de Março de 1827, em que o génio morreu às seis em ponto da tarde (certamente, no preciso momento em que descarregava sobre Viena um terrível temporal do qual se falou como um prodígio que anunciava a imensa perda que a humanidade estava a sofrer), o sobrinho, como lhe dizia, correu a vender a partitura da *Décima Sinfonia* ao bispo encarregado da Karlskirche, a grande igreja de São Carlos Borromeu. A verdade é que o responsável por aquela igreja, um tal de Peter Sendlinger, era um homem prudente e voluntarioso que ficou de esconder a partitura até que chegasse o momento

de a entregar ao pároco da igreja de São Remígio, em Bonn, onde Beethoven tinha sido baptizado. E como forma de adiantamento pagou ao sobrinho uma soma de dinheiro muito elevada, que por desgraça ninguém conhece. Mas o destino é assim, meu amigo, e o bispo Peter Sendlinger morreu poucos dias depois de uma apoplexia e ninguém chegou a saber onde tinha escondido a partitura nem também nunca ninguém soube da sua existência. Duas mortes, a de Beethoven e a do bispo, que enterraram o mais grandioso segredo da música universal. Não teve nada a dizer o avaro Karl já que nunca soube da notícia da morte do seu benfeitor, pelo que também se esqueceu rapidamente da existência dessa música genial que agora você teve a amabilidade de me entregar... Não lhe parece uma história surpreendente?

O italiano sorriu e iniciou uma reverência para reconhecer que tinha sido um prazer participar naquela conversa que, certamente, tinha deixado de lhe interessar há algum tempo, e de passagem indicou que também ele tinha ficado agradecido por ter realizado negócios com ele. E de seguida, erguendo-se da poltrona antes de se ir embora, perguntou:

— O que não me disse foi como o senhor soube...

— Ah, meu amigo. — Salazar ergueu as sobrancelhas e moveu a cabeça de um lado para o outro. — Como se refere numa zarzuela espanhola, hoje as ciências estão tão adiantadas que é uma barbaridade. Soube pela internet. Dá para acreditar? Pela internet! O diário de Peter Sendlinger está guardado nos arquivos da diocese de Viena, os quais foram digitalizados por completo. E aí aparece narrado com toda a quantidade de pormenores o que lhe contei acerca da venda da *Décima Sinfonia* e as intenções do bispo. E também foi lá onde o encontrei. Se me perguntar como consegui chegar até essa documentação, a resposta é simples: porque antes, à procura de notícias sobre o nascimento e a morte de Beethoven, por puro *hobby*, entende-me, deparei-me com um documento guardado na Biblioteca Municipal de Bonn que chamou a minha atenção imediatamente: uma carta do bispo Sendlinger dirigida ao pároco de São Remígio, datada de 29 de Março de 1827, onde o informa da intenção de lhe enviar uma partitura do mestre em troca deste lhe fazer um pequeno favor perto de Roma, algo que tinha a ver com a canonização de um beato austríaco o qual Sendlinger queria santificar e para isso procurava aliados, entre eles esse pároco que, pela veemência da carta, devia ser muito unido espiritual ou sentimentalmente ao Papa. A proximidade das datas entre a morte do génio e a da carta que falava de uma nova partitura musical de Beethoven despertou-me curiosidade. E o diário de Peter Sendlinger revelou-me tudo, até o lugar onde tinha sido escondido o documento: exactamente onde você o obteve. Não é um verdadeiro achado?

— Sem dúvida. — O italiano reclinou-se na sua poltrona, fechando a boca que, por uns momentos, tinha mantido aberta. — Nunca pensei que na internet...

— Pois é, amigo. Utilize-a. Ser-lhe-á muito útil... Ah, a modernidade...! Que invento!

Vinício Salazar deu por terminada a conversa. Bebeu mais um gole de água, levantou-se e apertou a mão do italiano, que se levantou de imediato.

— Bom, Senzanome. Fico feliz por ter vindo pessoalmente buscar a encomenda. Você não me decepcionou. Agora temos de despedir-nos; regresso a Madrid onde tenho planeado jantar com uma mulher muito especial: a minha filha.

— Desejo-lhe uma boa viagem, senhor Salazar — o italiano susteve a mão que lhe tinham estendido. — E obrigado pela sua amabilidade.

— Obrigado a si, meu amigo. Muito obrigado.

E, pegando na pasta, afirmou com um movimento de cabeça e saiu do bar. Os dois homens da escolta seguiram-no, e um deles adiantou-se para proteger o trajecto que seria feito por Salazar até ao carro. O administrador do hotel despediu-se também na porta, afável e reverencial, repetindo-lhe que, como sempre, ficava à sua inteira disposição.

O italiano não ficou tranquilo, apesar da naturalidade da cena vivida. Foi tudo demasiado normal, demasiado simples, demasiado cordial... Demasiado. Não estava habituado a protagonizar experiências tão gratificadoras economicamente com tanta indiferença e serenidade. Para além disso, porque teria ele mesmo comparecido ao encontro? Algo estranho se passava. Observou um por um todos os clientes do bar do Hyatt para tentar descobrir se algum deles estava ali com alguma missão que, de uma forma ou de outra, fosse ele o objecto de um final macabro, mas nenhum deles lhe pareceu suspeito, o que aumentou ainda mais a sensação de perigo. Sem mais rodeios, pegou na pasta, correu para o elevador e fechou-se na *suite*, onde se estendeu na cama para contemplar o dinheiro enquanto pelo telefone ligava ao serviço de quartos e pedia alguma coisa para jantar.

Na manhã seguinte o italiano Senzanome saiu de Milão de autocarro em direcção a Paris e Vinício Salazar, através do seu guarda-costas Miguel, só voltou a saber dele que à meia-noite da última sexta-feira de Outubro morreu esfaqueado às mãos de um estivador islandês na sordidez de um tugúrio do porto de Caen-Ouistreham, sendo a causa da peçonha que o atingiu um trio de dois frente a um par de reis. E foi assim, pelo menos foi o que o seu guarda-costas disse.

No Volvo que transportou Salazar do Hyatt para o aeroporto de Milão, à pista onde o seu Challenger 604 o esperava para regressar a Ma-

drid, o guarda-costas Miguel, que viajava junto ao condutor, não pôde evitar dirigir-se a ele.

— Desculpe, senhor. — Miguel teve dúvidas se deveria perguntar-lhe, inclusive gaguejou, mas ainda assim atreveu-se a fazê-lo. — É que eu sou..., peço desculpa se parece uma impertinência, eu sou um grande apreciador da música clássica. Adoro Beethoven..., estou a falar a sério. E pareceu-me ouvir, sem querer, que o senhor adquiriu alguma coisa dele, pareceu-me perceber que a *Décima Sinfonia*. É verdade que Beethoven compôs uma décima sinfonia? Sempre ouvi dizer que se deu esse nome à *Primeira Sinfonia* de Brahms, e a verdade é que...

Vinicio Salazar olhou-o fixamente, estudou o seu homem e, sem conseguir reprimi-la, soltou uma grande gargalhada.

— Naturalmente que não, Miguel! Como podes acreditar nisso? Tudo o que ouviste é uma farsa! A *Décima Sinfonia* de Beethoven nunca existiu. O que esse homem me entregou é algo muito mais importante, mas ele nunca o deve saber, compreendes? Nunca. Além disso, se esse pobre imbecil der com a língua nos dentes, será motivo de riso de quem o ouvir. A *Décima Sinfonia*, a *Décima Sinfonia*... Não, homem, não — deu-lhe uma palmada carinhosa no ombro. — Tens cada uma!

**F**ernando de Noronha é uma ilha paradisíaca situada num invisível cruzamento de caminhos do oceano Atlântico a uns quinhentos quilómetros da costa brasileira, em frente às deslumbrantes cidades do Recife e Natal. Faz parte de um arquipélago com o mesmo nome no qual se conjugam vinte e uma ilhas e rochas que desafiam altivas o resto das belezas do mundo, mas é a única habitada e habitável do aglomerado que molda o milagroso local. Noronha, ali onde o mundo parece não ter sofrido as úlceras da civilização, era naquela altura o destino mais sugestivo e atractivo de quantos rodeavam a linha do Equador nessa parte do Atlântico.

Salazar e a sua filha não chegaram à ilha nos pequenos aviões regulares que cobriam o trajecto diário a partir do Recife ou de Natal, mas sim através de um voo desde Madrid no Challenger 604 de que era proprietário, uma viagem que decorreu sem incidentes até à segunda escala técnica, Cabo Verde, depois da paragem habitual ainda que desnecessária em Las Palmas na Grande Canária. O voo estava a ser perfeito, tal como o previsto; mas no trajecto entre Porto Praia e a ilha de Fernando de Noronha, surgiram umas pequenas complicações devidas, em primeiro lugar, à forte tempestade imprevista que surpreendeu o piloto, demorando-se a esquivar-se, elevando-se acima dos seis mil metros, e depois a umas estranhas turbulências e vibrações frequentes que fez a aeronave padecer sobre a imensidão do mar e que não pareciam ter nenhuma explicação mecânica. Para o comandante Villa a origem das anomalias tinha origem desconhecida e nem o painel de controlo nem o computador da nave as identificaram, o que ajudou a que

durante o resto do voo a incidência servisse para aumentar a sua preocupação. A única possibilidade era que um dos reactores, concretamente o direito, estivesse a esforçar-se para funcionar com a precisão desejada, mas dado que a avaria não ficou registada no painel de controlo da cabina, Villa não achou necessário adoptar medidas extraordinárias. Do que se estava a passar, só Salazar teve conhecimento, informado pelo segundo piloto, e o comandante da nave limitou-se a procurar a forma de encurtar a duração da viagem e de assegurar as manobras habituais. Em qualquer dos casos, a chegada ao aeroporto da ilha de Fernando de Noronha com antecedência em relação ao horário previsto e a aterragem, finalmente equilibrada e suave, impediram que o resto dos passageiros, sobretudo Belén, notasse alguma coisa de estranho. Mas ainda assim, Salazar, assim que aterrou, ordenou aos pilotos que procedessem a uma revisão meticulosa do jacto até encontrarem a causa da anomalia.

A estância na ilha tinha sido contratada para uma semana em vários bangalós do hotel Esmeralda, o mais moderno e luxuoso da ilha. O director do aeroporto e dos *buggies* cinzentos-prata esperavam-nos junto à pista para os levar ao seu destino e, depois de receber a protocolar boas-vindas, o próprio Salazar conduziu um dos pequenos carros até à pousada Esmeralda, levando a sua filha. No outro viajavam os dois guarda-costas que os escoltavam e Mónica, a enfermeira que os acompanhava por mera precaução, algo que ele tinha insistido apesar de Belén ter dito que não era necessário. A tripulação ficou no aeroporto, fazendo a revisão dos circuitos internos da aeronave, e Miguel, o guarda-costas, foi quem ficou encarregado de regressar para os ir buscar quando comesse a anoitecer.

A pousada Esmeralda estava situada a sudoeste da ilha, apenas a um quilómetro do rústico edifício do aeroporto. Dentro daquele minúsculo paraíso de exuberância e virgindade tudo o que habitava na ilha ficava perto: a sua superfície total não superava os dezassete quilómetros quadrados, e o seu comprimento, de ponta a ponta, não seria mais do que sete quilómetros. Os trajectos tinham de ser realizados obrigatoriamente naqueles pequenos automóveis postos à disposição dos visitantes pelas autoridades locais, os únicos veículos autorizados numa ilha protegida pelo Instituto Brasileiro de Protecção do Meio Ambiente em que, para além disso, era obrigatório pagar uma taxa diária de entrada e permanência, com uma limitação muito restrita de acesso a turistas e um limite máximo de permanência de trinta dias por visitante. Um lugar sem dúvida excepcional no qual se podia nadar entre golfinhos tagarelas e tubarões pacíficos, observar as mais variadas espécies de peixes tropicais coloridos pela mão invisível do arco-íris e mergulhar rodeado dos acidentes formados pelos jogos arquitectónicos dos caprichos do coral. Até as incursões dos banhistas no mar oriental es-

tavam limitadas para não incomodar as tartarugas. Fernando de Noronha era, assim, um despercebido recanto do planeta habitado por pouco mais de duas mil pessoas, com uma natureza milagrosamente preservada e ainda selvagem, e dezasseis praias de areia branca. A sua temperatura, durante todo o ano, rondava os vinte e oito graus centígrados e nas suas águas quentes e transparentes estavam protegidas quinze das dezoito espécies de coral existentes no mundo. Além de tudo isto, aqueles mares eram habitados por um milhão de algas multicolores, por inúmeras tartarugas marinhas e por uma infinidade de bancos de peixes coloridos que desfilavam como exércitos vistosos em busca de um tempo para esbanjar.

No mesmo bangaló ocupado por Belén também ficou Mónica, a enfermeira, uma mulher peluda de cabelo curto e preto ondulado, olhos de desenho animado japonês que nunca sorria nem mostrava qualquer interesse pelo seu aspecto facial ou pela sua maneira de vestir. Na cabana ao lado estava instalado Vinicio Salazar, e nas edificações contíguas estavam hospedados os guarda-costas e os pilotos; todos podiam ver o mar oriental que se contemplava por cima do terraço coberto com uma piscina e grandes colchões brancos para tomar banhos de sol. O interior das cabanas de madeira era decorado com sobriedade: o chão era de ladrilho branco e tacos de madeira, as paredes estavam pintadas de branco e o mobiliário era de madeira e vime, com sofás e cadeirões de tecido branco colocados à frente de mesas baixas também de madeira. Diversos candeeiros e lamparinas criavam diferentes ambientes, mas todos acolhedores. No seu conjunto, cada cabana era composta de um só andar, com uma grande sala e com os quartos nos lados, três casas de banho distribuídas por toda a estância e um bar bem fornecido com balcão para a sala. Em cima, havia um desvão com algumas mesas. Apenas um quadro, cheio de cor, com motivos marinhos, ornamentava a sala principal. Tudo estava impecável. Parecia inclusive que as moscas tinham percebido que o lema do hotel, e de toda a ilha, era o de não incomodar.

Belén estendeu-se na cama para descansar da viagem e naquela solidão recordou-se da manhã, umas semanas atrás, em que o seu pequeno Mercedes SLA Wallpaper desportivo percorreu os labirintos de um estacionamento à procura da saída, um trajecto em ziguezague por corredores e rampas igual ao realizado pouco antes de maca pelas salas do hospital, empurrada apressadamente por dois enfermeiros de mandíbulas vigorosas e olhos vidrados que a levaram para a realização de alguns exames clínicos, com a mesma urgência e desespero do coelho desorientado que não encontra o buraco da sua toca ao ser encandeado pelos faróis de um caçador furtivo.

Tinha-se submetido aos exames médicos definitivos, os últimos: o veredito final. Quando enfrentou a rampa ascendente de saída do estacionamento da praça Colón, no centro de Madrid, pôde fugir finalmente da escuridão subterrânea, mas o seu coração sabia que já nunca iria escapar do drama que estava a formar-se dentro dela com a turbulência de um naufrágio no temporal. O Sol esperava lá fora, exagerado, deslumbrante e risonho como uma zombaria, ela pôs os óculos escuros e saiu para a enchente de tráfego perdendo-se no anonimato de uma cidade de que começava a sentir saudades, porque cruzar qualquer um dos seus recantos valia o mesmo que uma despedida. No primeiro semáforo em que parou carregou no *play* do CD e tentou deixar-se levar pela envolvente música dos Pink Floyd onde *The Wall* impunha a presença que marca o fim do caminho. No assento ao lado repousava, desmanchado, um jornal gratuito que tinham distribuído de manhã noutra semáforo idêntico. Leu as letras grandes dos títulos da capa: «O cancro não poderá ser vencido antes de dez anos.» E como subtítulo: «Descoberto um gene que abre novas portas à ciência.» Belén voltou os seus olhos para a frente. O semáforo tinha mudado para verde e carregou no acelerador enquanto uma lágrima resvalava pela palidez da sua bochecha.

Luz, arvoredo, céu, dia... Música. A vida cheira a aurora ou ao crepúsculo, não há meio-termo. De repente, perante ela abriram-se as ruas sem trânsito, um céu azul profundo, a brisa a balançar as folhas que ainda não tinham sucumbido ao Outono... Tudo o que a rodeava era belo, mas no seu peito tinha-se instalado uma dor que não lhe permitia respirar bem. Como se atravessasse uma noite sem terminar. E chorava.

O som do telemóvel, anunciando uma chamada, rompeu aquele preságio de morte. Belén limpou a lágrima da cara com a ponta do dedo indicador, como se não quisesse que a vissem a chorar, e ligou o aparelho de mãos-livres antes de atender.

— Sim?

— Olá, céu — a sua amiga Sofia exagerou uma voz melodiosa e banal, tão superficial como toda ela. — Estou pelo centro, nas compras, e pensei que se calhar apetecia-te comer alguma coisa. Encontramo-nos no Embassy?

Belén demorou a responder. Teve de engolir saliva para parar o seu pranto e dissimular o medo. Passou o dorso da mão outra vez pelas bochechas húmidas e enxugou as lágrimas que choviam até à blusa. Depois disse:

— Não sei, Sofia. Acho que não me apetece...

— Bom, como queiras. — A voz da amiga cantou um pouco mais, indiferente e imparável, numa torrente de palavras fáceis. — Então vou dizer à Patricia, que há um século que não a vejo. Acaba de voltar de Kuala

Lumpur, vê bem. E não soubeste? Aquela safada fez um curso de taoismo e deve saber um montão de *feng shui*! Fenomenal, não? E ainda te conto mais, ontem mesmo comprei o *I Ching*, o livro das Mutações ou não sei o quê, para estar à altura. Porque a mim essa não me ganha. Vai ser divertido, juro-te... Se quiseres, estaremos lá, OK?

— Está bem, obrigada. Um beijo. Mas acho que...

— Bom, linda. Vá. Vemo-nos. Muá.

A caminho da sua casa de Somosaguas, Belén pensou que ela também teria gostado de estudar *feng shui* com um mestre taoista, e tantas outras coisas, mas a vida nunca concede o tempo suficiente para cumprir os desejos. Se tivesse sabido antes, disse para si, teria tentado realizar todos os seus desejos porque o tempo, no final, nunca é bastante. Os seus amigos talvez pudessem alcançar algum dos seus sonhos: dispunham de muitas mais possibilidades que ela. Sim, os seus amigos... Sofia, Patricia, Borja, Paul, Isabel, Arantxa... E Jules. Jules. O que seria feito dele. Tinham partilhado dois anos devorando os dias, mas quando acabaram aquela relação já se tinha enquistado dentro dela como outro tumor. O amor não é tempo, pensou: é um espaço. O burro nunca percebeu porque tinha decidido terminar com ele precisamente depois de terem percorrido juntos meio mundo no circuito profissional de hipismo: Londres, Munique, Los Angeles, Montevideu, Joanesburgo, Sidney, Tóquio... Ela não se atreveu a explicar-lhe, não conseguia. Não se atreveu a dizer-lhe que aos vinte anos se tinha decidido, por fim, a ser consultada pelos médicos para que a ciência lhe dissesse porque ainda não tinha tido a sua primeira menstruação; que encontraram a causa e que a submeteram às necessárias intervenções cirúrgicas; mas que nove anos depois lhe disseram que tinha sido tarde demais e que a sua vida se aproximava do fim. Por isso não quis submetê-lo à dor da perda. Foi melhor deixá-lo: matar o desejo e quebrar com o torvelinho extenuado da paixão carnívora e dos sentimentos verdadeiros. A Belén, o amor levou-a a renunciar por amor. Não conhecia outra forma de querer.

Os exames médicos realizados na clínica acabam de confirmar-lhe uma vez mais: ela não estava autorizada a amar. O destino caía-lhe em cima com a contundência de uma avalanche. Para quê continuar algo que já estava fora do espaço e do tempo. Jules aceitou-o sem procurar respostas que sabia que não iria conseguir. Era um bom homem. Conheceu-o em Formentera e depois passaram uma semana na cabana de um hotel do Ari Atold, o maior dos atoles das ilhas Maldivas, sem quase saírem do quarto. Apenas o fizeram para tomar banho, para jantar e, no último dia, para irem de barco a um mercado instalado numa ilha próxima e comprar uma típica tartaruga de madeira, dois panos indígenas, um colar de conchas marinhas

e um pequeno pedaço de coral, proibido pelas autoridades mas disponível devido à pobreza e em troca de alguns dólares. Depois Belén seguiu-o nas suas competições por todo o mundo até que a debilidade a impediu de continuar perto dele. Ela já não podia ser mulher, nem companheira, nem amante, nem promessa de nada. O espaço do amor não se tinha acabado, mas o tempo sim.

Desde então já não sofria. O sofrimento também é um espaço que expulsa da realidade a quem o suporta. Só sentia pena pelo seu pai, o melhor homem do mundo; o mais feliz e o mais desesperado também. Um triunfador que nunca se tinha resignado a perder e desta vez também não estava conformado. Mas a roleta já tinha começado a girar e ele não se tinha permitido realizar nenhuma aposta. Quando a roleta parasse, quando o tempo e o espaço parassem por fim para ela, o seu pai assistiria impotente à derrota. Ainda que não soubesse resignar-se; porque não tinha podido fazer outra coisa ainda que tivesse comprado a roleta, a mesa, o casino e a cidade inteira. A roleta ia ficar imóvel. Pobre papá, pensou. E voltou a chorar.

Tinha sempre sentido os tremores do medo enquanto esperava o resultado de um exame médico; mas no fim foi incapaz de explicar o que sentiu ao conhecer um diagnóstico tão mau, o pior dos possíveis. Foi invadida por uma mistura de pavor e de resignação, ambos indescritíveis. Não conseguiu decidir qual daqueles sentimentos era o mais forte. Qual predominava. Estava aterrada, o muro tinha caído à frente dela e ela dirigia-se para ele a toda a velocidade. Por isso fez um movimento rápido e desligou o CD, afogando os Pink Floyd de um modo intempestivo. Queria viver, ainda que não pudesse ser. Desejava viver. O rádio estava a dar as notícias... Outro atentado em Telavive; a iminência dos efeitos devastadores das alterações climáticas; a invasão comercial da China na Europa; um novo roubo de *O grito*, de Munch; a atribuição de um antiprémio Nobel de literatura a uns senegaleses que vigarizavam pela internet com um texto que prometia benefícios extraordinários com um investimento mínimo... Viver... valia a pena. Ainda que tudo fosse cada vez pior. Porque viver é a única resposta. E por um instante passou-lhe pela cabeça de que se calhar o seu pai, o grande Vinicio Salazar, conseguiria encontrar um remédio para a sua condenação. Tinha de confiar nele; queria fazê-lo. A esperança é um comboio do qual nenhum viajante desce.

Ao parar perante um novo semáforo passou à frente dela uma adolescente com as calças descaídas nas ancas guardando o telemóvel dentro das cuecas. Primeiro olhou-a com curiosidade e depois com inveja. Era tão jovem... Ter-lhe-ia comprado a vida se estivesse à venda. E logo a teria devolvido porque não teria podido viver roubando a vida dele. Morrer é o único

cocktail verdadeiramente exclusivo. Ninguém pode beber essa beberagem por outro. Aquela morte era sua e de mais ninguém.

Quando chegou a casa já não chorava. Abriu o portão com o comando à distância e dois homens saíram ao seu encontro para controlar a entrada. Cumprimentaram-na sem sorrir, mas ela sim, sorriu. Deixou o carro na garagem, subiu ao seu quarto e mudou de roupa. De seguida foi estender-se numa espreguiçadeira à espera que o sol, tal como o tempo, aparecesse por detrás do horizonte com a paciência do mar a esfacular uma rocha sem polir.

No seu bangaló, Vinicio Salazar também se tinha sentado num cadeirão para descansar enquanto Belén repousava. Aquele lugar perdido no meio do Atlântico era agradável; agradável e relaxante se a consciência não o estivesse a ferir com os espinhos que laceravam de uma forma tão intensa. Quando descobriram a anomalia de Belén foi tarde: ele deveria ter estado mais próximo da sua filha, mas não esteve. Além disso, quando lhe diagnosticaram o mal, ele também não mudou a sua rotina dos negócios e entretenimentos caros porque eram tempos em que reinava o egoísmo e a indecência. Apenas quando no ano passado se manifestaram as consequências da síndrome começou a exercer os seus deveres de pai, mas já era tarde. Não foi o destino que foi culpado, mas sim ele. Por isso a culpa agarrava-o pelo pescoço até o asfixiar durante a noite e naqueles outros momentos em que deixava os pensamentos apropriarem-se dos tempos de repouso.

Agora, sentado na poltrona de vimes e estalidos do seu quarto, olhando os horizontes do mar, Vinicio Salazar recordou também a ocasião em que propôs a Belén a viagem que acabavam de realizar e as férias que tinha urdido para aliviar a sua culpa, afogar os seus remorsos e impedir que a roleta deixasse de girar decidindo o número vencedor da aposta. Recordou que, aquele dia 9 de Outubro, às onze da noite, ainda fazia muito calor em Madrid. Quando entrou na sua casa da urbanização residencial de Somosaguas, Belén estava recostada debaixo do alpendre, comendo um iogurte, com o olhar perdido no infinito e a colher na boca, como se desfrutasse dos restos do sabor sem qualquer pressa. Da aparelhagem de música chegavam as notas quentes de uma canção francesa, *La valse à mille temps*, de Jacques Brel.

— Mas, meu amor... Ainda não te deitaste? — aproximou-se dela e deu-lhe um beijo na testa.

— Olá, papá — a rapariga fechou os olhos enquanto ele a beijava e sorriu. — Que tal o dia?

— Bem, bem... Como sempre...

Belén comeu mais uma colherada de iogurte e deixou o recipiente

sobre a mesa que havia ao seu lado. Ergueu-se para o olhar enquanto ele se servia de um pouco de soda num copo alto com alguns cubos de gelo.

— Jantaste?

— Sim — respondeu ele. — No avião comi uma sanduíche. E tu?

— Sim...

Ela voltou a estender-se na espreguiçadeira. Vestia umas calças de ganga desgastadas e uma camisa de seda azul metálica sem colarinho, desabotoada até ao quarto botão. Abrigava os seus pés com umas meias às riscas multicolores, de algodão. O seu cabelo louro e um pouco ondulado, caía sobre os seus ombros com a suavidade da neve a cair e os olhos claros, de um verde quase transparente, conseguiam que o seu olhar parecesse em certas ocasiões abatido e noutras inquietante, conforme fosse a expressão da cara. O pai deteve-se uns instantes para a observar e amaldiçoou aquela beleza uma vez mais: tinha preferido que a sua filha fosse feia, o mais feia possível. Aquela rapariga de pernas intermináveis e corpo de escultura grega, de beleza admirável, feições harmoniosas e doçura inebriante era uma farsa da natureza, uma piada macabra. Olhou-a ali estendida, em todo o seu esplendor, e voltou a odiar a sua perfeição. Respirou fundo e sentou-se a seu lado, em silêncio.

— Está uma noite linda — comentou ela. — Nem parece que estamos em Outubro...

— Sim, demasiado quente para esta época — Salazar despertou do ensimesmamento e refez-se da sua maldição. — E tu, em que pensavas, filha?

— Não sei — respondeu quase num suspiro. — Acho que não pensava em nada em concreto. Esta noite não me apetecia sair e fiquei aqui, a olhar o céu. Reparaste? Apenas se vêem estrelas, não é? Já me lembro: acho que pensava que antes havia mais, se calhar as estrelas também morrem...

— É pelo excesso de luz da cidade. — Salazar levou o copo aos lábios. Depois acrescentou —: Há as mesmas estrelas de sempre, filha, só que não as vemos. Se continuarmos assim, vai chegar o dia em que não nos vamos lembrar de que existem.

— Eu quase que não me lembro de quando a mamã vivia — Belén voltou a cara para cima. — Faz tanto tempo... Pode ser que as recordações sejam como o iogurte, que nascem com data de validade.

— Dizes cada coisa, Belén... — Salazar cabeceou levemente. — A propósito de estrelas: gostaria que não fizesses planos para a primeira semana de Novembro.

— A primeira semana? Bom, estava a pensar organizar uma festa no dia 2. É o meu aniversário.

— Não sei, talvez pudesses deixá-la para depois... — Salazar baixou a

cabeça. — Enfim, se quiseres, claro. Gostava de o comemorar sozinho contigo. Tinha pensado numa ilha do Atlântico. Muito perto do Brasil. Reservei um hotel que fica num lugar onde poderás contar milhares de estrelas, vais ver.

— A sério? — Belén brincou de alegria e reclinou-se na espreguiçadeira, sorrindo agradecida. — Parece-me maravilhoso...! Tu e eu sozinhos, sim. Finalmente! Quero muito!

— Acho que é o mínimo que posso fazer. Não se comemoram trinta anos todos os dias...! — Salazar sorriu também.

— É verdade... E às vezes não se comemoram trinta e um. — Ela fechou os olhos e voltou a espreguiçar-se. — Às vezes...

Vinicio Salazar ficou em silêncio. Os seus lábios compuseram um esgar no qual o seu sorriso congelou; e nessa altura reprimiu uma lágrima para que a sua filha não o visse a tremer. Voltou a cabeça, recostou-se no assento e engoliu em seco duas vezes. Jacques Brel iniciava as primeiras estrofes de *Ne me quitte pas*...

O tamarindo é uma árvore muito peculiar: quando chega à noite e o sol se põe, as suas folhas fecham-se sobre si mesmas e deixam visível o tronco, que pode ser contemplado em toda a sua nudez. Então é possível observá-lo sem cobertura nem camuflagem, pois não dissimula a sua beleza nem os seus defeitos. A indiscrição paradoxal da escuridão, a vingança da noite por roubar-lhe a luz. O mesmo sucede com muitas das emoções que aparecem na vida: à noite são mais visíveis os prazeres e os sofrimentos, as esperanças e as decepções. Mais evidente a vida; mas também mais evidente a morte.

— Quanto tempo achas que vou viver, papá? — Belén não escondeu a serenidade que o seu belo rosto reflectia ao perguntar-lhe. Os seus olhos brilhavam na penumbra, seguros, como se fosse de dia e as folhas do tamarindo estivessem a recobrir o medo do tronco; olhava para o pai sem pedir ajuda, nem procurá-lo para que a amparasse. Simplesmente enfrentava o futuro com a maturidade de um velho que aceitou que a medida da vida às vezes é injusta, como no seu caso, e noutras razoável.

Vinicio Salazar viu no sossegado rosto da filha a luz pálida da morte e desejou com todas as suas forças encontrar a fórmula mágica que mudasse o destino. Qualquer coisa menos assistir, impotente, à putrefacção de tanta beleza, no final do único amor que durante tantos anos justificava a sua vida.

— Não sei, filha; não sei... Talvez...

— O doutor Weisser disse...

— Não sei... Nem ele nem ninguém sabe nada, filha — Salazar agitou-se incómodo, indefeso e sozinho como um naufrago, inútil como um

colibri com as asas partidas e sem forças para voltar a voar e sugar o néctar de uma flor. Ergueu-se no seu assento e levou as mãos à cara, ocultando-a, para que Belén não descobrisse os limites do seu desespero. E falou, falou sem parar para conter o tremor do seu queixo. — Lembra-te que nos disseram o mesmo em Berlim e em Toronto. Depois, em Nova Iorque asseguraram-me que tudo era imprevisível, que não existem prazos. O mesmo foi-me dito em Houston e em Pamplona. E em Amesterdão já sabes o que Weisser pensa...

— Meses, disse. Inclusive semanas...

— Ninguém sabe nada, filha... Ninguém.

Que bela estava Belén de noite, apenas iluminada pelos candeieirinhos do alpendre que desprendiam um ténue manto de luz ambarina; e envolvida por aquelas canções francesas de amor e desespero. *Ne me quitte pas...* Não, não me deixes, não me deixes nunca. Salazar tinha desejado correr a abraçá-la, a enchê-la de beijos e de lágrimas, mas sabia que o não devia fazer: a única coisa que um moribundo não quer é compaixão. E ele não ia ter pena dela, entre outras coisas porque se chorasse não ia saber explicar se o fazia por ela ou por si mesmo. Feia, queria que ela fosse feia. Se a sua mãe tivesse estado perto dela...; se não tivesse crescido sozinha, com um pai irresponsável e ausente dedicado por completo ao trabalho...; se alguém tivesse sabido que o que estava a acontecer não era normal...; Mas já era demasiado tarde para lamentações. Sabia que ele morreria também de angústia e melancolia se acontecesse alguma coisa a ela, se acontecesse o que podia acontecer, se se cumprisse o que estava anunciado nas Tábuas da Lei dos homens. Com o que ficaria ele depois de acontecer o momento final? Nada, apenas a culpa, um irresistível sentido de culpa. E não ficaria com ninguém. Nem nunca mais poderia querer a mais ninguém. Amar é um seguro contra a dor: apenas se conhece a profundidade do poço que guarda os sentimentos quando se perde a pessoa amada. Com quem iria partilhar a dor e a culpa? Com quem se consola um pai quando lhe roubam a filha, a pessoa que mais pode amar, a quem mais ama? Se não existe consolo rodeado de seres que sofrem também, o que iria ser dele, quando já ninguém existir na sua vida? Olhou para a sua filha na espreguiçadeira, bela e silenciosa como uma sereia estendida na rocha mais altiva da costa, com os olhos postos no céu à procura de uma estrela invisível, e nesse momento não soube o que dizer. Porque não imaginava que ela também estivesse a pensar no mesmo que ele.

— Quero que me prometas uma coisa, papá.

— Claro, Belén.

— Quero que nunca sofras por mim e que encontres uma boa mulher.

Salazar surpreendeu-se ao ouvi-la. Não conseguia discernir se ela tinha lido aqueles pensamentos egoístas que mantinha fechados no peito ou se a filha o conhecia tão bem que era capaz de abrir as fendas das emoções dissimuladas. Mas tentou esconder-se dela ocultando o seu olhar atrás de uma surpresa encoberta.

— Uma mulher? Para quê?

— Para te casares com ela, para o que havia de ser. Gostava que criasses uma nova família, que não ficasses sozinho, que... — Belén começou a chorar. — Porque vais ficar muito sozinho, papá!

Salazar aproximou-se dela e ambos permaneceram abraçados uma eternidade, emocionados. Jacques Brel já tinha acabado o seu recital e o silêncio era quebrado pelos leves gemidos do choro de Belén, que procurava o pescoço do seu pai para o beijar. Salazar recompôs-se, segurou-a pelos ombros e olhou-a nos olhos com a firmeza de um falso hipnotizador das terras antigas de Madagáscar.

— Não, filha. Nunca estarei sozinho. Ter-te-ei a ti...

— Tu podes ter a mulher que quiseres, papá, a sério — ela engoliu as lágrimas pelo nariz, sem ouvir as suas palavras piedosas. — És o homem mais belo do mundo, ainda és jovem e tens tudo, tudo o que quiseres. Não me digas que não vais encontrar uma boa mulher que...

— Se todo esse dinheiro não serve para curar-te — suspirou ele —, então não serve para nada.

— Bom, já sabes o que o provérbio chinês diz — Belén passou a mão por debaixo do nariz, contendo as lágrimas e forçando um sorriso —: O dinheiro pode comprar o médico, mas não a saúde.

— Chineses fodidos... — ele forçou também uma careta sorridente. — Pois então aplica o conto, porque também dizem que o dinheiro pode comprar o sexo, mas não o amor.

— Chineses fodidos...

Os dois sorriram, agora a sério. Voltaram aos seus assentos e recostaram-se para olhar o céu. Uma estrela, só uma, brilhava lá no alto. Ela assinalou-a. Quase de certeza que não deve ser uma estrela, corrigiu ele, mas sim um satélite artificial desses que lançamos agora para servir as nossas empresas, a rede de telecomunicações, a defesa estratégica ou as previsões meteorológicas. Inclusive até pode ser meu...

— Não sejas desmancha-prazeres, papá...!

Salazar acendeu um cigarro, ajudava-o a pensar. E agora pensava no que Belén tinha dito dos chineses. Talvez devesse ter ido a Pequim; talvez na medicina tradicional chinesa tivesse podido encontrar algum remédio para a sua doença. Eles, que eram tão sábios, tão eloquentes, tão profundos na procura da felicidade, talvez soubessem como impedir o mal da morte.

O dinheiro não compra a saúde, nem a vida. . . Já sabia disso. Então, de que servia ser o homem mais rico do mundo? De nada, disse para si enraivecido; o mais certo era que o seu asqueroso dinheiro não servisse para nada. Os chineses diziam-no com clareza: o dinheiro serve para comprar uma casa, uma cama, um livro, um estatuto..., mas não para comprar um lar, o sonho, a sabedoria ou o respeito... Porra! Para que lhe servia ter tanto se ia perder a única coisa que era verdadeiramente importante: a sua filha?

— Bom, paizinho, vou deitar-me — disse Belén, respirando fundo, como se lamentasse gastar em sonhos negros um tempo que se tornou escasso. — Mas não te preocupes comigo, eh? Estou bem. Só um pouco cansada.

— Está bem. Eu também vou deitar-me daqui a pouco. Assim que acabar este cigarro.

— Boa noite, papá.

— Boa noite, filha. Descansa.

Assim que Belén subiu para o seu quarto, Salazar apagou o cigarro no cinzeiro e entrou no seu escritório. Ligou o computador e releu mais uma vez a informação que tinha tirado da internet sobre a doença da filha. Apoiou os cotovelos na mesa e a cara na palma da mão e leu o ficheiro de onde tinha reunido um milhar de textos médicos com o objectivo de descobrir neles um resquício de esperança para poder conciliar, por uma noite, o sono. Leu-os com os olhos embargados, limpando-os de vez em quando para conseguir continuar. Conhecia-os bem, quase que os podia recitar de cor.

Síndrome de Morris (extraído do endereço da página web <http://www.terra.es/personal/flomera/que.htm>): «As pessoas que sofrem de feminização testicular ou síndrome de Morris têm uma aparência externa de mulher, geralmente de grande beleza, ainda que do ponto de vista genético sejam homens. Algumas das modelos mais belas do mundo apresentam esta alteração que dá lugar a mulheres altas, de pele sedosa, ancas estreitas, peitos muito desenvolvidos e vagina (em alguns casos rudimentar), e carecem de pêlos nas axilas e na púbis. Em contrapartida, os seus cromossomas sexuais são do tipo XY, isto é, masculino. Além disso, possuem testículos escondidos no baixo-ventre, nas virilhas ou nos lábios vulvares, e não apresentam útero. Logicamente são estéreis e carecem de menstruação. O fenómeno [...], é produzido por uma mutação genética no cromossoma X. Esta é a responsável pela falha nos receptores de testosterona, o que impede o aparecimento do fenótipo ou aparência masculina durante o desenvolvimento embrionário. Muitos dos afectados descobrem a sua doença quando vão ao médico para tratar o seu problema de esterilidade e amenorreia (carência de menstruação).»

Salazar voltou a ler o texto, como tantas outras vezes. Belén correspondia a essa aparência externa; aquela descrição parecia ser um retrato seu. Ele

era o culpado de tudo: devia ter estado mais atento enquanto ela crescia e ter estranhado de os anos passarem e Belén não ficar menstruada. Claro que, na realidade, nunca o soube nem considerou necessário sabê-lo. Também não se lembrou de lhe perguntar, não entrava no universo dos assuntos que lhe interessavam. Em contrapartida, se a sua mulher tivesse vivido, sem dúvida que aquilo nunca teria chegado tão longe... Depois, quando soube a verdade, pagou a intervenção cirúrgica de extirpação do único testículo residual que conseguiram visualizar e voltou a esquecer-se da sua filha, sem se preocupar com as possíveis consequências. Só ele era importante. Pode um homem odiar-se até tal ponto que deseje o suicídio como castigo e não como libertação? Salazar sentiu-se sujo outra vez, terrivelmente sujo, desonesto e cruel. O pior pai do mundo, o ser mais desprezível da Terra.

Com lágrimas de raiva contra si mesmo, continuou a ler outra informação retirada da internet (desta vez assinada por Regina Reyna): «*Quem sofre tem aparência externa de mulher, mas geneticamente são XY (homens), [...] em mais de 50% dos casos encontram-se «hérnias» (testículos parcialmente descidos) no baixo-ventre ou nas virilhas, e a vagina é pouco profunda.*»

Não: Belén não tinha sofrido de hérnias. Pelo menos nunca se tinha queixado e, se tivesse sofrido, certamente tinham-na incomodado quando fazia ginástica na escola, ou nas aulas de equitação, ou nos jogos de ténis em relação aos quais era tão aficionada até que a doença lhe apareceu. E depois como é que ela poderia saber se a sua vagina era pouco profunda ou normal? Como compará-la? Oxalá tivesse nascido lesbica ou tivesse andado com homens experientes! Talvez algum deles tivesse percebido durante a adolescência e ela tivesse ido ao médico a tempo. Também a sua mãe teria podido conversar com ela dessas coisas, mas morreu quando Belén tinha onze anos e, tão pequena, não sofria ainda de nenhum daqueles sintomas.

Deitou a cabeça para trás na cadeira, endireitou as costas e continuou a ler outra informação (desta vez proporcionada por Lorna González Herrera): «*Dado que o fenótipo é feminino, no momento do nascimento adotar-se-á este sexo e se não se fizer o diagnóstico precoce durante a infância pela descoberta de algumas das características descritas anteriormente, chegará à puberdade aparentemente normal [...]. Geralmente são mulheres atraentes.*»

A traição da beleza. Outra vez a beleza como acidente da Natureza. Salazar suspirou: não encontrava resquício por onde entrasse qualquer luz, por insignificante que fosse. Não tinha vontade de continuar a torturar-se, mais ainda assim continuou a ler: «*Na Grécia e em Lisboa eram assassinadas ao nascer ou ao descobrir-se a sua condição.*»

A Natureza encarrega-se de as assassinar, pensou; os gregos só adiantaram um pouco a sua morte. Não sabia se queria continuar a ler. Conhecia o conteúdo do documento seguinte e este provocava-lhe calafrios. Apesar

de saber que o pior vinha agora não retirou os olhos do ecrã. Na página web <http://www.unizar.es/gine/222gin.htm> era onde se descrevia a condenação da sua filha: «*Depois da puberdade existe um desenvolvimento incompleto do sistema tubular, coberto por células germinais imaturas e por células de Sertoli, mas não existe espermatogénese. Devido à elevada incidência de formação de tumores nestas gónadas, uma vez completado o desenvolvimento depois da puberdade, devem ser extirpados. Deve ser introduzida uma terapia de suplemento hormonal para evitar o envelhecimento prematuro, risco cardiovascular e o aparecimento de osteoporose.*»

Tumores e risco cardiovascular. Sim: o cancro unido a um terrível risco cardíaco, e ao envelhecimento prematuro, à fadiga, à destruição. Sem possibilidade de transplante nem de terapias químicas ou radiológicas. Com metástases generalizadas. E a morte com hora marcada. Também o lamentaram os muitos médicos que a viram quando já era demasiado tarde. Por sua culpa: Salazar não podia deixar de sentir-se culpado. Tinha dedicado toda a sua vida a acumular dinheiro e não tinha reparado que a sua filha não precisava de moedas de cobre mas sim da atenção dedicada de um pai para não caminhar inexorável para a morte. Uma morte anunciada e ameaçada com precisão nas linhas que continuava a ler, como um diagnóstico de Belén, como se o seu autor a conhecesse, como se o tivesse escrito a pensar em Belén. As palavras tinham sido extraídas da página web: <http://conganat.uninet.edu/IIICVHAP/posters/030/texto.htm>: «*Entre as complicações a longo prazo está o risco de malignização das gónadas ectópicas, especialmente a partir dos 30 anos. O Seminoma é o tumor maligno mais frequente.*»

Fechou os olhos e esfregou as lacrimais com os dedos indicador e polegar. Já tinha lido bastante. Desligou o computador, levantou-se, pegou na pasta e retirou a partitura da *Décima Sinfonia*. Depois, aproximou-se da parede do escritório, retirou o quadro de Picasso que a decorava, pôs a ponta do dedo polegar direito sobre o leitor de marcas digitais do cofre, esperou que a luz verde se acendesse e abriu-o. Depositou nele o manuscrito, fechou o cofre e voltou a pendurar o quadro no seu lugar.

Vinicio Salazar cabeceou abatido, fechou os olhos, passou a mão pela cara e subiu para o seu quarto para que ninguém o ouvisse a blasfemar.

Agora, na paradisíaca ilha brasileira, depois de repousar, desfazer a mala e mudar de roupa, Salazar e Belén saíram para dar um passeio pelos caminhos rodeados de vegetação até à praia mais próxima. Sentiam-se odores desconhecidos e aromas fortes a tempos remotos, como se o mundo tivesse parado nos dias em que não se sabia falar das coisas que ainda não tinham nome. O ar era tão limpo que apetecia bebê-lo e a terra emitia sussurros de

pisadelas de artrópodes, insectos e outros pequenos animais vertebrados e invertebrados que não se deixavam ver. No fim do passeio, a praia agarrou-os na sua areia moída, embriagada pela sua extensão e luminosidade, cegando o preguiçoso mar fundo que apenas tinha vontade de se balançar. Salazar e a filha respeitaram com o seu silêncio a comovente visão que se abriu perante eles, permanecendo ali, abraçados, até se encherem da vida antiga que na cidade tinham esquecido. O ser humano, com toda a sua altivez, não sabia fazer coisas como aquelas. Nem nunca as criaria, por isso conformava-se em as destruir.

Ao anoitecer, Salazar e Belén jantaram juntos na Casa Gardénia, o restaurante da pousada. Optaram pelo peixe confeccionado em folha de bananeira e bolinhos de tubalhou, uma comida típica feita à base de tubarão salgado e que acompanharam com um vinho de Bordéus Château Petrus Pomerol, colheita de 1997. Depois do jantar deitaram-se em duas espreguiçadeiras para repousarem, cobertos por uma abóbada tão colorida de estrelas que os maravilhou. Um universo de luzes fixas ou cintilantes que fazia diminuir tudo e obrigava a acolher a sensação de que, perante tanta majestosidade, nada importava perante aquilo que o destino se pudesse deparar.

— É verdade — disse Belén em voz baixa depois de contemplar as estrelas durante alguns minutos, como se temesse acordar o mundo. — Não morreram, olha...

— Prometi que irias ver um milhão delas — respondeu-lhe Salazar. — Estás bem, minha querida?

— Sim, papá — ela sorriu e segurou-lhe a mão. — Muito bem. Amanhã é o meu aniversário, lembra-te? E o que eu mais queria era passá-lo contigo. Obrigada, papá. Estou muito feliz.

— Gosto de ouvir-te dizer isso. — Salazar respirou fundo e voltou a cara para o lado oposto para ocultar a gravidade do gesto que se estava a desenhar no seu rosto.

Belén compreendeu de imediato o que o pai pensava e sentiu-se culpada pelo sofrimento que lhe estava a causar. Ficou em silêncio, com os olhos presos numa estrela que tremeluzia a sul e mordeu o seu lábio inferior. Até que, de repente, retesaram-lhe os dedos de um pé e cruzou as pernas para enlacá-los com os do outro pé, sem conseguir aliviar a dor; de seguida começou a sentir a facada do golpe estender-se ao longo das costas, como tantas outras vezes, mas desta vez era mais aguda, quase insuportável. Não o quis dizer. Ergueu-se da espreguiçadeira, ficou sentada com as palmas das mãos apoiadas nas costas e respirou profundamente com o rosto crispado e os olhos fechados até que a dor cedeu e se sentiu um pouco mais aliviada.

— Estás bem, filha?

— Sim, sim... — Belén abriu as pálpebras e relaxou os músculos da cara, dissimulando o sofrimento. — Quero que me digas uma coisa, papá... Como era a mamã? Já quase que não me lembro dela...

Salazar esfregou com os dedos da mão a cara contraída, pressionando para encontrar a forma de responder, e resfolegou.

— Muito bela, filha. Quase tanto como tu...

— E que mais?

— Era muito jovem quando morreu. Tinha acabado de completar trinta e quatro anos. Foi tão injusto...

— Eu sei, papá.

— Tu tinhas onze, não? Não me lembro bem... Acontece-me um pouco como a ti, o tempo está a roubar-me os perfis. É a pior coisa da passagem do tempo, sabias? Leva as imagens e deixa-nos só os acontecimentos, as coisas que se viveram; mas o rosto das personagens com as quais vivestes aqueles momentos é cada vez menos nítido, vai-se esfumando. Lembro-me da tua mãe pelas fotos, como acontece contigo. Mas cada vez é mais difícil lembrar-me do que sentia quando..., quando... Não sei, filha... Não sei por que me perguntas isso agora...

— Desculpa, papá.

— Porque agora só tu és importante.

— Desculpa... A sério.

— Olha — Salazar tentou que Belén não se entristecesse e quis afastar também dele a pena que lhe apertava a garganta até ao ponto de dificultar-lhe a fala. Procurou nos bolsos e retirou um colar. — Não sei se vais gostar: comprei-o a uma camareira para ti.

— O que é?

— Artesanato típico do local. Isso pelo menos foi o que me foi dito. Fazem isso com ossinhos de tubarão...

— Mas, é lindo! — Belén colocou-o sobre o busto, olhou-se e colocou-o de seguida à volta do pescoço. — É a melhor prenda de aniversário que podia receber...

Salazar sorriu. Não sabia se se tratava de uma ironia de Belén ou se o seu coração se tinha amolecido tanto que qualquer insignificância era capaz de a emocionar. Miguel, o guarda-costas, interrompeu a conversa aproximando-se deles com o piloto do Challenger 604.

— Senhor?

— Sim, Villa?

O piloto aproximou-se de Salazar. O seu rosto reflectia cansaço e alguma preocupação.

— Não tivemos muita sorte, senhor — começou por dizer, decepcio-

nado. — Temos um problema com o reactor direito da nave. Deve ter-se introduzido algum pássaro certamente durante a descolagem em Cabo Verde, e talvez o impacto...

— E...? — Salazar ergueu os ombros. — Limpando os restos...

— Bom, não é assim tão simples, senhor. — O piloto negou com a cabeça e apertou as mandíbulas. — Não existem restos, a temperatura do próprio reactor volatilizou o elemento estranho, mas tudo parece indicar que uma minúscula parte do seu mecanismo ficou danificado. Teríamos que desmontá-lo peça a peça para encontrar a parte danificada e repará-la. Na realidade... — titubeou Villa —, bom..., fizemos uma prova, ligando os motores, e o reactor parece emitir algumas vibrações. Todo o sistema funciona aparentemente bem, mas receio que seja arriscado...

— Bom, amigo Villa, bom — Salazar deteve o piloto. — Bom trabalho. Um simples avião não vai estragar-nos as férias. Miguel, amanhã põe-te em contacto com Madrid e encarrega-te de que nos enviem o CE-550 dentro de uma semana para nos vir buscar.

— De acordo, senhor Salazar — assentiu o guarda-costas.

— E tu, Villa, vai descansar, bem precisas — ordenou Salazar, rodeando o seu ombro com o braço. — De manhã pensaremos na forma de solucionar o problema do Challenger. E janta alguma coisa, homem: a lagosta do restaurante tem um óptimo aspecto.

Salazar voltou-se para a filha e sorriu. Belén, forçando um sorriso também, deixou-se cair na espreguiçadeira. Mas os lábios ficaram hirtos e deram lugar a uma careta de dor indescritível no seu rosto, que se contraiu como um papel enrugado numa mão. Disse apenas:

— Papá!

E caiu desamparada, sem sentidos.

Salazar, assustado, correu, tocou-lhe na cara e gritou o seu nome:

— Belén! O que foi, Belén? Mónica! Depressa! A enfermeira que venha rápido!

O guarda-costas Miguel foi à sua procura e de seguida apresentaram-se ambos no terraço. O comandante Villa ficou para o caso de ser preciso ajudar em alguma coisa. Mónica precipitando-se sobre Belén, procurou-lhe o pulso, levantou-lhe uma pálpebra e comprovou que o seu coração batia debilmente. De seguida tentou mover-lhe o pescoço, que se deixou manipular como se tratasse de um trapo.

— Temos de levá-la para o hospital, senhor! — Mónica levantou os olhos para Salazar. Na sua cara estava reflectido o drama. — Parece-me..., parece-me que...

— Mas, o que lhe aconteceu? — Salazar apertou o braço da enfermeira.

— É uma crise, senhor. — Mónica agarrou com força a mão de Belén, angustiada. — Pode ser grave...

— Vamos, Villa! — gritou Salazar ao comandante. — Voemos imediatamente para São Paulo!

— Não sei se é prudente... — o piloto franziu as sobrancelhas e negou com a cabeça. — O aeroporto está fechado e já lhe expliquei que o Challenger não está em condições de...

Salazar agarrou o piloto por um braço, com a força de um gancho. Estava desesperado e cravou os seus olhos sanguinolentos nos do piloto.

— Não me fodas, Villa! Trata-se da minha filha!

— Mas, senhor...

— Pode voar?

— Penso que sim... Mas tal como está o reactor é um risco se...

— Tu consegues com que não haja problemas! Conheço-te de sobra!

Vamos!

— Mas...

— Vamos!

Salazar ordenou a partida sem ligar às dúvidas que o piloto tentou transmitir-lhe. Entre Miguel e o outro guarda-costas levaram Belén na mesma espreguiçadeira, usada em forma de maca, até um dos *buggies*. A enfermeira correu atrás deles. Salazar entrou a toda a velocidade no bungalow para ir buscar a sua pasta azul de mão e seguiu-os. O piloto e o co-piloto adiantaram-se num dos *buggies* e quando os outros chegaram ao aeroporto os motores do Challenger 604 já estavam ligados e os pilotos pediam a Control-Rio um plano de voo urgente Fernando de Noronha-São Paulo, por tratar-se de uma emergência. Os passageiros subiram para o aparelho e Salazar ordenou o início do voo.

— Miguel: diz ao comandante Villa que contacte por rádio com o Hospital SÍrio-Libanês de São Paulo. Quero que um helicóptero esteja no aeroporto à nossa espera para levar a minha filha. E quero todos os médicos do hospital preparados e à espera dela! Entendido?

— De imediato, senhor — o guarda-costas correu para a cabina. Salazar seguiu-o, fora de si.

— E tu, Villa, ouve-me bem — aproximou-se da porta da cabina e pousou a mão firme sobre o ombro do piloto —: Quero que o forces ao máximo, tu sabes como o fazer.

— Com certeza, senhor Salazar — resignou-se o piloto. — Mas o reactor...

— Faz o que te digo, por todos os diabos!

— Está bem, senhor. Farei o que puder...

O céu da ilha de Fernando de Noronha foi rasgado pela descolagem

furiosa de um avião que rompeu a noite da ilha mais sonolenta do mundo. Como se um trovão seco tivesse rasgado a ilha em dois. Como se a estação das chuvas se tivesse adiantado quatro meses. Como se o inferno estivesse a prestar contas pela sua insultuosa beleza.

Quando o avião alcançou a altura indicada pelo Controlo do Rio de Janeiro, Salazar foi sentar-se junto à espreguiçadeira onde a sua filha permanecia inconsciente. Mónica tomava-lhe o pulso e a tensão arterial, mostrando uma atitude cada vez mais preocupada. Da sua maleta retirou uma seringa e uma ampola que continha um líquido amarelado. Dvidou alguns instantes.

— O que foi, Mónica?

— É que..., não sei se deva, senhor Salazar.

— O que é isso? — indicou para a ampola.

— O seu pulso está cada vez mais fraco. — Mónica fechou os olhos e voltou a abri-los para olhar os olhos de Salazar. — Podemos perdê-la. Mas se lhe dou a injeção de adrenalina, talvez não resista. O seu coração...

— Decide tu, Mónica. És a enfermeira.

— Não sei, senhor! — A enfermeira tapou a cara com as mãos. Estava prestes a chorar. — Oh, meu Deus, não sei! Está tão fraca... Caramba, eu não sou médica!

Salazar respirou fundo e colocou a sua mão sobre a da enfermeira. Ela tinha os olhos vermelhos e as lágrimas embaciavam-nos. Estava assustada, certamente tanto quanto ele. Salazar abraçou-a e, depois de alguns segundos em silêncio, sem saber o que dizer, procurou uma maneira de a induzir a dizer o que achava que deveria ser feito.

— Vai morrer?

— Se não estimularmos o seu fluxo sanguíneo..., sim. — Mónica olhou-o com as pupilas amedrontadas, defendendo-se da sua própria dúvida.

— E se lhe deres essa injeção?

— Temo que... Oh, senhor Salazar! Não sei! Eu não posso! Não consigo decidir!

— Confio em ti, Mónica.

— Não posso, senhor... Não me peça isso... Eu não posso decidir isso...

— Está bem — Salazar não esperou mais. Disse —: Dá-lha.

Mónica demorou alguns segundos a compreender a ordem. E, quando o fez, abriu a ampola mecanicamente e da mesma forma introduziu a agulha para extrair o medicamento e carregar a seringa. Salazar não quis ver. Pegou na mão da filha e beijou-a na face.

— Tu consegues, filha. Tu consegues. Resiste!

A enfermeira humedeceu a pele de Belén com um pouco de álcool

embebido em alguns fios de algodão e procurou uma veia na dobra do cotovelo. Um fio elástico de borracha apertou o seu braço até que a veia engordou e se tornou visível. Com a frieza de quem tem experiência suficiente, soltou um jorro mínimo ao ar e depois cravou a agulha até encontrar o caudal do sangue. Pouco a pouco foi deslizando o líquido com o êmbolo até não ficar nada na seringa. Extraiu a agulha com cuidado, voltou a colocar o algodão e dobrou o braço de Belén para que a dobra segurasse o algodão. De seguida a enfermeira deixou a seringa sobre a bandeja de metal e começou a colocar no braço oposto o aparelho de medir a tensão para a medir de novo, desta vez com a ajuda de um estetoscópio para ouvir os batimentos do coração. O ritmo cardíaco parecia recuperar pouco a pouco e a força dos batimentos também, iguais a tambores numa comemoração.

— Parece que responde — disse a enfermeira.

— Quando o saberemos? — quis saber Salazar.

— Se tudo correr bem...

De repente, Belén abriu os olhos. Viu o pai junto dela e voltou a fechá-los, devagar, cansada.

— Papá...

— Filha.

Mónica continuou a ouvir os batimentos do coração de Belén, que se aceleravam cada vez mais.

— Estou a morrer, papá?

— Dizes cada coisa, filha! — Salazar apertou-lhe a mão ainda com mais força. — Vais ficar boa em seguida, vais ver. Não é nada, foi só um desmaio...

— Então, porque tenho tanto frio, papá?

Salazar não respondeu. Olhou para a enfermeira e viu-a com os olhos fechados, o queixo a tremer, uma lágrima a transbordar debaixo das suas pestanas.

— Vou buscar-te uma manta, filha — Salazar separou-se de Belén e falou com Mónica ao ouvido —: Posso saber o que se passa?

A enfermeira teve um sobressalto e baixou a cabeça. De seguida voltou-se para Salazar e sussurrou:

— Cento e quarenta pulsações e continua a aumentar. Com uma tensão arterial de vinte e três/catorze. Não: quinze já. Não vai resistir. Oh senhor Salazar! Não vai resistir!

O zumbido dos motores. O avião ligeiramente inclinado. As lágrimas de Mónica... Belén sofria pequenos espasmos, como se respirasse aos tropeções. Todas as sensações ao mesmo tempo, ou qualquer uma delas, fizeram Salazar cambalear, estava a começar a ficar mal disposto. Tentou engolir

saliva mas não a encontrou. Aferrou-se à mão de Belén e baixou a cabeça, como se rezasse.

— Minha filha...

— Tenho muito frio...

Belén sofreu um espasmo violentíssimo que a impeliu a sentar-se na maca e, como um fardo roto, caiu de novo com a cabeça dobrada, numa posição impossível. Mónica pôs-se de pé e precipitou-se sobre as pálpebras de Belén, procurando as pupilas. Nem no pescoço nem no pulso encontrou ecos de batimentos. Bateu com força no coração, cinco ou seis vezes seguidas, espaçadamente, com horror, com raiva, mas a rapariga não reagiu. Então, desesperada, colou a sua boca na dela e insuflou ar, com raiva, com dor, com choro. Inutilmente. Ao cabo de alguns segundos deixou-se cair no assento, abatida, rendida. Vencida.

Belén Salazar tinha morrido.

A notícia de uma morte é sempre imprevista, ainda que se vá conhecendo o caminho. E a surpresa é tão atroz que retalha as carnes do peito e rompe a sensatez, confundindo os pensamentos. A morte de Belén produziu em Salazar uma dor ácida e profunda que entrou no seu peito com a suavidade de uma faca recém-afiada. Inclinou-se para trás, necessitando de apoiar-se em algo antes de cair no chão, mas tudo estava envolvido numa instabilidade impossível de manejar, sobretudo na sua cabeça, onde as ideias se desarticulavam e os pensamentos se desalentavam. O horror da morte correu a aterrorizá-lo, como se também ele não conseguisse suportá-lo e a realidade o fosse assassinar. A dor impedia-o de pensar. Uma tontura repentina fê-lo cambalear. A única coisa que sentia era um medo insuportável da morte: a morte de Belén e a sua própria, que parecia iminente. Por fim, sem encontrar onde segurar-se, abraçou-se ao corpo da filha. E não soube o que fazer. Tinha de fazer alguma coisa, mas não encontrava a resposta: chorar, rebelar-se, tranquilizar-se, proteger-se. Não sabia o quê. O pranto; talvez devesse romper a chorar e viver a morte alheia com a naturalidade com que o resto do mundo suporta a pena. Mas não conseguia. Talvez porque nunca aprendeu a fazê-lo. Na escuridão do seu interior, perdido na loucura, a dor da adaga tornou-se mais real. Chegou a ser insuportável. Sem saber porquê, separou-se do cadáver e sentou-se em frente ao corpo dormente da filha. E olhou-a. Mas não via nada, não conseguia dominar os seus olhos, os seus pensamentos, nem as suas pulsações. Ia morrer. Ele também ia morrer de dor. E ia perder o conhecimento. O terror e a dor misturavam-se numa confusão que era total. E então, entre a névoa que crescia no interior da sua cabeça, surgiu uma ideia clara: não queria morrer. E esse pensamento apareceu com tanta intensidade como o de não admitir que Belén estava morta e que esse facto era irreversível. Nunca nada tinha sido irreversível para ele.

Aquilo também não ia sê-lo. Salazar não aceitou a morte da filha como não podia aceitar que ele também fosse morrer.

Eram mais das onze e meia da noite, voavam a seis mil metros de altitude sobre o Atlântico e apenas se ouvia o zumbido dos motores. E a respiração entrecortada de um homem, Vinicio Salazar, que tinha colocado a sua cabeça no peito da filha que tinha morrido tão perto do céu para que a viagem para encontrar a sua estrela fosse a mais curta possível.

Na cabina, os pilotos começaram a aperceber-se de umas novas e estranhas vibrações no avião cuja origem não conseguiam identificar. Verificaram que a temperatura da turbina era demasiado elevada, e continuava a aumentar. De seguida, como se um meteorito tivesse chocado contra uma asa do aparelho, produziu-se um impacto brutal seguido de uma sacudidela assustadora. O corpo hirto de Belén saiu desamparado da maca precipitando-se violentamente contra o da Mónica, as duas rebolaram juntas pelo chão. Um dos guarda-costas estatelou-se contra uma saliência de uma das paredes do interior do Challenger e perdeu o sentidos, enquanto Salazar, que finalmente tinha caído numa das poltronas reservadas aos passageiros, batia contra o encosto do assento dianteiro, sem sofrer outro dano que não a comoção pela brusquidão do impacto depois da repentina sacudidela. Apenas o guarda-costas Miguel, que lia um livro no seu assento com o cinto de segurança apertado, se livrou de ficar ferido ao conseguir agarrar os braços da poltrona.

O segundo piloto voltou a cabeça com os olhos esbugalhados e através da porta da cabina tentou verificar a dimensão dos danos sofridos. Tropeçou com o olhar desconcertado de Salazar e gritou algo referente ao motor, ao reactor, ao avião, a uma emergência; mas nem Salazar nem Miguel, o único que se mantinha sereno e consciente, perceberam exactamente ao que ele se referia. Salazar levantou-se do seu assento, andou cambaleante até à cabina, entrou e, fora de si, agarrou o segundo piloto pelos ombros do casaco azul-marinho.

— Pode saber-se o que...?

— O reactor, senhor... A turbina rebentou...! — A resposta foi do comandante Villa, antecipando qualquer coisa que o co-piloto pudesse responder, este sentia-se demasiado intimidado pela agressividade de Salazar. E acrescentou, gritando —: Um dos reactores explodiu e estamos a perder todo o combustível, senhor! Não consigo recuperar o controlo...!

O comandante Villa fez o que tinha de fazer: puxou pelos manípulos e ligou o mecanismo de abertura dos extintores interiores para apagar o fogo produzido no seio do reactor incendiado; tentou recuperar a estabilidade do aparelho com o controlo manual hidráulico, como tinha praticado tantas vezes no simulador; enviou um SOS ao controlo-radar do Rio de Janeiro, descrevendo o ocorrido, informando as coordenadas do Challenger 604 e fixando outra vez o rumo; avaliou o volume de perda de combustível e o tempo disponível até que os depósitos ficassem completamente vazios e o segundo reactor parasse também: apenas cinco minutos; informou o senhor Salazar do que estava a acontecer e voltou a enviar um SOS ao controlo-radar do Rio; finalmente, e com grande dificuldade, conseguiu recuperar manualmente a estabilidade do Challenger e preparou-se para descer pouco a pouco sobre o mar, planando, aproveitando a velocidade de inércia do voo, lutando contra as turbulências e beneficiando da ausência total de ventos na zona. Por último, agarrou-se aos comandos para tentar uma amargem controlada, à menor velocidade possível, calculando a velocidade óptima de descida, que em qualquer caso não poderia ser inferior aos cento e setenta quilómetros por hora. Tinha de confiar que a fuselagem da nave iria suportar os sucessivos impactos sobre a dura superfície da água, que a essa velocidade seria similar à de uma pista de cimento armado ligeiramente asfaltado, e conseguir que o aparelho flutuasse até que alguém acesse ao resgate dos sobreviventes. O comandante Villa estava convencido de que era possível sobreviver, pelo menos era a única resposta

teoricamente viável perante a emergência, e com essa confiança procedeu à manobra de descida controlada. Mas naquele momento os demónios do ar tinham-se conjurado para não estarem do seu lado: de repente, o comando hidráulico ficou bloqueado e o avião voltou a ficar ingovernável. A Villa só lhe restava os compensadores eléctricos para estabilizar a nave e, em condições semelhantes, realizar uma amarração precisa para evitar o sinistro total era uma questão de sorte, ou pior ainda: praticamente um milagre.

No interior do Challenger, uma vez provocado o alarme e enquanto o avião descia entre solavancos e planagens arbitrárias, apenas o guarda-costas Miguel manteve a calma. Salazar saiu da cabina descomposto para se reunir com o corpo da filha, que permanecia em desalinhamento numa parte do corredor; o outro guarda-costas continuava inconsciente estendido no chão um pouco mais longe; Mónica, a enfermeira, pôs-se a gritar histérica e agarrou-se com tanta força ao casaco de Salazar que o guarda-costas, impassível, optou por dar-lhe uma pancada na cabeça para que acalmasse, mas não mediu a força do impacto e deixou-a inconsciente, pelo que a segurou nos braços enquanto desfalecia e, sem saber o que fazer com ela, arrastou-a para uma poltrona e deixou-a presa com o cinto de segurança, dormindo; e Salazar, sem ver o que acontecia à sua volta nem pensar em nenhum deles, abraçou-se ao corpo da filha e, acariciando a sua cara, manteve-a apertada contra o seu peito. Fechou os olhos reconciliado com o destino, resignado à espera da machadada final do verdugo. Depois de tudo, a fatalidade tinha decidido por ele e não estava em condições de levar-lhe a melhor.

Miguel, entre vaivéns e sacudidelas, não partilhava a complacência do seu chefe nem estava disposto a pôr-se à mercê do destino de forma tão fácil: correu para Salazar e implorou-lhe que pusesse o colete salva-vidas que trazia na mão mostrando-lho, agitando-o perante os seus olhos. Mas ele não o ouvia: balbuciava frases desconexas relativas a que não havia nada a fazer e que só desejava que aquilo acabasse o mais depressa possível. Por alguns momentos tudo pareceu voltar à normalidade: a descida voltou a ser suave e convidou a pensar que a emergência tinha sido controlada. Miguel aproveitou a calma para imobilizar o seu colega e o corpo de Belén com os cintos, para que a aterragem não os ferisse, porque a aparência de serenidade que os demónios improvisaram para os confundir não era negação suficiente para ele. Sabia que o acidente era inevitável e a visão daquele panorama, com o colega inconsciente, a enfermeira desfalecida e o seu chefe abraçado a um cadáver, pareceu-lhe desoladora. Não duvidou: acabou o seu trabalho, vestiu um colete salva-vidas fluorescente, usou a força para vestir Salazar com outro, arrancou-o do corpo de Belén e, apesar do esforço que precisou para o conseguir e dos seus protestos e insultos, obrigou-o a sentar-se e apertou-lhe o cinto de segurança. Miguel sentou-se ao lado do

seu chefe, adoptou uma postura fetal, empurrou com um braço o corpo de Salazar até que este se dobrou também sobre si mesmo, como se as costas do assento se fechassem, e esperou que se produzisse o impacto do aparelho sobre as águas.

A pancada foi tão forte que o Challenger parecia que ricocheteava sobre um chão de cimento. A fuselagem partiu-se em duas, perdendo a traseira, mas nem Salazar nem o seu guarda-costas, apesar da terrível brusquidão da amaragem, perderam os sentidos. E Miguel, antes que a água inundasse o interior do aparelho, desapertou o cinto, libertou Salazar do seu e arrastou-o até o retirar do avião pela porta dianteira, que abriu rapidamente. Não teve dúvidas em lançar-se com ele para a água, com os dois corpos muito apertados, de pé, apelando à única oportunidade que tinha de salvar-se e, ao mesmo tempo, salvar a vida do seu chefe.

O embate do ar e do mar sacudiu-se-lhes na cara, mas nenhum dos dois sentiu a sua força: apenas notaram o impacto da água e a descida vertiginosa e veloz da sua profundidade, que parecia que nunca acabava. A sensação foi a de se verem arrastados sobre uma superfície lisa e fria que lhes queimava a pele, desorientados por completo, sem saberem onde estavam nem para onde a imersão os mandava. No entanto, uma vez os corpos desprendidos, cada um deles foi travado pela densidade da água e o esparneio defensivo, e por mero instinto de sobrevivência impulsionaram-se para cima ajudados pelo colete salva-vidas inchado, que lutava por flutuar. Quando finalmente chegaram à superfície, a uma distância de vinte metros um do outro, não foram capazes de compreender onde estavam nem o seu sentido de orientação os ajudou a perceber o que tinham de fazer. Apenas o ruído próximo do Challenger ao fundir-se lentamente nas ondas negras do oceano os fez recuperar a consciência e mover os braços desesperadamente para se afastarem da sucção da água. O instinto ocupa sempre o lugar da razão quando a morte está à espreita.

Até onde chegaram só conseguiam ver a traseira do Challenger desaparecer definitivamente nas profundezas do Atlântico. Miguel procurou o seu chefe e nadou até ele. Salazar, imóvel sobre as ondas, aturdido, não parava de olhar impassível o remoinho de água que sugava todos os restos que se tinham desprendido do aparelho. Da sua garganta não conseguiu que saísse nem o mais leve gemido.

— Está ferido, senhor? — Miguel abraçou-o pelas costas. Mas como não obteve resposta, continuou. — Vamos, senhor. Alguém virá em breve em nosso auxílio.

O mar levantava suaves ondulações que passavam devagar, sem encrepamento, balouçando-os. A noite estava limpa, o céu tinha-se enchido de estrelas e a enorme lua entretinha-se a iluminar a sucessão de massas de

água sobre as quais os dois se deslocavam como bóias flutuando nas ondas de um grande lago. Sentiam a frieza da água no ventre e nas pernas, mas a cabeça ardia-lhes.

— Não devemos estar longe de Cabo Frio, senhor. Muito próximo do Rio de Janeiro. Alguma embarcação terá visto ou ouvido o acidente e...

— Basta, Miguel! — Salazar separou-se dos seus braços, indignado. — Porque não está a minha filha aqui connosco? Porquê, eh? Porquê?

— Senhor...

— Porquê não está aqui? Maldito sejas! Devias ter-te preocupado com ela e não comigo!

— Não, senhor! — o guarda-costas, tão irritado como Salazar, não conseguiu conter-se e gritou também. — Morra agora se quiser, tire o colete e afogue-se, quero lá saber! O meu dever era salvá-lo, é para isso que me paga! E o seu é continuar a viver!

— Vai à merda! — gritou Salazar e afastou-se enfurecido, dando algumas braçadas que não o levaram muito longe.

Parecia um vento distante, um novo murmúrio do mar. Mas o zumbido ronco que se aproximava, soando como uma velha locomotiva, era sem dúvida o motor de uma embarcação. Ambos voltaram a cabeça na direcção do barulho. E ali, ao longe, dirigindo-se para onde se encontravam, aparecendo e desaparecendo entre as ondas fortes, aperceberam-se com clareza do farol da proa de um pequeno pesqueiro que se aproximava.

— Aqui! Aqui!

O grito de Miguel era inaudível entre as vozes do mar, mas a luz intermitente que piscava nas ombreiras dos coletes salva-vidas, unida ao esbracejar dos seus braços e o chapinhar do seu corpo, acabaram por conseguir chamar a atenção do velho barco, que não demorou em localizá-los e ir em seu auxílio. Salazar foi içado para bordo antes do guarda-costas. Os dois pescadores brasileiros tiveram a melhor pescaria que podiam imaginar.

Porque tinham salvado a vida a dois náufragos.

O desengonçado barco de madeira, mal pintado de verde e branco, era manobrado por dois homens jovens de aspecto rude e cara de criança. Com a barba mal feita e pior vestidos, a sua satisfação pelo resgate reflectia-se no brilho dos seus olhos e na sinceridade do seu sorriso; e na rapidez com que procederam em ajudá-los. A primeira coisa que fizeram foi cobri-los com mantas e pôr-lhes na mão um copo de vinho, enquanto aqueciam uma sopa e se desculpavam por não terem rádio, tentando explicar no seu obscuro português que este tinha acabado de estragar-se ou algo parecido; mas asseguraram-lhes que antes de amanhecer chega-

riam ao porto de Vitória e uma vez ali levá-los-iam para o hospital, onde rapidamente se recomporiam. O seu sotaque era muito fechado, difícil de perceber, mas ainda assim conseguiram fazer-se entender quando narraram como tinham ouvido o som do aparelho a cruzar o céu, como tinham visto as luzes no horizonte a tombarem e, por fim, como tinham presenciado a queda do avião. Os pescadores perguntaram-lhes se achavam que pudesse haver outros sobreviventes e Miguel negou com a cabeça. Salazar não abriu os olhos. E os pescadores, que disseram chamarem-se Luís Carlos e José Cláudio, deram-lhes umas palmadas nas costas em sinal de condolências e decidiram dar algumas voltas pelos arredores do acidente para, apesar de tudo, verem se encontravam mais alguém a quem ajudar.

Mas não encontraram ninguém, nem sequer um cadáver para resgatar e dar um enterro cristão. Apenas, na segunda manobra circular de rastreio da zona do sinistro, encontraram a flutuar sobre as águas restos abundantes de tapetes e almofadas, roupas, copos de plástico, sacos, cortinas, trapos e outros objectos impossíveis de identificar, e entre eles duas pastas, a dos instrumentos de saúde da enfermeira Mónica e a pasta azul que Miguel reconheceu como sendo do senhor Salazar. Miguel pediu aos pescadores que a retirassem da água e eles fizeram-no com a ajuda de um arpão, antes de dar por terminado o reconhecimento e dirigir a proa para o porto de Vitória, para dar assistência aos sobreviventes e avisar sobre o sucedido com o avião.

Durante o trajecto a meio da noite, de regresso a terra firme, Salazar afundou-se nos seus pensamentos abrigado por uma manta e com a pasta azul apertada entre as pernas, como se desse modo quisesse reter as marcas de um passado que nunca mais recuperaria. Mostrava-se ausente, trémulo e dorido como um animal atropelado. A morte de Belén era para ele muito mais que uma perda: implicava uma mutilação insuportável. Nem sequer lhe tinha sido permitido conservar o seu corpo para o guardar num panteão onde pudesse ir para o venerar. Miguel permaneceu sentado a seu lado, esgotado pelo esforço, finalmente derreado, fundido na melancolia de um passado que não se recorda ou não se deseja recordar, com as costas apoiadas no casco de madeira, os olhos meio fechados e a cabeça encolhida entre os ombros. Não queria deixar o seu chefe sozinho. Faria por ele qualquer coisa, nunca houve cão mais fiel ao seu amo. Mas estava triste, assustado pela primeira vez, tão fraco como jamais alguma vez pensou sentir-se. Para não sucumbir ao inferno da desolação ergueu os olhos e olhou os pescadores que brincavam no interior da cabina, amarrados ao leme da barça: bebiam vinho e riam felizes, o mais provável era que estivessem cheios de emoção pela satisfação de terem salvado duas vidas e

regozijando-se pelo muito que teriam para contar nas tabernas do porto quando desembarcassem.

A Salazar não lhe nasciam lágrimas. Apenas silêncios. E uma sonolência que o manteve num estado muito parecido à da inconsciência durante uma hora. Mas passado esse tempo voltou-se para o seu guarda-costas e perguntou-lhe:

— Porque disseste que o meu dever era continuar a viver, Miguel? Disseste-o antes ali, na água...

— Não sei... — o guarda-costas olhou-o nos olhos, humilde. — Talvez me tivesse lembrado daquilo que Chaplin disse em *Luzes da Ribalta*, lembra-se? Isso de que há algo tão inevitável como a morte: a vida.

— Sim... — Salazar voltou a fechar os olhos.

Na solidão do oceano, sob a noite calma e o marulhar do fluxo das ondas, veio à cabeça de Salazar uma nova facada que não soube esquivar. Para quê queria continuar a viver, perguntou-se. Algumas perguntas são lúcidas como suicídios. Outras devolvem a vida. Talvez a resposta estivesse ali, nas ondas que se moviam incansáveis para nada, tal como as mãos do padeiro amassam o pão, infatigável e repetidamente, por pura rotina. Ou a resposta estivesse nas flores do campo, que se abriam um ano a seguir ao outro, vestindo as suas melhores galas, ainda que sabendo que murchariam antes que alguém as chegasse a ver; ou talvez no sentido das estações, sucedendo-se, repetindo-se; ou no voo das aves, ou na persistência das abelhas a fabricar o mel. A vida era muito mais que um milagre.

Foi assaltado por pensamentos estranhos, febris. De repente, pensou que sob os seus pés se abria um abismo de água e essa ideia deu lugar a uma angústia que o impedia de respirar. Remexeu-se para afastar aquela imagem da cabeça e de imediato revelou-se um pensamento estúpido e inesperado de que nascer era a coisa mais rara dos fenómenos imagináveis: era inexplicável porque se produzia. Nada conseguia explicar porque tinha ele nascido, ou a sua mulher, ou a sua filha... Porquê ele e não qualquer outro ser parecido, mas distinto, diferente: outro. Teria bastado que, dos milhões e milhões de espermatozóides que se criaram no seio de seu pai durante a sua vida, outro e não precisamente aquele fecundasse o mesmo ou outro dos milhares de óvulos que a sua mãe produziu durante a sua. A probabilidade de que um determinado espermatozóide coincidir com um óvulo concreto é desprezível, muito próximo de zero, praticamente nula. Os milhares de milhões de estrelas do universo atingem um número muito menor que as combinações possíveis de espermatozóides e óvulos, realizadas de duas em duas. Assim tinha nascido ele, e não outro ser humano: o fenómeno não podia ser mais estranho. O que fazer, então? Contradizer a natureza, eliminando a sua continuidade, ou permitir à vida seguir o seu curso? Talvez ele

não tivesse o direito de impedir a viagem da vida, mas também não tinha motivo para continuar a vivê-la, agora que não restava nada no mundo que lhe oferecesse uma saída, e muito menos uma solução. A solidão era um fosso insondável perfurado no centro do seu peito que não podia saciar com nada. O desamparo que a ausência de afectos lhe provocava era insuportável. Pela sua cabeça voltaram a cruzar-se de forma vertiginosa pensamentos tão absurdos como o do seu próprio nascimento, ideias imprevisas, desconhecidas e incompreensíveis, como uma nora descontrolada girando cada vez mais depressa. Não era o enjoo do vaim do barco sobre as águas: era a vertigem de ignorar a maneira de continuar a viver quando a morte o chamava de uma forma tão urgente, afugentando o medo de o fazer. Salazar abriu os olhos para manter-se erguido. A noite, a solidão, as risadas dos pescadores atenuadas pelo ruído do tamborilar do motor e o ciciar monótono do fluxo das ondas, a respiração profunda do homem que cabeceava a seu lado, o fiel Miguel... Porque é que aquele homem se tinha empenhado para que ele continuasse vivo? Recebia por isso, tinha respondido. Mas não podia ser só por isso. Aquele homem estimava-o, talvez. Ele, em contrapartida, não: não sentia nada por ele; na realidade, tinha-o sempre visto a seu lado como um soldado da fortuna, uma sombra que o protegia, uma arma decidida e um servente sem pretensões. Agora via-o outra vez a seu lado, à meia-noite, e por alguma razão estranha gostou que estivesse ali: ao fim e ao cabo, era o único rosto que reconhecia e, o que era mais importante, o único que podia reconhecê-lo a ele. A solidão não é menor por se conhecer alguém, mas sim porque alguém nos conhece a nós. Miguel era o único ser humano que lhe proporcionava, naquela dolorosa solidão, uma desculpa para continuar a viver.

Uma e outra vez os olhos da sua memória regressavam para o passado e então via a sua filha Belén agonizando, fechando as pálpebras e colocando a mão no peito, sentindo o frio da morte iminente, suplicando viver e ao mesmo tempo resignando-se ao seu destino. Imagens que se repetiam uma e outra vez. Em contrapartida, não se lembrava do impacto do Challenger contra a superfície do mar, a queda do avião, a frieza das águas, o avistar da barcaça que agora o transportava, o riso dos pescadores... Para quê querer continuar a viver? Devia pagar a desatenção de tantos anos com a sua filha com uma longa agonia até que lhe chegasse também a hora de descansar para sempre? Era essa a sua obrigação? Merecia-o; sem dúvida que o merecia. A culpa seria um fato que levaria vestido para sempre; o peso que carregaria o resto da vida como se carregasse uma doença congénita. Um castigo necessário... O preço a pagar por ter vivido sem princípios morais, sem o necessário sentido de responsabilidade. Muito bem: se assim tinha

de ser, assim viveria. De qualquer maneira, era um covarde sem coragem para se atirar pela borda fora, para sacar da pistola e...

A pistola. Era verdade. Naquela pasta azul que apertava entre as pernas levava uma pistola. De súbito, apercebeu-se que entre os joelhos tinha a única coisa que escapou do avião sinistrado, tal como tinha acontecido com ele. Não a ter perdido representava uma grande sorte, pensou; a única conta favorável no rosário da desmesurada desgraça. Porque naquela pasta trazia algum dinheiro e documentos: o equipamento do seu futuro. Segurou-a entre as mãos, colocou-a sobre as coxas e tentou abri-la com os dedos trémulos. Miguel viu-o a forçar a fechadura e voltou a cabeça para ele.

— Quer ajuda, senhor?

— Eu consigo, obrigado.

Com umas pancadas secas na fechadura, o mecanismo funcionou e Salazar, com apenas dois dedos, entreabriu a pasta. Apenas tinha entrado água. E ali, sobre algumas capas que continham documentos e entre uma bagunça de molhos de notas de vinte, cinquenta e cem dólares, estava a Beretta 92C, a pistola que tinha levado para Fernando de Noronha para o caso de ser preciso defender a sua filha, ou defender-se a si próprio. Depois de a observar por um momento, fechou a pasta e voltou a segurá-la entre as pernas. Se tivesse tido coragem para estoirar com os miolos, a arma teria estado do seu lado.

Mas, pensando bem, iria suicidar-se para quê? Na realidade, ele já estava morto. E nesse momento uma ideia começou a germinar na sua cabeça com a perseverança com que uma azálea floresce, ou como cresce, imparável, uma tempestade devastadora. Toda a gente pensaria que tinha morrido naquele avião; todos imaginariam com lógica que o acidente teria cobrado também a sua vida. Nada poderia fazer pensar que tinha sobrevivido; e ninguém, excepto Miguel, conhecia a realidade do sucedido. E em Miguel, pelo menos por agora, podia confiar. Dessa forma, aquela ideia nova podia continuar a crescer. Os dois pescadores? Nem sequer lhes tinham perguntado o nome. Se não chegassem com eles a terra, ninguém acreditaria que o salvamento se tinha realizado; todos os que ouvissem a sua história iriam pensar que a bebedeira lhes tinha produzido uma alucinação, um delírio fantasmagórico depois da comoção por presenciar o acidente do avião, e em qualquer dos casos, se acreditassem neles, não teriam qualquer prova que um dos sobreviventes era ele. Poderia ter-se tratado do comandante Villa, do co-piloto, de algum dos guarda-costas... Quem iria pensar que o verdadeiro Vinicio Salazar, se tivesse sobrevivido, não iria pôr-se à frente outra vez dos seus negócios e bens? Acariciou rapidamente uma decisão demasiado atraente, a de imolar-se em falso, e pouco a pouco a ideia, por muito absurda que parecesse de início, começou a tomar forma e a distraí-lo da dor.

Os pescadores não constituíam qualquer problema, definitivamente. Para além disso, já nada seria igual ao que tinha previsto antes de sair de Madrid com a filha; mas agora uma morte falsa permitia-lhe alcançar a maior das dádivas que um ser humano pode receber: começar de novo, reiniciar tudo, encerrar o passado e eliminar as suas marcas, sem dívidas nem dúvidas. Sem culpa. Com um desaparecimento simulado, Vinicio Salazar, um dos homens mais ricos do mundo, ficaria para trás, morto num acidente de aviação juntamente com a sua filha e outros passageiros no seu jacto privado, enterrados para sempre nas insondáveis profundezas do oceano Atlântico.

Aquela noite, em que o azar lhe tinha proporcionado uma grande oportunidade, um convite irrecusável, podia nascer um homem novo para o qual só precisava de encontrar um nome.

Era uma loucura. Sim, talvez fosse. Mas esse novo homem não teria passado e portanto nunca teria tido mulher, nem filha, nem remorsos, nem luto para fazer. E com a imensa fortuna que possuía, poderia finalmente fazer algo que uma vez sonhou para Belén e que as circunstâncias não lhe tinham permitido realizar. Tratava-se de uma ousadia, talvez; da mais fabulosa das utopias, da mais colossal das aventuras. Mas começou a digerir devagar aquela ideia, depois tornou-a sua e por fim gravou-a a fogo naquele lugar que a alma reserva para os sonhos impossíveis; e, louco ou sensato, talvez em ambos os estados ao mesmo tempo, decidiu-se a realizá-la. Não era verdade que nas últimas décadas a vida dos seres humanos se tinha prolongado em mais de seis anos em média e que nas seguintes, com os avanços da ciência, aumentaria três ou quatro anos por década? O horizonte dos cento e vinte e cinco anos era real em meio século... E com o mesmo processo que tinham prometido para Belén, a ele poderiam oferecer-lhe muitos mais. Uma eternidade...

Voltou-se para ver o que Miguel fazia. O guarda-costas dormitava. De seguida observou os pescadores na cabina da barça: um permanecia ao leme e o outro dormitava num banco de madeira, derrotado pelo excesso de vinho. Rapidamente adormeceria. Nas suas costas, uma levíssima claridade rosácea sobre o horizonte anunciava que já não faltava muito para amanhecer.

Agora ou nunca, disse para si. Procurou no céu um sorriso de Belén, ou o rasto do seu voo sobre a noite. Acreditou encontrá-lo, e de seguida sentiu-se bem.

Tinha enlouquecido, de certeza que sim, mas não se importou, reafirmando a sua decisão. Estendeu o braço para acordar o seu guarda-costas.

— Miguel, acorda.

— Sim, senhor? — o guarda-costas sobressaltou-se e abriu muito os olhos.

— Aproxima-te.

— Vou já.

Miguel esfregou os olhos e deslocou-se um metro, sem se levantar, para ficar junto do seu chefe. Um calafrio percorreu-lhe as costas e esfregou as mãos.

— Estás bem?

— Sim, sim... Diga.

— Ouve atentamente — começou Salazar, num sussurro, com a boca torcida, os lábios imóveis e a mão tapando-os. — Tomei uma decisão muito importante e quero saber se continuas do meu lado faça o que fizer, seja o que for que...

— Claro, senhor — Miguel adoptou um semblante próximo da incredulidade, quase ofendido pelas palavras do chefe.

— É importante, Miguel; muito importante... — Salazar falava com tal gravidade que Miguel temeu que se tratasse de uma decisão contra si mesmo, uma ajuda no suicídio ou algo assim.

— Farei por si qualquer coisa, senhor. Qualquer coisa desde que não sofra nenhum dano — afirmou solene o guarda-costas, no pressuposto de que os seus pensamentos estivessem certos.

— Não, não se trata disso. Demorava muito tempo a explicar-te agora e não temos tempo — Salazar limpou os lacrimais com os dedos indicador e polegar. — Ocasão não faltará depois. Agora o importante é que este barco não chegue ao porto. Temos de obrigá-los, seja como for — indicou com as sobranceiras os homens da cabina —, a desembarcar numa praia próxima e deserta, sem que haja testemunhas da nossa chegada, entendes?

Miguel olhou para os pescadores e afirmou com a cabeça sem convicção.

— Estamos exaustos, senhor... Não sei como poderíamos enfrentá-los.

Salazar entreabriu a pasta e deixou visível a Beretta 92C. Miguel teve um sobressalto e Salazar pediu-lhe calma com a palma da mão, colocando-a no seu ombro.

— Eles não estão armados — conjecturou. — E ainda se estivessem, temos a vantagem da antecipação. Temos de os obrigar a que nos conduzam para as areias de uma praia selvagem, ao norte de Vitória, para evitar que tenham más ideias. Uma praia deserta, é evidente. E uma vez no local deixamo-los atados e fugimos. Ficamos com um bom tempo para desaparecer. O objectivo é que nunca saibam quem salvaram das águas, nem quem sou eu, nem quem és tu, compreendes o que estou a dizer?

— Não muito, senhor. Mas imagino que não seja difícil fazer o que me pede.

— Depois explico-te. Mas agora é preciso que toda a gente pense que eu morri naquele avião. Ninguém, excepto tu, pode saber a verdade. Posso confiar em ti, eu sei. Ou seja, toma o comando, Miguel. Retira a pistola com cuidado para não te verem e, na primeira oportunidade, sequestra este barco. Fazes isso?

— Não se preocupe, senhor. Não o decepcionarei. Um dos homens dormia ruidosamente, bêbado. O outro, um pouco mais sóbrio, balançava sobre o leme. Quando se voltou para os náufragos para ver como estavam, sorriu como um tolo, eufórico tanto pela sua própria alegria como pelo excesso de álcool ingerido durante a noite. Miguel pôs-se de pé e aproximou-se dele.

— José Carlos, não é?

— José Cláudio, para o servir, senhor — sorriu, grotesco.

— Bem, José Cláudio — silabou Miguel. — Agora vais portar-te bem e fazer aquilo que eu disser, de acordo?

— O que me disser? Bom... O que o senhor deseja?

— O meu amigo e eu decidimos que não queremos ir para Vitória. Preferimos que ponhas a proa deste barco apontada para a costa, e nos leves para alguma praia deserta. Ficaremos aí.

— Mas..., isso não pode ser, senhor.

Miguel tirou a mão do bolso que segurava a arma e apontou o cano à cabeça do pescador.

— De certeza que não pode ser? — a Miguel não lhe custou nada adoptar um ricto desafiante de briga.

— Não senhor! Nunca há nada certo nesta vida! Para a costa? Não se fala mais nisso!

José Cláudio começou a girar a roda do leme para a direita e mudou com brusquidão o rumo. A manobra foi tão violenta que Luís Carlos se agitou no seu banco e gaguejou:

— O que foi, José Cláudio? Já chegámos?

— Nada de importante — Salazar entrou na cabina e obrigou o pescador a sentar-se outra vez no banco pressionando com a mão sobre o seu peito. — O melhor é continuares a dormir.

O resto da travessia foi rápida. O sol assomava-se no horizonte, nas suas costas, e vestia o mar de ouro e lilás, da cor rosada da alba na imensidão do alto-mar. Umas nuvens distantes, desfiadas, mostravam a bonança do novo dia que começava a crescer sobre o trópico. O primeiro dia na vida de um homem que não tinha passado e que ia iniciar o seu futuro.

— Por ali existem muitas praias — indicou José Cláudio com um dedo. — Os senhores desejam alguma em particular?

— Deserta, selvagem e fácil de aceder para esta casca de coco. Vais deixar-nos na margem — exigiu Miguel.

— Na praia? Não senhor! Encalharemos!

— Indemnizar-te-ei, não te preocupes com isso — Salazar retirou do bolso um punhado de notas de cinquenta dólares e meteu-os no bolso direito da camisa do pescador.

Luís Carlos acordou com a luz do novo dia e surpreendeu-se ao ver aquele homem armado e o rumo que o barco tomava. Olhou perplexo para o José Cláudio.

— Mas o que...?

— Cala-te! — ordenou-lhe Miguel. — E continua aí sentado! O pescador sentou-se, amedrontado. O barco, vacilando, foi-se aproximando da margem, balanceado pelas ondas, com o motor desligado e impulsionado pela inércia. Até que, a uns vinte e cinco metros da areia, arranhou o fundo do mar e, como se se tratasse da sua própria âncora, ficou varado em terra, encalhado. O sol iluminava tudo. O seu resplendor cegava desde o alto e fazia reluzir a praia de águas transparentes e de areias branquíssimas que se fechavam com uma muralha de palmeiras e flores silvestres de diferentes cores.

Salazar assegurou-se de que a praia estava desabitada, tanto na frente como num lado e noutra, até se perder de vista. Assentiu com a cabeça e Miguel, exibindo a pistola, obrigou os pescadores a ficarem no chão.

— Vamos, senhor — disse a Salazar com uma atitude resolutiva, como se estivesse acostumado a dar ordens. — Desça do barco e espere-me na praia. Vou em seguida...

Salazar obedeceu ainda que não lhe agradasse o tom utilizado por aquele homem. Colocou a pasta sobre a cabeça e saltou para a água. Ia a nadar para a margem quando dois ruídos secos, duas explosões, o obrigaram a deixar de brucejar e olhar para trás. Não viu nada e continuou a nadar, mas nos olhos ficou gravada uma imagem imaginada que não acreditava. Ao chegar à praia sentou-se na areia, ofegando, e procurou o guarda-costas. Viu-o a nadar, com o braço fora da água e a Beretta na mão, e por trás o barco que lhes tinha salvado a vida. E não era que o motor tivesse sido ligado outra vez e que os vapores do gasóleo estivessem a ser expelidos por algum sítio: era que começava a arder com grande violência e antes que Miguel alcançasse a margem tinha-se convertido num archote desfazendo-se e fundindo-se nas aprazíveis e quentes águas pouco profundas da costa brasileira.

Vinício Salazar não conseguiu olhar para ele quando este chegou à areia e se sentou junto dele com a respiração agitada do esforço. Mas os seus olhos exprimiam tal espanto que Miguel moveu a cabeça de um lado para o outro e, sem qualquer ênfase na voz, disse, pausadamente:

— Agora ninguém sabe que o senhor está vivo. Absolutamente ninguém.

— Mas, como pudeste...?

— Dois bêbados, senhor, eram apenas dois bêbados... — Miguel ergeu os ombros. — Adormeceram e o barco encalhou, ardeu e naufragou. De súbito ocorreu-lhe.

— Mas, e esses homens? Mataste-os?

— Nunca ninguém saberá a verdade sobre si, senhor. Só eu. E eu jamais me afastarei de si, prometo-lhe.

Salazar não soube o que fazer. As palavras de Miguel não soavam a submissão, mas sim a ameaça. Levantou-se sem dizer nada, deu uma volta e começou a andar até entrar pela cortina de palmeiras que fechava a praia, para se afastar. Miguel pôs-se de pé apressadamente, cortou uma palma pequena e correu atrás dele caminhando de costas, apagando com a folha grande as marcas das pegadas que os dois homens iam deixando sobre a areia até que alcançaram um terreno de ervas baixas nas quais se perdiam os rastros dos seus vestígios sobre a terra virgem.

Andaram um bom bocado em silêncio por terrenos difíceis, arrastando os passos como se rasgam tecidos velhos, até que por fim descobriram ao longe as primeiras casas de cana e adobe de uma povoação que não parecia próspera nem acolhedora. Dela saía uma estrada de terra estreita e ocre e percorreram o último percurso sobre a mesma, um caminho longo que unia a aldeia com a cidade de Belo Horizonte segundo indicava uma tábuca de madeira lascada e tão esquecida como as esperanças daqueles que percorriam de vez em quando à procura de provisões ou de uma camisa nova para uma tarde de festa ou uma manhã de enterro. Vinício Salazar e o seu homem chegaram até ao caminho em passo lento, com o peso do esgotamento reflectido nos rostos. Quando pisaram a terra firme da estrada, Salazar sentou-se num marco, exausto; e Miguel imitou-o sem pedir licença.

De seguida disse:

— Importa-se que lhe pergunte onde deseja ir? Salazar observou-o, ponderando se devia responder à pergunta e, sobretudo, se podia confiar naquele homem. Mas considerou que, pelo menos durante um tempo, não tinha outra alternativa: Miguel tinha-se convertido no dono da pistola. Respondeu em voz baixa:

— A São Paulo.

— Bom — o guarda-costas passou a mão pela nuca e pôs-se a olhar para longe, imaginando a distância que os separaria da cidade para onde iriam dirigir-se, sem fazer a menor ideia de quanto isso seria. Ainda assim não lhe perguntou, afirmando apenas —: Muito longe, parece...

— Sim, muito — afirmou Salazar, acompanhando com um movi-

mento de cabeça. E a seguir franziu os olhos e perguntou —: Não te incomoda a morte, pois não? Quero dizer que o acto de matar não é assustador para ti...

— Entra no meu salário, senhor.

— Eu pago-te para me defenderes, porra, não para que assassines em meu nome! — a voz de Salazar foi enérgica, recriminatória. — Não consinto que o faças e muito menos que ainda por cima digas que o fazes por mim!

— Desculpe, senhor. — Miguel baixou a cabeça. — Não era isso o que eu queria dizer. Desculpe... Mas pensei que tivesse dito que não desejava testemunhas do seu desaparecimento, as suas palavras exactas foram que o senhor Salazar tinha falecido e que...

— Por todos os diabos, Miguel! Uma coisa é que eu finja que morri e outra que implique que tu dêes início a um extermínio!

O guarda-costas pareceu aceitar as palavras de Salazar e adoptou uma atitude de submissão. Mas ao fim de alguns segundos comentou:

— Ao fim e ao cabo a morte não é outra coisa do que mudar a morada...

Salazar ficou a olhar para ele, perplexo. Aquele homem desconcertava-o. Lembrou-se que uma vez, em Milão, lhe tinha falado da sua paixão pela música clássica, demonstrando certos conhecimentos impróprios da sua profissão. Tinha-lhe referido inclusive, não se lembrava em troca de quê, alguns aspectos sinfónicos das obras de Beethoven e Brahms. Depois, no meio do oceano tinha parafraseado Chaplin e agora, num lugar remoto da selva, repetia um pensamento pouco conhecido de Marco Aurélio que, sem dúvida, devia ter lido em alguma ocasião. Aquele homem possuía uma certa cultura, sem dúvida: mais do que um guarda-costas, mais do que um capanga, parecia um filósofo que se tinha enganado na campainha e em vez de sentar-se numa carteira universitária tivesse tocado à porta de um ginásio do fundo da cave. De onde teria saído aquela criatura? Não sabia o que pensar. Nem se lembrava quem o tinha contratado para o seu serviço. O departamento de Recursos Humanos da empresa, supôs. Mas tratava-se de uma personagem curiosa: tinha salvado a sua vida no avião, tinha eliminado as testemunhas do seu desaparecimento, tinha limpo as marcas da sua presença na praia e agora o que estaria ele a pensar. Em alguma barbaridade, com certeza. E parecia muito capaz de o fazer enquanto reflectia sem o menor embaraço sobre o curso das águas que corriam pelo leito de um rio, observado por Heraclito.

— Não sei se vou deixar que continues a meu lado ou se fuja de ti. — Salazar negou com a cabeça. — Nunca sei o que estás a pensar e compreenderás que assim não é fácil confiar...

— Pode confiar em mim, senhor Salazar, asseguro-lhe — o guarda-costas esboçou um sorriso idiota.

— Bom. — Salazar pôs-se de pé, irritado. Miguel conseguia tirá-lo do sério mas por alguma razão não tinha a valentia suficiente para o enfrentar. — Agora precisamos de um carro — abriu a pasta e retirou algumas notas. — Vai até à aldeia e vê a forma de alugar ou comprar um carro. Eu espero por ti aqui.

— Desculpe, senhor, mas não me parece uma boa ideia — respondeu, segurando no dinheiro. Passou o polegar pelas notas e calculou quanto seria. E acrescentou —: Vão pedir-me documentos, saberão que estivemos aqui... Há outro método...

— Roubá-lo, não! Proíbo-te!

— Não. Prometo-lhe.

Miguel avançou alguns passos, voltou-se e afastou-se de Salazar. O seu andar era decidido; as suas intenções, impossíveis de adivinhar. Ao afastar-se, observou o horizonte à procura de algum veículo, sem encontrá-lo. Continuou mais alguns quilómetros até que, ao longe, por fim, viu aproximar-se um automóvel. Tratava-se de um velho Ford azul-marinho. Esperou que estivesse ao seu alcance e ficou parado na estrada, no meio do caminho, com a arma na mão, obrigando o condutor a parar. Era um homem de aspecto frágil, parecido a uma caricatura da fome, com a barba por fazer e com o cabelo muito preto colado à cabeça e dividido por uma risca impecável, com a inexpressividade da simplicidade e o olhar de um boi manso. Viajava sozinho e submerso nos pensamentos débeis dos inocentes. Miguel retirou a pistola do cinto e apontou-a ao homem sentado ao volante, que levantou os olhos horrorizado.

— Compro-lhe este carro, amigo — disse sem baixar a arma. — Aqui estão mais de mil dólares, aceita a proposta?

O condutor, aterrorizado, com os olhos esbugalhados e o queixo a bailar em tremores irrefreáveis, balbuciou que sim duas vezes, repetiu que de acordo, de acordo, com as mãos a tremer e o corpo descomposto, e saiu do carro a toda a pressa, apavorado, tremendo.

— Sim, sim, leve-o — conseguiu dizer. — Mas não me mate, senhor, tenho três filhos e uma esposa que...

Miguel sorriu e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Mas eu não vou matá-lo, senhor! — riu grotesco, abrindo muito os braços. — Só quero comprar-lhe este carro, é magnífico! Gosto muito dele, sabe? Este dinheiro está bem?

— Não..., não... Não é necessário, senhor... Eu ofereço-lhe.

— Tome! — gritou o guarda-costas.

Mas o homem, tomado pelo pânico, já não o ouvia. Desatou a correr espavorido, dando gritos, em direcção à aldeia. E Miguel, calculando a distância, levantou a Beretta em direcção às suas costas e disparou sobre o espantado camponês, que caiu de bruços no chão. Passo a passo, muito devagar, aproximou-se daquele corpo tombado e voltou a disparar mais uma vez, desta vez na cabeça, sobre a nuca. Depois arrastou o cadáver através da valeta, desconjuntado como um saco de nozes ocas, introduziu-o por entre o mato, deixou-o cair por um pequeno barranco e tapou-o com alguns ramos para passar despercebido. Iriam demorar alguns dias até se encontrar o corpo, pensou Miguel, e limpou o pó da parte de baixo das calças à consciência, da mesma maneira como se tirasse a caspa de uma camisa preta. Depois voltou à estrada caminhando sem pressa, entrou no carro com calma e conduziu até onde estava o seu chefe.

— No fim, a operação acabou por sair a um bom preço — informou o guarda-costas enquanto Salazar entrava no carro e se acomodava no lugar do pendura. — Ainda sobrou isto — Miguel devolveu-lhe umas quantas notas.

Salazar seguiu no dinheiro e guardou-o no bolso. Não fez perguntas. Fechou os olhos e durante duzentos quilómetros ficou a dormir profundamente.

Teve um sonho de que não se lembrou ao acordar. Estava numa pradaria imensa, tão verde e reluzente como se durante a noite anterior tivesse chovido e o dia tivesse amanhecido com um sol radioso. Ele corria nu, coberto apenas por uma túnica branca de um tecido finíssimo que não o incomodava. Não fazia frio, nem calor. E não se cansava por mais que corresse pelo fundo do vale da pradaria, sem rumo, sem saber para onde se dirigia. E, de repente, uma voz chamou-o nas suas costas: voltou-se e um homem jovem oferecia-lhe o dedo polegar da sua mão esquerda, insistindo em que o comprasse. Ele perguntava para que queria ele um dedo polegar e o pobre homem dizia-lhe que o comprasse, por caridade; que qualquer preço seria suficiente. Que já tinha vendido nos hospitais os rins, o coração, os olhos, o fígado..., e tudo o resto. Estava há muito tempo a vender o seu corpo por partes, para comer: tinha fome. E já só lhe restava esse dedo, pois o resto já tinha sido vendido. E voltava a ter fome. Salazar olhava para o homem e depois olhava à sua volta, e já não estava no lindíssimo prado mas sim no vestíbulo de um hospital, na entrada das Urgências, por onde passavam muitos feridos em macas e um ou outro morto, com a cabeça coberta em sinal de respeito. De súbito, verificou que numa maca ia Belén, a sua filha, e correu a abraçá-la. Ela então disse-lhe que estava muito chateada com ele porque ele não tinha comprado o dedo polegar ao homem, se ele não percebia que ele tinha fome. Salazar prometeu-lhe que sim, que lhe

daria o dinheiro que ele quisesse pelo seu dedo, mas que em contrapartida ela tinha de ficar boa, que tinha de vencer a doença. Mas, eu não estou doente, dizia ela; estou aqui porque vou dar à luz, não te lembras, papá? Estou grávida, o bebé pode nascer de um momento para o outro. Vou ter um filho de Beethoven. Salazar dizia-lhe que isso não podia ser, que o músico tinha morrido há mais de duzentos anos; mas Belén ria e respondia que o músico sim, mas que o seu sémen tinha sido congelado num banco de esperma e que ela tinha sido fertilizada com ele. E que agora ia para a sala de partos para ir dar à luz um novo génio e que ele tinha de pagar ao homem pelo seu dedo. Salazar prometeu-lhe e, ao virar-se para o procurar, já não o viu, senão o guarda-costas Miguel que, com a Beretta fumegante na mão, o informava sorridente de que ele já não o chatearia mais, senhor Salazar, esse pedinte não voltará a incomodá-lo. Mas agora a minha filha morrerá, gritou Salazar, enfurecido; e o guarda-costas, com um meio sorriso, ergueu os ombros e limitou-se a responder: «Lamento, mas o senhor paga-me para o proteger a si, não a ela.»

Talvez devido a esse sonho, do qual já não se lembrava, acordou uma hora e meia depois odiando o homem que conduzia o automóvel. Parecia-lhe um assassino, um psicopata. Tinha de livrar-se dele quanto antes para não se tornar no seu próprio refém, pensou. Ou numa das suas vítimas.

— Descansou bem? — Miguel deu uma olhadela ao seu chefe e voltou a colocar os seus olhos na estrada.

— Sim. — Salazar procurou o conta-quilómetros no painel. — Conduzes muito depressa, não?

— É que São Paulo está longe, senhor. Mas, se prefere iremos mais devagar.

— Prefiro.

Desaparecer tinha sido uma decisão insólita que nem ele mesmo era capaz de interpretar racionalmente; mas por algum motivo que lhe escapava, todo o processo estava a encaixar como as peças de um jogo de construções, sem que além disso o tivesse previsto. Na realidade, desde que recuperou o documento que aparentemente continha a *Décima Sinfonia*, a sua decisão tinha sido outra, também arriscada e igualmente ilegal, mas tal como os acontecimentos se desenrolaram, o que tinha acontecido convinha-lhe em todos os aspectos.

Porque a viagem a Fernando de Noronha não tinha sido planeada como umas simples férias, mas sim como a forma mais simples de entrar discretamente no Brasil e pôr-se em contacto com um médico expulso do Hospital Sírio-Libanês de São Paulo que tinha dado a sua palavra em como conseguia devolver a saúde à sua filha, ou mais concretamente, de prolon-

gar a sua vida durante muitos anos, talvez quinze ou vinte, os suficientes para que a ciência conseguisse encontrar a cura para a sua doença.

Esse médico tinha sido processado e expulso do Hospital pela sua falta de princípios éticos e deontológicos e desde então tinha-se rodeado de uma equipa de cientistas sem escrúpulos que experimentavam um método para realizar um processo de prolongamento da vida.

Além disto, pelo que tinha deduzido de algumas conversas mantidas com ele previamente, conhecia outro cientista que tinha ido ainda mais longe através de um procedimento experimental de transplantes múltiplos de uma vintena de órgãos vitais, usando corpos vivos e são de doentes em de morte cerebral, que utilizava sem autorização da família num hospital clandestino, e às vezes através de crianças de tenra idade raptadas que sacrificava para obter órgãos são.

As actividades de ambos os médicos e cientistas eram criminosas, mas nenhuma lei conseguiria apanhá-los se a macabra manipulação fosse realizada com a necessária confidencialidade.

Quando Vinicio Salazar vislumbrou uma possibilidade real de impedir a morte de Belén, não pensou duas vezes e reuniu todo o dinheiro que pôde sem levantar suspeitas, teceu diversas operações de engenharia financeira sem falar com ninguém e optou por consagrar o resto da sua vida à filha, como recompensa pela sua falta de atenção e como única forma de se libertar da culpa que o asfixiava. Não conseguia parar a roleta, mas podia mudar de jogo.

O procedimento médico de que lhe falaram, por ser inovador, ilegal e complexo, era extremamente caro e Salazar precisava de muito dinheiro para o levar a cabo. Por enorme que fosse a sua fortuna, não era simples esconder as despesas e reunir aquela soma sem levantar suspeitas e converter-se em suspeito de algum negócio escuro e, como consequência, acabar por tornar-se perigoso tanto para ele como para a sua filha que, por outro lado, nunca aceitaria os métodos que iriam ser utilizados para lhe devolver a saúde.

Assim, pois, começou pelo mais fácil: em São Paulo, num cofre do Banco do Brasil, aberto com um nome fictício e acessível com um código de doze algarismos, depositou cinquenta milhões de dólares que tinha reunido no último ano e guardado no cofre da sua própria casa.

Uma vez assegurada aquela primeira soma, procedeu à venda de uma das suas empresas a uma holding holandesa que exigiu poucas garantias quando viu a conta de resultados dos últimos anos e o preço da transacção. Salazar alegou que pretendia reformar-se e aceitou a soma de trinta milhões de euros pela empresa, uma pechincha em qualquer caso. E, dessa forma, depositou a quantidade total de euros numa conta secreta de um banco nas

Ilhas Caimão, para além de outras somas que provinham da venda de um avião, dois iates, vários carros e algumas obras de arte até completar outros trezentos milhões de euros, sem quaisquer requisitos para o seu depósito nem necessidade de indicar a sua proveniência e de se identificar.

Finalmente, a venda limitada mas continuada dos seus activos financeiros e acções bancárias, ao longo dos meses de Agosto, Setembro e Outubro, permitiu-lhe reunir outras centenas de milhões de dólares, das quais uns duzentos milhões guardou para si constituindo a pequena fortuna que transportava na pasta. A ilha que possuía no Pacífico não conseguiu vendê-la a tempo. Mas, no total, e até àquele momento, dispunha de mais de trezentos e cinquenta milhões de euros.

Mas o essencial estava para chegar: qualquer soma tornava-se escassa se o médico brasileiro cumprisse a sua palavra.

Por isso tomou a decisão mais importante: a operação financeira que ia permitir-lhe reunir uma grande fortuna para resolver as suas necessidades e completar o seu projecto. Em primeiro lugar ordenou a recuperação daquilo a que se tinha dado o nome de *Décima Sinfonia* de Beethoven, na igreja de São Carlos Borromeu, em Viena, a cargo de Senzanome e dos seus sequazes. Ainda que implicasse uma acção demasiado ousada e cujas consequências eram ainda impossíveis de avaliar.

Tudo surgiu de um facto que conhecia desde muito jovem mas que tinha descartado sempre por considerar inverosímil e de eficácia incerta. Tinha-lhe contado o seu pai, antes de morrer, e acreditou nele; mas imaginou que tentar fazê-lo efectivamente era uma loucura, que a sua realização seria impossível. Ainda que a angústia dos últimos dias e a extrema necessidade de dinheiro o tivessem animado, finalmente, a montar toda a farsa do roubo e assumir o risco que isso comportava.

Quando Vinicio Salazar teve nas suas mãos o documento roubado na Karlskirche pelo italiano sem nome verificou que a primeira parte da história que o seu progenitor lhe tinha contado era verdadeira. Com efeito, Isaac Salazar, o seu pai, dispunha de uma imensa fortuna nos anos trinta, produto dos seus negócios à frente de uma rede de minas de volfrâmio, um minério de enorme escassez e grande utilidade naqueles tempos. Possuía minas de volfrâmio na localidade portuguesa de Panasqueira, onde os cristais eram os maiores do mundo, e outras minas ainda em Salamanca e na Corunha.

O seu pai tinha-se fixado na Alemanha nessa época pré-bélica e a partir daí respondeu à chamada do general Franco nos últimos anos da Guerra Civil espanhola, aceitando emprestar, em Fevereiro de 1938, a quantidade de mil milhões de pesetas ao exército sublevado. Um dinheiro que o novo Estado lhe devolveria ao terminar a guerra com juros anuais de dez por cento.

O documento, considerado como de elevado segredo militar, foi redigido na Alemanha, assinado e rubricado à mão pelo próprio general Franco, no interior de uma partitura musical, debaixo da última linha do pentagrama povoado de colcheias, semicolcheias, fusas, semifusas, pausas e bemoles, mascarado como se se tratasse de uma falsa sinfonia de Beethoven porque o seu pai negou-se a fazê-lo sobre uma obra de Wagner, como tinha solicitado o caudilho fascista espanhol. O documento, assim assinado, foi escondido na moldura do quadro a óleo que representava São Carlos Borromeu na igreja do mesmo nome em Viena, sem que ninguém, à excepção do seu pai, conhecesse o esconderijo.

Terminada a Guerra Civil, e durante os primeiros anos do pós-guerra, Isaac Salazar, de regresso a Espanha, recordou em várias ocasiões o compromisso realizado e a necessidade do correspondente reembolso da dívida, mas apenas obteve das autoridades espanholas franquistas promessas e apelos para não iniciar os longos trâmites burocráticos necessários para tal fim, devido, segundo lhe disseram, à difícil situação da economia nacional. Mas quando em finais dos anos cinquenta insistiu uma vez mais para recuperar a dívida do empréstimo juntamente com os juros, uma visita ameaçadora da polícia à sua casa, durante a madrugada, fê-lo desistir por completo de voltar a tentar e deu o dinheiro por perdido.

Antes de morrer, Isaac Salazar narrou estes factos ao filho e entregou-lhe um documento jurídico perfeitamente documentado através do qual era possível exigir ao novo Estado democrático espanhol o pagamento do essencial da dívida e todos os juros, que no total ascendia a muitas centenas de milhar de milhões de pesetas. Disse-lhe com o objectivo de que conhecesse a realidade e actuasse como considerasse mais oportuno, enfatizando que aquele legado era património da família e que inclusive, acima do dinheiro, estava a obrigação moral de exigir o cumprimento de um pacto.

Vinicio Salazar, durante muitos anos, esqueceu-se do assunto. Não precisava do dinheiro e, ainda que tivesse estudado o documento em algumas ocasiões, no final sentia um enorme pudor em reclamá-lo. Mas a doença de Belén e a urgência de reunir uma grande soma induziram-no a verificar a possibilidade de exigir o que seu pai tinha dito nos seus últimos dias de vida.

Quando teve nas mãos o documento furtado da igreja vienense, já não teve mais dúvidas. Por isso organizou um almoço privado com o ministro da Fazenda, expôs-lhe o caso e reclamou do Estado espanhol o cumprimento da dívida. O ministro, se bem que no início se tivesse mostrado incrédulo e perplexo, pouco a pouco foi perdendo a estupefacção e ficou de estudá-la, reconhecendo a justiça da petição, da mesma maneira que aos

partidos políticos e aos sindicatos lhes tinham sido reconhecidos os seus direitos à restituição patrimonial; passados poucos dias reuniu-se com Salazar no seu gabinete do Ministério e informou-o das dificuldades para retirar das contas do Estado a soma devida, que ascendia a uma quantidade tão grande de milhões de euros que se tornava inviável assumi-la sob pena de condenar o país ao défice público impossível de sustentar perante a União Europeia. Depois de lhe facultar algumas informações e dados que Salazar, como empresário, entendeu perfeitamente, no final ofereceu-lhe um acordo amigável, simbólico, através do qual o Estado lhe pagaria de imediato dois mil milhões de euros e ele, em contrapartida, daria o assunto por encerrado. As consequências, no caso de não aceitar, traduzir-se-iam num longo pleito que a advocacia do Estado procuraria prolongar com recursos e mais recursos durante anos; e, ainda que a reunião se tivesse desenrolado num tom de cordialidade e boa vontade evidente por ambas as partes, o ministro mostrou-se tão firme e razoável na recomendação de que aceitasse a oferta que Salazar não teve outro remédio senão aceitar o acordo.

Ele precisava de dinheiro com urgência e o orgulho carecia de preço se aquilo que estava a adquirir era a soma necessária para prolongar um pouco mais a vida da sua filha. Dessa forma, apenas colocou a condição de que o dinheiro fosse pago num prazo máximo de dez dias numa conta bancária suíça sem nome e sob um código que apenas a Administração espanhola e ele conheciam, com a faculdade acrescida de que Salazar dispusesse de quarenta e oito horas para modificar os algarismos do código de tal modo que apenas ele o conhecesse passado esse prazo. O pacto selou-se com um aperto de mãos. Um acordo que foi cumprido de imediato.

Agora, a caminho de São Paulo pela sinuosa estrada brasileira, Salazar sentiu uma sensação estranha. Tinha feito tudo aquilo para salvar a sua filha, para não se separar dela durante o longo período do seu restabelecimento e para conseguir para ela, uma nova vida. Depois daquilo nenhum dos dois podia voltar a Espanha, também sabia disso. Mudariam de personalidade, teriam novos documentos de identificação, os dois desapareceriam para sempre, viveriam escondidos, camuflados perante o mundo, mas viveriam. Belén viveria. Era a única coisa que importava.

Mas o destino tinha imposto o seu capricho e agora as circunstâncias tinham mudado: já não podia pôr em prática essa solução porque a sua filha tinha morrido; mas um plano tinha vindo a crescer na sua cabeça, iria continuar a pensar na sua elaboração durante mais alguns dias. Nada menos que a ideia da ambição que todo o ser humano tinha sonhado alguma vez e que ninguém jamais conseguido alcançar: prolongar a vida indefinidamente.

Porque ele estava em condições de exigir o quanto desejasse; porque ele possuía uma imensa fortuna da qual podia dispor sem qualquer tipo de

identificação; porque ele, para além disso, oficialmente estava morto, ou rapidamente seria declarado morto, e essa morte fingida permitia-lhe sem lei nem moral, sem direitos nem deveres, viver livremente, como um animal na selva, como um naufrago numa ilha deserta; e porque, no meio daquele turbilhão de acontecimentos nefastos, o seu cérebro tinha-se armado de uma força de origem impossível de determinar segundo a qual ia começar uma vida nova sem passado, sem nada.

Ninguém, nem sequer o seu guarda-costas, sabia que aquele novo homem, ainda sem identidade, estava a acabar de forjar os meandros de uma ideia que iria mudar um destino que jamais se tinha atrevido a sonhar.

Um jogo que só agora estava a começar..

A viagem tornou-se longa e cansativa. Salazar tinha começado a temer um sicário do qual não sabia o que poderia esperar e Miguel, por seu lado, limitava-se a obedecer ao seu chefe, mas sem estar convencido que aquele homem não tivesse perdido a razão. Em qualquer dos casos, a vida para ele tinha sido sempre aceitar; cobrava para não fazer perguntas. Através das planícies do campo e as encruzilhadas da floresta ambos consumiam quilómetros de insegurança e silêncio com a única cumplicidade de partilhar uma fuga marcada pela indefensabilidade e pela dúvida.

Salazar tinha iniciado o caminho sem estar certo do que queria na realidade e Miguel acompanhava-o para o nada com as tripas cheias de desconfiança. Como se um perseguisse o El Dorado ou uma espécie de Santo Graal antienvhecimento e o outro um Sancho Pança compreensivo com as loucuras do seu senhor dom Quixote, a quem tinha decidido proteger em troca de um salário minúsculo e um grande afecto. Devoravam quilómetros pelas estradas abruptas ou recém-asfaltadas sem terem a certeza, nenhum dos dois, para onde os levava aquilo tão parecido a uma fuga. Por momentos, em Salazar renascia a ilusão de que era possível alcançar os seus sonhos e recuperava a calma; e às vezes Miguel pensava que o seu dom Quixote particular teria um bom plano, ainda que não o quisesse partilhar, e decidia confiar em que pelo menos ele saberia o que estavam a fazer; mas outras vezes submergia na sensação desoladora de que vagueavam sem rumo pelas paragens desconhecidas do planeta dos loucos. Por isso a viagem estava a tornar-se longa e cansativa. É isto porque as fugas só tinham sentido quando existe algo terrível para deixar para trás ou quando aquilo que se deseja espera do outro lado da fuga.

— Tudo isto me faz lembrar de uns velhos versos de Bertold Brecht...

— sorriu Miguel voltando-se para o seu chefe.

— Tu e as tuas citações... — cabeceou Salazar.

— «Estou sentado na margem do caminho./O condutor muda a roda./Não gosto do lugar de onde venho./Não gosto do lugar para onde vou./Porque olho então/a roda a ser trocada com impaciência?»

— Sim... Pois se não gostas...

— São só uns versos — voltou a sorrir Miguel.

Ao meio-dia pararam para comer nos arredores da cidade de Juiz de Fora, num restaurante ao ar livre junto à estrada no qual lhes serviram arroz cozido com pedaços de galinha, um jarro de vinho ácido, quatro bananas e sete menções de agradecimento em troca de uma desdobrada nota de vinte dólares. E depois, sem perderem tempo, continuaram a viagem para a cidade do Rio de Janeiro, onde chegaram com o céu apagado e a boca seca. Pernoitaram numa hospedaria do subúrbio que se esqueceu de lhes pedir qualquer tipo de documentação em troca de algumas notas americanas pequenas. Uma vez instalados nos seus quartos, tomaram banho e saíram para comprar alguma roupa nova na terceira loja em que entraram, a primeira que aceitou que pagassem com dólares.

Enquanto comiam maçarocas de milho e gelados nos seus quartos, Vinicio Salazar contemplou na velha televisão com o ecrã às riscas a sua imagem no noticiário da noite, e pareceu-lhe entender que dava conta do seu acidente e morte. Sobressaltado, temendo ter sido reconhecido, saltou da cama e foi ao quarto de Miguel para que este preparasse tudo de imediato para saírem dali. O guarda-costas insinuou a conveniência de abandonar o velho Ford e alugar um carro mais potente, com o pretexto de tornar a fuga mais rápida e o resto da viagem mais cómoda, ainda que com certeza pairasse na sua cabeça a ideia de que talvez também tivessem descoberto o corpo do camponês e a essas horas o veículo estivesse a ser procurado pela polícia. Mas Salazar, ignorando o modo como ele tinha arranjado o automóvel, recusou a proposta alegando que não dispunham de documentação válida para fazer qualquer tipo de transacção e que era urgente fugir; assim, o guarda-costas aparentou resignar-se, aceitou de má vontade a ordem e não se atreveu a contradizê-lo; mas nesse momento elaborou um plano para encontrar uma solução prática. Sabia que tinha de improvisar algo para não correr o risco de ter um mau encontro com a polícia e, por outro lado, para que Salazar nunca chegasse a perceber o que tinha acontecido.

Miguel convenceu Salazar a que esperasse no seu quarto enquanto ele ia buscar o carro. Avisá-lo-ia assim que estivesse à porta da hospedaria, para que ninguém o visse sair. O guarda-costas abandonou o quarto e saiu para a rua, dirigindo-se ao Ford, conduziu-o até um descampado próximo e escondeu-o atrás de um montículo de areia fora da visão a partir do caminho de terra e desde a estrada mais próxima. Depois abriu o capô e arrancou vários cabos do motor, inutilizando-o. Por último, retirou as pla-

cas da matrícula e levou-as, lançando-as numa lixeira e cobrindo-as com escombros. Alguns minutos mais tarde regressou ao encontro de Salazar conduzindo um Fiat azul metalizado.

— Suba — convidou Salazar.

— Mas... e este carro?

— Explico-lhe de seguida.

Salazar subiu para o automóvel e retomaram a viagem. Miguel alegou que o velho Ford não arrancava, que tinha ficado sem bateria, e que teve de roubar outro porque, sem documentação, não havia outra maneira de sair dali e completar os poucos mais de quatrocentos quilómetros que os separavam de São Paulo; e que, em qualquer o caso, em tão poucas horas, não seria fácil que a polícia os localizasse. Salazar fechou os olhos, movendo a cabeça de um lado para o outro aborrecidamente, mas calou-se porque ainda que não aprovasse o método utilizado compreendia que tinham de ir-se embora dali. Apesar disso, aquele homem irritava-o e inspirava-lhe cada vez mais temor.

Durante as longas e monótonas horas passadas na estrada federal Presidente Dutra, que atravessava a região sudeste, o guarda-costas tentou por várias ocasiões iniciar alguma conversa com Salazar para vencer o sono, mas os seus esforços foram infrutíferos. Com a intenção de romper o incómodo silêncio, perguntou-lhe se estariam muitos dias em São Paulo, se tinha prevista alguma maneira de obter algum tipo de documentação, se desejava que fizesse algo em particular e se lhe importava que sintonizasse o rádio, mas em todas as ocasiões Salazar respondeu com monossílabos de negação. Miguel então procurou no porta-luvas e escolheu um CD de árias cantadas por Plácido Domingo. Ao acabar o CD, a meio caminho de São Paulo, Salazar decidiu por fim que saíssem da Via Dutra por um caminho de floresta para dormirem algumas horas. Ambos estavam esgotados.

Ao amanhecer retomaram a marcha. O sono tinha-o distanciado do perigo e apagado a irritação que sentia por Miguel e, para demonstrá-lo, quando apenas faltavam cem quilómetros para chegar à capital brasileira, Salazar agradeceu-lhe o facto de ele ter escolhido esse CD, dizendo algo como que a voz do tenor espanhol era a mais sublime de todos os tempos. E a seguir decidiu-se por expressar o que estava a pensar desde há muitas horas e começou com uma afirmação que encerrava em si mesma uma pergunta.

— A verdade é que não consigo perceber-te, Miguel — afirmou, sem o olhar, voltado para a paisagem que emoldurava a janela do seu lado. — Tens uma educação de licenciado em Oxford e o que é verdade é que ages como um delinquente malcriado de Harlem.

— Bom, não acho que todos os britânicos fizeram um mau papel no

bairro negro de Nova Iorque. Jack, *o Estripador*, sem ir mais longe... — sorriu o guarda-costas e de seguida recuperou a seriedade.

— Sabes ao que me refiro — Salazar acentuou a gravidade do tom de voz.

— É possível que lhe esteja a dar essa impressão, senhor — Miguel também não afastou os olhos da estrada — mas asseguro-lhe que faço tudo a pensar em si. Pode ser que não tenha acertado; tenho a certeza de que o senhor teria preferido que não tivesse roubado este carro, nem que tivesse acontecido o que sucedeu na praia com aqueles pescadores. Estou completamente convicto disso, senhor. Portanto, assumo a responsabilidade: pense que eu e apenas eu sou o culpado. Não deve atormentar-se com isso. Mas para meu alívio devo acrescentar que garantir a sua segurança garante também a minha, senhor, também o fiz por isso.

— Sim... — Salazar negou com a cabeça, lamentando o que ouvia.

— O senhor não sabe nada sobre mim, senhor — Miguel adoptou um tom de voz humilde e continuou com os olhos na estrada. — De certeza que não lhe interessa mas vou contar-lhe... Porque, sabe, senhor, eu não tenho família, nem amigos... Nunca tive ninguém e agora também não. Nisso acho que nos parecemos o senhor e eu, não é verdade, senhor? E eu também desapareci naquele avião; também morri. Os dois somos considerados vítimas do mesmo acidente e daqui em diante os dois temos de percorrer um novo caminho. Porque eu não quero dedicar-me aos serviços de segurança a minha vida inteira, compreende? O meu sonho foi sempre ser músico. O senhor já alguma vez ouviu um solo de trompeta? A trompeta é o único instrumento a que se pode ensinar a falar. Com ele podem ser compostas frases muito parecidas às que se formam com as palavras. Eu aprendi essa linguagem.

— Desconcertas-me, rapaz... — Salazar, agora sim, voltou-se para ele, com a testa enrugada. — Quanto mais me falas de ti, mais me confundes. Não consigo perceber-te, Miguel, lamento, mas não te percebo... Parece que és músico, que lês Marco Aurélio, que tens um modo de expressar-te sensível e uns modos..., não sei como qualificá-los... Prefiro nem fazê-lo. E, por outro lado, parece que os teus dedos adoram os gatilhos das pistolas.

— Lamento, senhor... — Miguel ergueu os ombros. — Mas asseguro-lhe que a minha intenção não é a de lhe causar chatices.

— Vou ser sincero — Salazar respirou fundo —: acho que me poderias ajudar muito, digo isto com sinceridade, ajudar muito; mas, por outro lado, a verdade é que não acredito em ti. E por isso não quero ter permanentemente nas minhas costas um homem que não sei se vai proteger-me ou dar-me um tiro. Tenho a certeza que sabes ao que me refiro.

O guarda-costas abriu os olhos, surpreendido, agitou-se de tal ma-

neira que o automóvel deu uma guinada na estrada. Virou rapidamente o volante, endireitou a direção, afastou o pé do acelerador e encostou à valeta, travando até sair da berma. Parou o carro com brusquidão e enfrentou Salazar.

— Lamento muito ouvir isso, senhor — a sua voz era enérgica, tão indignada que Salazar pensou que a viagem, para ele, ia acabar ali. — Lamento de todo o meu coração. Porque eu jamais, ouviu bem? Jamais voltaria a minha arma contra si! E as suas palavras ofendem-me; não, não é verdade: não me ofendem; ferem-me. Toda a minha vida quis encontrar alguém como o senhor, alguém de quem aprendesse, alguém a quem merecesse a pena imitar, para estar junto dele, para... Não tive pai, sabia? Quero dizer que não o conheci. Nem a minha mãe: morreu quando eu tinha dois ou três meses e fui criado num orfanato. Mas... a sério..., acha a sério que está a ser justo comigo? — Os olhos de Miguel humedeceram-se, brilhantes, talvez envernizados pelas lágrimas da raiva. — Eu só desejo que seja o que for a que o senhor se proponha lhe saia bem, e que me permita continuar a seu lado. Pelo menos enquanto precisar de mim. Bom mas, se já não contar comigo, se não se sente à vontade, se é verdade que lhe causo o menor medo que seja, diga-me agora mesmo que eu saio do carro. Não voltará a saber de mim, prometo-lhe. Quer que eu saia do carro? Não terá nenhuma dificuldade em chegar sozinho a São Paulo, fica apenas a uma hora de caminho.

Miguel desapertou o cinto de segurança com uma pancada seca e dispôs-se a descer do Fiat. Salazar não sabia o que fazer. Por um lado, aquele homem parecia sincero; por outro, podia ser que estivesse a mandar barro à parede e estivesse a fazer uma interpretação magnífica. Talvez fosse honesto; ou também podia ser que tivesse frequentado alguns cursos de arte dramática, quem o podia saber ao certo com o que acabava de lhe dizer, e também era um virtuoso trompetista. Aquele homem desconcertava-o, decididamente.

— Não é preciso — respondeu por fim Salazar. — Vamos para São Paulo e, uma vez lá, veremos o que mais nos convém aos dois. É possível..., é possível que a ti — improvisou —, também te interesse iniciar o teu próprio caminho. Como disseste, não vais ser guarda-costas a vida inteira...

— Tem a certeza? — quis assegurar-se o guarda-costas.

— Sim, tenho — Salazar voltou-se e olhou para a frente. — Saíamos daqui e depois decidiremos.

— O senhor manda.

Miguel arrancou com o Fiat e voltaram à estrada.

Viajaram em silêncio, outra vez; Salazar pensando em que, depois de tudo, o guarda-costas podia ser-lhe útil pelo menos durante os primeiros dias; e Miguel sentindo que a sua relação com Salazar, depois do que acaba-

va de ouvir, se tinha quebrado de um modo que talvez nunca mais pudesse recompor-se. Estava acostumado a entregar o seu afecto de forma absoluta, sem reservas: não lhe agradava trabalhar de outro modo. Mas se o seu chefe queria uma relação profissional, e apenas profissional, isso seria o que ele lhe daria, pelo menos até que os seus caminhos se separassem. O desejo de terminar aquela viagem, de repente, tornou-se para os dois uma necessidade que não dissimularam.

De qualquer modo, antes de entrar em São Paulo, Salazar considerou conveniente baixar a friezta da relação, forçou um tom cordial e deu ao guarda-costas instruções precisas para os primeiros momentos. De imediato, deveria comprar alguns jornais para verificar se aparecia a notícia do seu falecimento acompanhada da sua fotografia porque, se fosse assim, não podia apresentar-se no Hospital Sírio-Libanês onde esperava recolher um envelope em nome de Jonathan Bentham. Para além disso, também convinha trocar dólares por reais brasileiros no mercado negro. Já sem contar com a necessidade de Miguel precisar de uma identidade falsa. E, de seguida, abandonar quanto antes aquele carro roubado.

O câmbio de moeda, explicou Salazar, seria fácil: na rua Verde os cambistas realizavam o negócio sem o menor pudor, comprando dólares a um preço consideravelmente vantajoso para eles; mas isso era algo sem importância naquelas circunstâncias. Com alguns milhares de reais no bolso, comprariam os jornais e depois veriam o que fazer a seguir.

Salazar esperou no carro estacionado um pouco mais à frente da praça Ramos de Azevedo, na avenida São João na esquina com a João Bricola, e Miguel caminhou sem pressa até ao beco Verde para efectuar o câmbio. Com reais suficientes no bolso e mais alguns dentro da pasta azul de mão, ordenou a Miguel que este comprasse vários jornais locais, as edições internacionais de *Le Monde*, *Clarín*, *New York Times*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e todos os jornais espanhóis que encontraram no quiosque de venda de revistas, que mais que um quiosque de imprensa parecia um bazar de artigos miúdos baratos. Viram os jornais e, com efeito, tanto a notícia do acidente aéreo como a sua fotografia apareciam neles, inclusive, em alguns casos em lugar de destaque na capa.

Naquela situação, Salazar não deveria passear-se livre e alegremente pelas ruas de São Paulo: alguém o poderia reconhecer. Assim, pensou em disfarçar-se e Miguel entrou num armazém para comprar um par de óculos de sol de plástico e, sem estar convencido do seu aspecto, mandou o seu guarda-costas parar um táxi, abandonaram o Fiat e pediram ao condutor que os levasse a uma loja de disfarces.

Foi o guarda-costas quem se apeou no estabelecimento da rua 24 de Maio para comprar uma peruca branca de má qualidade, uma barbi-

cha rala e um bigode do mesmo tom. Com o disfarce de Salazar levado a cabo no interior do mesmo táxi, para surpresa do condutor que cada vez se interessava mais pela metamorfose do seu passageiro a partir do espelho retrovisor, Miguel pediu que os levasse ao Hospital Sírio-Libanês. O condutor desligou-se rapidamente das extravagâncias dos estrangeiros que tinham entrado no seu carro, depois de lhes oferecer umas quantas olhadelas desdenhosas de desprezo, e conduziu sem se perturbar até à direcção solicitada.

Ao chegar, e sem pensar, Salazar entrou no vestíbulo do Hospital num passo vivo, dirigiu-se à recepção e apresentou-se a uma enfermeira que estava a ordenar fichas e papéis com o rosto crispado e o coração cansado. Era uma mulher de uns trinta e cinco anos já gastos, pelo desleixo, preguiçosa de movimentos e olheiras exageradas, a quem o trabalho não agradava e não se preocupava em o dissimular. Salazar solicitou por duas vezes que o atendessem e outras tantas recebeu como resposta a visão da palma da mão, o que talvez quisesse dizer que esperasse um momento. Quando acabou por colocar em ordem a tarefa que a ocupava perguntou-lhe o que queria, sem olhá-lo, e ele explicou que tinham deixado um envelope em nome de Jonathan Bentham e que vinha buscá-lo. A enfermeira franziu os lábios e procurou-o sem pressa nem interesse pelas gavetas do balcão e os arquivadores do escritório, repetindo com desânimo que não acreditava tê-lo visto nem que o fosse encontrar. Quando finalmente deu com ele, na bandeja de saída, arremessou-o sem o olhar sobre a prateleira do balcão.

— Bentham? Aí o tem.

— Obrigado — respondeu Salazar enquanto o recolhia apressadamente e o guardava no bolso.

A enfermeira olhou-o então pela primeira vez, resfolegou e voltou-se com a intenção de continuar a pôr os seus papéis em ordem; mas, como se alguma coisa lhe tivesse parecido familiar naquele homem, deteve-se de repente, virou a cabeça e contemplou-o de novo, já de perfil. E então enrugou a testa, desviou o jornal do dia e observou a fotografia do homem que aparecia na capa. Levantou os olhos enquanto Salazar cruzava as portas de vidro do Hospital.

— Mas..., oiça! — gritou.

Salazar não ouviu e a enfermeira, depois de duvidar por uns instantes, saiu do balcão e correu para a porta repetindo a sua exclamação.

— Oiça, oiça, senhor!

Quando trespassou as portas de saída, só o conseguiu ver a afastar-se na companhia de outro homem, dobrando já a primeira esquina. Moveu a cabeça de um lado para o outro, estranhando, e regressou ao

seu posto no balcão, onde passou um bom bocado a observar pormenorizadamente a fotografia do homem que protagonizava a parte inferior da primeira página e na qual se anunciava a comoção mundial pela sua inesperada morte.

Salazar e Miguel, num bom passo, afastaram-se do Sírio-Libanês sem falar. Só ao fim de algum tempo Miguel reflectiu em voz alta, vacilante:

— Penso que eu é que deveria ter entrado, senhor. Estava a pensar que talvez alguém o possa ter reconhecido e...

— Sim, pode ser que tenhas razão — aceitou Salazar. — Ainda que, com este aspecto, não creio que... E depois lá dentro só havia uma enfermeira que parecia odiar o mundo e o ódio é ainda mais cego que o amor.

Miguel, respeitoso e dócil, assentiu sem convicção, surpreendido com a resposta daquele homem. Continuaram o seu caminho, já mais devagar, até um café próximo. Salazar apalpava o envelope através do tecido do seu bolso como se pretendesse descobrir o seu conteúdo e Miguel olhava para ambos os lados da mesma maneira quando escoltava o seu chefe por algum caminho perigoso. Finalmente, sentados ao fundo da sala do café numa mesa discreta, e depois de terem pedido duas chávenas de chá e duas fatias de tarte, Salazar abriu o envelope.

Estava tudo em ordem, como lhe tinham prometido. O doutor Da Gama assinava uma nota na qual estavam escritos um nome, uma data e uma cidade: «*Andrés, Carne de Res. Dia 9 de Novembro, 19 horas. Bogotá.*» No envelope estavam incluídos dois documentos de identificação da República da Jamaica e dois passaportes de nacionalidade jamaicana: um com a sua fotografia, e o nome de Jonathan Bentham, e outro com o nome de Louise Bentham, com a fotografia da sua filha Belén. Ao vê-lo, Salazar não pôde deixar de reprimir um gesto amargo de dor, uma ameaça de crispação no rosto que fez por conter antes que os seus olhos se vestissem de luto. Ensalivou a tinta e esborratou-a para borrar um pouco a nitidez da fotografia com a sua imagem, voltou a guardar os documentos no envelope, meteu-o na pasta de mão e fechou-a.

— Vamos — disse, recuperando a serenidade com o chá que bebeu de um trago. — Vamos à procura de um hotel. Esta peruca asquerosa está a fazer-me feridas na cabeça toda.

Sem necessidade de pensarem muito dirigiram-se ao Maksoud Plaza, o hotel que ele mais gostava da cidade e no qual Salazar já se tinha hospedado outras vezes, situado no 150 da Alameda Campinas. Ainda disfarçado com a peruca, o bigode e a barbicha, e defendendo-se dos olhares alheios atrás dos óculos de sol, utilizou a sua nova documentação para ficar na melhor suite no silencioso último andar do edifício, no qual uns segundos mais tarde também se acomodou sub-repticiamente o seu guarda-costas

e com a maior precaução para que ninguém o visse. Salazar estava muito cansado, precisava de descansar e pensou que havia tempo para conseguirem uns documentos de identificação apropriados para o Miguel.

Uma vez instalados no quarto, Salazar entregou ao guarda-costas as suas calças, o seu casaco, a sua camisa e um punhado de notas.

— Procura uma boa loja de roupa — disse-lhe. — Acho que aqui mesmo, junto ao hotel, há uma. Compra-me alguma roupa, umas camisas, sapatos pretos número 43 e vários pares de meias pretas. Calções também, uns quantos calções. E aproveita para comprar alguma roupa para ti e duas malas de viagem, pequenas.

— Está bem. — Miguel guardou a roupa de Salazar num saco do serviço de lavandaria. — Acho que vou demorar um pouco a voltar...

— Ok. E não te esqueças de comprar também algumas coisas de higiene: escovas de dentes, máquinas de barbear, pentes, desodorizante... Enfim, tudo o que achares que seja preciso. Depois levaremos tudo quando nos formos embora. Não há pressa, eu vou deitar-me um pouco — acrescentou Salazar, correndo as cortinas da janela. — Ah, e deixa aí a pistola — indicou a mesa da sala. — Não vais precisar dela.

Miguel assim fez, sem dar mostras de dúvida ou surpresa, depositando-a onde lhe indicou com a suavidade de quem teme partir uma jarra da dinastia Ming. E quando o guarda-costas saiu da suite, Salazar foi à casa de banho, urinar.

Antes de sair, olhou-se no grande espelho do lavatório e encontrou-se de frente de um homem velho, como nunca se tinha visto reflectido. Aqueles últimos dois dias tinham sido demasiado duros e o seu rosto tinha começado a pagar o seu preço em decrepitude, o seu olhar em aflicção e a sua testa numa porção de terra ressequida e esquarterada onde as rugas se entreteciam num mapa de torturas e melancolia. Caiu abatido na cama e fechou os olhos para tentar dormir um pouco. Mas nesse instante a imagem de Belén cravou-se nos ossos da cabeça e incendiou o seu peito com uma angústia que lhe paralisou a garganta e lhe embargou os olhos. Antes que se desse conta, estava a chorar. Era a primeira vez que se permitia uma debilidade, a primeira em que não impedia que a sua dor aflorasse até se mostrar nu, indefeso, inválido. Tinha dissimulado tanto a vontade de chorar que as lágrimas apaziguaram o seu ânimo como se aquelas águas transbordadas limpassem uma alma suja que se tinha povoado de úlceras e chagas. Os homens enfrentam a dor em silêncio até que os arranhões da tragédia produzam uma sublevação de feridas internas; se se atrevessem a chorar, se o pudor e a sensibilidade que lhes negaram não os agoniasse ou os impedisse de aprender, alcançariam a estatura emocional humana que não se consentem a si mesmos. Mas naquela sociedade desabitada Salazar gemeu como

se fosse um cachorro abandonado. Chorou pela primeira vez. E fê-lo pela sua filha, pela sua vida e pela dele. E talvez por temor ao que o esperava. Mas a verdade é que se permitiu chorar e no abatimento manteve-se imóvel, derramando lágrimas, até que adormeceu.

O primeiro sonho do pesadelo foi horrível: uma visão das profundezas do mar onde o avião permanecia estendido no fundo, partido pelo meio. Os corpos do piloto, o co-piloto, a enfermeira e o outro guarda-costas tinham sido devorados por peixes e eram apenas esqueletos limpos e brancos, reluzentes, enquanto Belén, intocada, incorrupta, estava a ser observada, melhor diria adorada, por um milhão de peixes de todos os tamanhos que se moviam à sua volta respeitosamente ou permaneciam fixos, olhando-a, como se a estivessem a venerar. Sentiu que os habitantes do mar celebravam um ritual de homenagem a tanta beleza. Nas profundidades do oceano, iluminadas em azul como tinha visto nos documentários marinhos, a sua filha era uma rainha velada no seu sono eterno por todos os seres vivos. Mas de repente o sonho rasgou-se com uma imagem terrificante: um banco de peixes assassinos, de escamas pretas e com a boca aberta, mostrando os dentes afiados como punhais, dirigiam-se vorazes em busca do corpo de Belén. O pavor apoderou-se dos outros peixes, que fugiram em todas as direcções, horrorizados, pressentindo a sua chegada e depois localizando-os, ao aproximarem-se. E então o bando de predadores precipitava-se sobre o corpo da rapariga e iniciava o seu esquarteramento, fazendo saltar restos de pele, fibras de carne e madeixas de cabelos numa explosão de sangue que tingiu tudo de vermelho. Salazar não conseguiu resistir e gritou, dilacerado, acordando suado e ofegante, com a respiração entrecortada e o peito dorido pela força dos batimentos incontrolados que rugiam em sobressalto. Não se atreveu a fechar os olhos. Suava e sentia um medo desconhecido. Sentou-se na cama de um salto e tentou recuperar a respiração que tinha ficado suspensa nas pregas do pesadelo.

Mas aquela imagem de Belén esquarterada, esfolada e devorada não desaparecia da sua cabeça. Então foi à casa de banho e lavou a cara com abundante água fria. Quando voltou a olhar-se ao espelho, cravou os olhos em si mesmo e fez uma promessa: não morrerás. Tu jamais morrerás, Viniçio Salazar. Prometo-te.

Voltou a estender-se na cama e estendeu as mãos de ambos os lados do corpo. Pela primeira vez na sua vida sentiu-se acobardado: a decisão que tinha tomado provocou-lhe uma imensa vertigem. Guiado por um impulso mais próprio de um adolescente do que de um homem que se aproximava com passo firme da velhice, tinha-se suicidado socialmente; de facto, se se atrevesse a ligar a televisão, era possível que em algum daqueles noticiários pudesse ver os seus próprios funerais, um acto simbólico de dor organizado

por alguns dos seus amigos, agora todos dir-se-iam íntimos, sem dúvida; ou pelos seus antigos empregados ou pelo próprio Governo de Espanha em homenagem a um distinto homem de negócios a quem qualificariam de, como diria? Engenheiro das finanças? Empreendedor transcendental? Um dos homens que mais...? Qualquer um podia sabê-lo! A realidade é que tinha decidido morrer, desaparecer, sacrificar o seu passado para... Para que o tinha feito? As primeiras horas foram de ofuscamento: Belén tinha morrido e ele tinha ficado sem nada para fazer, ninguém a quem querer, nenhum caminho que o convidasse a continuar a avançar. E aquela decisão foi tomada de noite, rápido, delirando. E se tinha chegado a acreditar, sim; agora tinha chegado a acreditar que o velho Salazar estava morto e ele encarnava um homem novo, sem passado nem culpa. Mas, podia estar assim tão louco? Por acaso ia conseguir esquecer o que tinha acontecido à sua filha pelo simples facto de mudar de rosto, as impressões digitais e o que quer que fosse, inclusive o mesmo grupo sanguíneo se fosse possível? Belén, Belén... Como esquecer que a queria mais do que a sua própria vida? A sua vida. Não tinha a certeza de que se teria sido melhor morrer naquele avião naquela noite. Vinicio Salazar não tinha futuro sem Belén; assim, se ela não ia viver, ele também não deveria.

Mas, se esse era o seu desejo, porquê não morrer de verdade? Ali, sobre a mesa, estava a Beretta. Um tiro, só um, e na realidade converteria em verdadeira a informação difundida pelos jornais. Porque não se atrevia a levantar-se da cama, chegar junto dela e meter o cano na boca antes de apertar o gatilho? Resultado, o cadáver encontrado corresponderia a um tal Bentham do qual ninguém sabia nada. Um cidadão jamaicano anónimo a quem realizariam a autópsia e embarcariam rumo à ilha para que o Governo continuasse as suas investigações que rapidamente seriam arquivadas. Ou talvez não; talvez reconhecessem o seu rosto, ou reconhecessem as suas impressões...; e nesse caso não se explicaria porque tinha fingido a sua morte e pode ser que até lhe atribuíssem, inclusive, alguma responsabilidade na morte da sua filha. E o quê? Ainda que... Para quê enganar-se? Jamais se atreveria a matar-se. Tinha de o reconhecer: a sua cobardia não lhe permitia morrer, pelo contrário. O seu verdadeiro medo era o de envelhecer, aproximar-se da morte, assistir ao desmoronamento do seu aspecto e à debilidade das suas forças. Como iria suicidar-se quem teme o lento percurso para a morte mais do que a própria morte, um paradoxo inexplicável porque na realidade é o mesmo temor? Não conseguia perceber, mas era assim. A visão do seu rosto ferido no espelho, momentos antes, tinha-lhe produzido uma dor insuportável, a observação de um ser velho e descomposto que lhe tinha revelado a odiosa presença do final, a tirania do tempo, a iminência da queda. Não; ele não queria morrer. Não ia deixar. Perante o

espelho tinha-o prometido, como teria gostado de o ter prometido a Belén, qualquer coisa do género de a ter conservado mais um ano, mais um dia, apenas mais uma hora para a ter nos seus braços, apertando-a, beijando-a. Ah... Se ele conseguisse não morrer, Belén poderia sentir-se melhor porque teria alguém que a recordaria eternamente, disse para si.

E deu-se conta de que estava a enganar-se a si mesmo.

Vinicio Salazar descobriu-se rapidamente acobardado, encolhido outra vez com a dor insuportável de uma adaga cravada no peito. Nunca tinha chorado. E um homem, quando não chora, incuba doenças invisíveis que raspam o coração com perversas emoções.

Quando, ao anoitecer, Miguel entrou no quarto carregado de pacotes e fazendo equilíbrio com eles, fê-lo devagar e com cuidado para não acordar o seu chefe, no caso de este estar a dormir. O que não imaginava era que o iria encontrar sentado na cama, abatido, com o rosto tapado com as mãos. Não fez perguntas nem procurou consolá-lo. Limitou-se a deixar os pacotes de Salazar sobre o leito e levar os outros para a casa de banho. Daí a pouco saiu vestido com a roupa nova que tinha comprado e sentou-se no sofá da sala principal, perante a televisão, a ver um documentário sobre as últimas revelações à volta dos mistérios das pirâmides.

Salazar recompôs-se debaixo de um longo duche que acabou por esfriar a água, como era seu costume. Fez a barba, deixando a pêra, e limpou-se, desempacotando as suas coisas e vestindo-se. Os sapatos estavam um pouco folgados, mas preferiu assim. Acabou por vestir o casaco do fato cinzento pérola de seda.

— Estarei no restaurante do hotel — sussurrou, triste. — A esta hora já não haverá ninguém.

— Desço consigo? — ofereceu-se o guarda-costas, solícito.

— Não. Não convém que te vejam. Pede alguma coisa pelo serviço de quartos...

— Isso já não é problema, senhor — o guarda-costas Miguel apagou com o comando à distância o televisor. — Já tenho a minha documentação em ordem, quer ver?

Miguel retirou do bolso interior do seu casaco um passaporte e mostrou-o a Salazar. Era um documento da União Europeia.

— A partir de agora sou cidadão português, o que acha?

— De onde...? — Salazar enrugou os olhos, sem compreender.

— Ah, bom — Miguel sorriu. — Alguém o perdeu enquanto provava um fato... Digamos que tive sorte. Fiz umas fotografias numa máquina dessas que há pela rua e substituir a minha pela original do passaporte não me custou nada. Estes portugueses não se preocupam muito em proteger os seus documentos...

Salazar pensou que aquele homem acabaria por metê-lo num rico sarilho, mas que em todo o caso não seria maior que o dele e neste ele meteu-se sozinho. Respirou fundo e disse:

— Está bem. Baixemos. Não me apetece comer sozinho.

— Aconselho-o a colocar a peruca, senhor. Podem reconhecê-lo...

— Está bem.

Durante o jantar, acompanhado por uma garrafa de champanhe Cristal 1996, o guarda-costas ficou em silêncio. Salazar também. Apenas durante a sobremesa, depois de limpar a comissura dos lábios com o guardanapo, Miguel se reclinou para trás e sussurrou:

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro.

— O que se propõe fazer na realidade?

Salazar duvidou. Não sabia o que responder porque o mais certo era que ele também não estivesse muito seguro. Por isso gaguejou.

— A minha intenção..., bom... Acho que é tarde para explicar-te. Talvez outro dia.

Miguel respirou fundo. E depois, como se lhe tivesse sido pedido uma opinião, começou a falar.

— Tenho a certeza, senhor, de que o que o senhor procura está no fim do caminho, como quase tudo o que nos propomos na vida. Porque, o senhor sabe? — o guarda-costas fez uma pausa. — Eu acho que a vida é como uma cebola; uma cebola que guarda no seu coração um desejo. Por isso, tudo o que fazemos na vida é ir retirando camadas e mais camadas, à procura desse centro, desse coração. Uns conformam-se em retirar algumas camadas e, por falta de forças ou de interesse, resignam-se a ficar por aí, e então as suas vidas não valem nada, são insignificantes, anódinas. Muitos são assim. Outros, por preguiça ou seja pelo que for, cansam-se rapidamente de procurar e também acabam por resignar-se. É..., como posso dizer..., como um romance — Miguel acendeu um cigarro e ofereceu um a Salazar. Ambos fumaram. — Um romance também se parece às cebolas. As suas camadas são as cenas sucessivas: de intriga, de ambição, de amor e luxo, exóticas, de aventuras, trágicas... até chegar ao final, que é onde o leitor quer chegar, onde se encontra aquilo que é verdadeiramente importante, aquilo pelo qual, quando o lemos, percorremos o caminho de todas as suas páginas. A cebola, a vida, um romance... É tudo igual. E o senhor está a retirar essas camadas, uma a uma, inclusive as que o fazem chorar como esteve antes a fazer, porque sabe que no centro da cebola encontra-se o que mais deseja, o objectivo mais ansiado da sua procura. Também Günter Grass descascou a sua cebola, li-o... Senhor: tem a certeza de que o que se propõe deseja-o realmente?

— Lamento, Miguel — Salazar procurou o empregado de mesa para que lhe trouxesse a conta para assiná-la. — Acho que não te percebo.

— Está bem. Continue a retirar camadas da sua cebola, senhor. Eu estarei a seu lado enquanto precisar de mim.

— Obrigado, Miguel — Salazar disse-o enquanto assinava a conta com o número da suite. — Mas acho que já está na hora de começares a fazer os teus próprios planos...

Os castelos de nuvens no céu, brancas como uma imensidão de neve virgem, cegaram Salazar ao olhá-las a partir da janela do avião. A solidão estremece tanto a trinta mil pés de altura como a dez mil metros de profundidade. Apenas o monótono zumbido distante dos motores e o leve murmúrio de alguns passageiros nas costas (falar baixo, sussurrar, é uma forma de não sobressaltar o ar para que a magia de voar não se quebre num grito de cristais) lembram que a vida continua, ainda que a sinta parada e suspensa nos limites da sem-razão. A vida é maravilhosa e a morte também, e quando caminham de mão dada celebram um baile belo e prazenteiro. Salazar interrogou-se: o que faz um ser humano a dez mil metros de altitude? Não respondeu; tratava-se de uma mera pergunta retórica, uma forma de procurar a justificação por ter voltado a entrar num avião.

Finalmente Vinicio Salazar tinha ficado sozinho e a caminho de Bogotá sentia-se melhor. Miguel, o seu guarda-costas, o homem que tinha salvado a sua vida e que não o deixou de surpreender até ao último momento, quando lhe confessou que tinha cumprido com o seu desejo de acabar com o italiano sem nome para que nunca ninguém soubesse a verdade acerca do documento roubado em Viena, teve contudo uma extravagante e inaudita ideia final: que Salazar redigisse um testamento holográfico, selado uns meses antes, designando a sua filha Belén como única herdeira de todos os bens, em primeiro lugar, e ao próprio Miguel no caso de falecimento daquela.

— Para quê? — perguntou Salazar em vão, ainda que conhecesse a resposta de sobra.

— Bom, se pensar bem, não é nenhuma estupidez, senhor... É muito simples: ou a mim ou ao Estado — Miguel ergueu os ombros sem levantar os olhos do chão. — A sua filha já não vive, o senhor oficialmente também não e eu... Bom, confesso-lhe que tinha muita vontade e a si, não sei, enfim, suponho que lhe era indiferente... É verdade que possui um Van Gogh na sua colecção?

— Sim — Salazar respirou fundo. — E outros quadros de... Mas acho que te escapou um pormenor, é que tu estás tão morto quanto eu, Miguel...

— Nem tanto, nem tanto — o guarda-costas sorriu. Deixava bem claro que tinha pensado muito bem na sua situação e não teve problemas em descrevê-la. — Pense bem: ninguém sabe se eu entrei ou não naquele avião na ilha de Noronha... Com as pressas da descolagem, posso não me ter apercebido do acontecido por ter ficado sozinho em alguma praia da zona norte, por exemplo, a desfrutar de uns dias de férias ... E suponhamos que agora compro um barco e volto clandestinamente, e de repente apresento-me no hotel... Então... Bom, imagine o que acontecerá: informar-me-ão do sucedido, do acidente, da sua morte... A minha desolação será absoluta, fingirei comoção, incredulidade, desespero... E voltarei a Madrid com esse testamento escrito e assinado pela sua mão e... Porque um testamento assim é válido, não é?

— Sim — Salazar não teve outro remédio senão reconhecê-lo. — Pode ser que seja suspeito, talvez tenhas de responder a algumas perguntas, não sei. Mas sim..., um testamento escrito à mão é legal. Os testamentos hológrafos são perfeitamente válidos.

— E depois o senhor não tem outros herdeiros que possam... Como se diz?: impugná-lo. É isso, impugná-lo, não é verdade?

— Não. Não tenho... — voltou a reconhecer Salazar.

— Nesse caso, não seria melhor que eu desfrutasse de tudo isso em vez de passar para as mãos do Estado? Não é melhor que o senhor me deixe cuidar da sua casa, dos seus carros e aviões, do seu património artístico, de...? Caso contrário, quem sabe onde irão parar, senhor. E eu cuidaria de tudo melhor do que ninguém, prometo-lhe. Confie em mim, senhor Salazar. Considere, além disso, que para si seria, não sei como dizer-lhe...: um depósito. Imagine que um dia decide recuperá-lo... Estaria à sua disposição, senhor. Dou-lhe a minha palavra.

— Sim... — Salazar não imaginou motivos para o negar. De qualquer forma, ele não perdia nada e, em todo o caso, contra Miguel não sabia como comportar-se. Tinha chegado a uma situação limite: ou matava aquele homem ou estaria sempre nas suas mãos. E não tinha a coragem necessária para disparar contra ele. O melhor era afastá-lo e que este fizesse com a sua vida o que lhe apetecesse. De qualquer maneira, Miguel era suficientemente esperto para se sair bem daquilo e não atraiçoar o seu segredo, entre outras coisas, porque se se soubesse da verdade perderia o património que ia herdar. Definitivamente, não era um mau negócio, concluiu Salazar. Ele ficaria sozinho finalmente e Miguel teria de resguardar-se de qualquer suspeita, com o risco de perder tudo, incluindo a liberdade. Depois de tudo, não era mal pensado. E deu-lhe isso a saber.

Miguel, com o testamento na mão, apenas acrescentou que lhe dava jeito dispor de alguma coisa em dinheiro para conservar os bens como me-

reciam e aceitou uma verba de seis milhões de euros, prometendo-lhe que não voltaria a incomodá-lo nunca mais. E insistindo que Salazar saberia como encontrá-lo se precisasse dele: nele teria sempre alguém em quem confiar. Era um acordo no qual oferecia o seu silêncio e esquecimento do que tinha vivido nos últimos dias em troca de uma fortuna abandonada. Com o acrescido agradecimento eterno. Sim, a ideia não era descabida por completo, concluiu Salazar, e o pacto foi selado com a solenidade de um aperto de mãos.

Fechado o acordo dessa forma, Miguel perdeu-se uma manhã pelas ruas de São Paulo sem olhar para trás. Caminhou devagar, de costas, afastando-se com a sua mala de viagem e uma pasta cheia de notas. E aquela Beretta que tanto gostava de acariciar.

Antes de separar-se, Miguel tinha cumprido os dois últimos recados de Salazar: localizar o doutor Da Gama, com quem tinha combinado um encontro em Bogotá no dia 9 de Novembro e o lógico era que o mesmo tivesse cancelado a viagem ao saber pela imprensa da morte de Salazar; e depois entregar-lhe uma nota na qual, da parte do seu chefe, lhe confirmara o encontro «tivesse ouvido o que tivesse ouvido nos meios de comunicação em relação ao acidente e à morte». Entretanto, Salazar retirou da sua conta corrente do Banco do Brasil os seis milhões de euros, em dólares, para satisfazer o seu guarda-costas, e rapou a cabeça, comprou uns óculos não graduados, e o seu aspecto mudou radicalmente, podendo passear sem o incómodo da peruca e a barba postiça, mas apenas com uma pêra natural que em quatro dias lhe proporcionou um aspecto muito distinto.

Durante aqueles dias em São Paulo, anteriores ao inesperado pedido do testamento, Miguel tinha falado muito do seu futuro e das suas ambições pessoais. Todas tinham uma componente extraordinária porque quando não dizia que se propunha criar uma orquestra de câmara em Filadélfia, assegurava que o mais sensato seria fundar um Instituto de Estudos Filosóficos, em Buenos Aires ou no México, para abordar certos aspectos dos comportamentos de massas que agora não se estudavam.

Miguel. Aquele homem nunca o deixou de surpreender. Salazar pensava que este tanto poderia ser um génio como um louco, ou ambas as coisas, e que não estranharia se, mais tarde ou mais cedo, tentasse vender um exclusivo com a história daquela fraude, a verdadeira peripécia vital de Vinicio Salazar; mas confiava que tivesse decorrido tempo suficiente para que não houvesse dúvidas e a difusão daquela verdade não passasse de uma lenda inaceitável, numa hipótese sem provas, como as que se costumam espalhar aquando dos falecidos sem cadáver, ou com os mitos desaparecidos, como tinha acontecido com Carlos Gardel, Hitler, Elvis Presley, Marilyn Monroe e tantos outros.

Por isso era impensável para ele que alguma vez aceitasse a separação em troca de uma simples quantidade de dinheiro que, afinal das contas, com os seus afãs megalómanos, acabaria por delapidar. Assim, era mais tranquilizador o pedido do testamento hológrafo; aquela foi a melhor maneira de assegurar o seu afastamento. Quando Miguel indicou o número (mil milhões, disse, referindo-se às antigas pesetas) esta pareceu-lhe modesta a Salazar. O gesto de estranheza foi mal interpretado pelo guarda-costas:

— Se lhe parece muito...

— Não, não. Está bem — aceitou Salazar. — Mas preciso de vinte e quatro horas para reunir essa soma. Entretanto, quero que procures o doutor Da Gama e lhe entregues uma carta.

— Se não estiver no inferno, encontrá-lo-ei — sorriu o guarda-costas.

— Não, isso é uma coisa que ainda não consegui — Salazar fechou os olhos e voltou a abri-los, sem sorrir. — Tenho a certeza que alguém no Hospital Sírio-Libanês saberá dizer-te a morada.

— Com toda a certeza.

Agora, a 9 de Novembro, voava para Bogotá com os olhos postos nas nuvens de um céu brilhante que incomodava as pupilas, mas a que se tinha entregado para relembrar as últimas horas passadas perto de Miguel, um dos homens mais estranhos que tinha conhecido. E de quem se separou com grande alívio.

Nunca mais saberia dele. Ou talvez não?